

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Bernardo Marques Werneck

**UMA CARTOGRAFIA POR MEIO DOS MAPAS VIVENCIAIS
DOS DIFERENTES USOS DO *CAMPUS* DA UFJF**

**Juiz de Fora
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**UMA CARTOGRAFIA POR MEIO DOS MAPAS VIVENCIAIS
DOS DIFERENTES USOS DO *CAMPUS* DA UFJF**

Bernardo Marques Werneck

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Cassiano Caon Amorim

**Juiz de Fora
2019**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática
da Biblioteca Universitária da UFJF,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marques Werneck, Bernardo.

UMA CARTOGRAFIA POR MEIO DOS MAPAS
VIVENCIAIS DOS DIFERENTES USOS DO CAMPUS DA
UFJF / Bernardo

Marques Werneck. -- 2019.

122 f. : il.

Orientador: Cassiano C. Amorim

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal
de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação, 2019.

1. Território usado. 2. Teoria histórico-cultural. 3. Vivências.
4. Mapas vivenciais . 5. Campus da UFJF. I. Amorim,
Cassiano C., orient. II. Título.

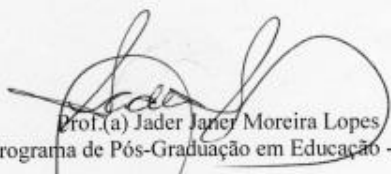
BERNARDO MARQUES WERNECK

**UMA CARTOGRAFIA POR MEIO DOS MAPAS VIVENCIAIS DOS DIFERENTES
USOS DO CAMPUS DA UFJF**

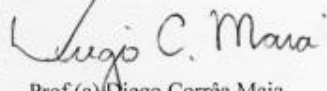
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre(a) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



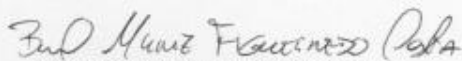
Prof.(a) Cassiano Caon Amorim - Orientador(a)
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF



Prof.(a) Jader Jancer Moreira Lopes
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF



Prof.(a) Diego Corrêa Maia
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP



Prof.(a) Bruno Muniz Figueiredo Costa
Colégio de Aplicação João XXIII - UFJF

Juiz de Fora, 22 de fevereiro de 2019.

*A todos os educadores e
educadoras que me inspiram
diariamente.*

AGRADECIMENTOS

Participar desse processo formativo não foi fácil. Medo, insegurança, ansiedade foram sentimentos constantes nesses últimos meses, os quais só foram possíveis superar devido àqueles que se fizeram presentes comigo nesse caminho.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos integrantes do grupo de pesquisa GRUPEGI, pelas inúmeras trocas de saberes – em especial ao Tito, pela disponibilidade infinita –; ao Jader, pela boa vontade e gentileza e ao meu orientador Cassiano, por ser tão acessível.

À minha família, em especial à minha mãe, pelo conforto trazido pelas palavras quando a distância entre as cidades existia; ao meu pai, por toda sua admiração e confiança; ao meu grande amigo e irmão, Fabrício, pelo companheirismo; à dinda, pela intimidade e sintonia; ao dindo, pelo alto-astral e segurança.

Agradeço também ao meu amigo, Luiz Henrique, pela parceria de sempre e aos amigos de Juiz de Fora pelo apoio ao longo destes dois anos.

Meus agradecimentos à Imagem Institucional da UFJF, por ceder as reproduções dos banners da campanha com foco na valorização das diferenças no campus universitário utilizadas para meu estudo.

Por último, agradeço à espiritualidade que se faz presente junto a mim.

Enfim, a todos sou grato pelo apoio, força e incentivo diários, os quais foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

Pesquisa de mestrado em educação que compreende o território usado do *campus* universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora como possibilidade formadora. Fundamentada na teoria histórico-cultural, a investigação de campo tem como objetivo desvelar os diferentes usos do *campus* da UFJF, acessando as vivências dos sujeitos participantes. No desenvolvimento teórico-metodológico, em uma perspectiva dialógica de aproximação com os pesquisados, foram produzidos mapas vivenciais, referenciados no conceito de vivência – em russo *Perejivanie* – de Vigotski. Na interpretação das falas e registros elaborados com os pesquisados são apresentados apontamentos que evidenciam singularidades das suas vivências constituídas nos usos desses espaços. A apresentação do trabalho traz com um breve relato de memória até a inquietação inicial que gerou a questão desta pesquisa. Em seguida, é discutido o caminho teórico-metodológico amparado principalmente em Santos (2011) e Vigotski (2006; 2010), os quais servem de sustentação para os trabalhos de campo. O trabalho contextualiza o recorte desta pesquisa, o *campus* universitário com a cidade em que está inserida, Juiz de Fora, com seu processo histórico de surgimento até a consolidação da UFJF. É elucidado a importância de um espaço público como o *campus* universitário na formação humana, e também apresentado as interpretações dos mapas vivenciais produzidos nos trabalhos de campos. Através desse trajeto teórico e prático, apontamos a necessidade do fomento e uso desse espaço público, o *campus*. Com inferências obtidas, a pesquisa demonstrou a imanência do meio geo-histórico com toda sua cultura gerada no processo de desenvolvimento do homem. A relação de unidade fundada entre o homem e o meio é primordial em sua constituição. As apreciações do material de campo nos revelaram categorias interpretativas evidenciando variados usos e relações com o *campus* universitário. Portanto, a utilização de uma nova metodologia para produção outra de cartografia e a potência do espaço público como formativo é o que essa análise pode contribuir no campo da educação e do ensino de geografia, a partir da seguinte questão de pesquisa: como os mapas vivenciais revelam os diferentes usos do *campus* da UFJF?

Palavras-chave: território usado; teoria histórico-cultural; vivências; mapas vivenciais; *campus* da UFJF.

ABSTRACT

Master's research in education that includes the used territory of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) *campus* as a formative possibility. Based on historical-cultural theory, the field research aims to unveil the different uses of the UFJF *campus* by accessing the experiences of its participants. Regarding to the theoretical-methodological development, in a dialogical perspective with the subjects of the research, vivencial maps were produced, which are referenced in the concept of experience – in Russian *Perejivanie* – by Vigotski. Concerning to the interpretation of the statements and records collected from the participants, notes were presented showing singularities of their experiences developed in the uses inside these spaces. The presentation of the work with a brief memory report in regard to the initial uneasiness that generated this research question. Then discussed the theoretical-methodological pathway mainly supported by Santos (2011) and Vigotski (2006; 2010), which serves as a support for the fieldwork. It's contextualized the cutting of this research, which includes the university *campus* as well as the city in which it is located, Juiz de Fora, with its historical process of rising until the UFJF consolidation. It's elucidated the importance of a public space such as the university *campus* in human training and also presented the vivencial maps interpretations produced in field works. Through this theoretical and practical path, we pointed out the need to promote and use this public space, the *campus*. After getting the inferences, the research showed the geo-historical environment imminence with all its culture that was generated in the process of a man development. The unity relationship established between man and the environment is outstanding in its constitution. The field material interpretations have revealed interpretive categories revealing various uses and relations with the university *campus*. Therefore, the use of a new methodology to produce another cartography and the power of the public space as a formative environment is the main contribution of this research in the field of geography education and teaching, based on the following research question: how do vivencial maps revel the different uses of the UFJF *campus*?

Keywords: used territory; historical-cultural theory; experience (*Perejivanie*); vivencial maps; *campus* from UFJF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – UFJF e seus principais espaços	16
Figura 2 – Diferenciações entre cartografias.....	34
Figura 3 – Mapas com as delimitações do <i>campus</i> universitário da UFJF em Juiz de Fora	36
Figura 4 – Base do mapa vivencial. Campus da UFJF.....	37
Figura 5 – Mapa de localização do município de Juiz de Fora.....	40
Figura 6 – Banners dispostos no <i>campus</i> universitário	53
Figura 7 – Banners dispostos no <i>campus</i> universitário.....	54
Figura 8 – Usos do <i>campus</i>	55
Figura 9 – Usos do <i>campus</i>	56
Figura 10 – Usos do <i>campus</i>	56
Figura 11 – Usos do <i>campus</i>	57
Figura 12 – Usos do <i>campus</i>	58
Figura 13 – Usos do <i>campus</i>	59
Figura 14 – Usos do <i>campus</i>	59
Figura 15 – Usos do <i>campus</i>	60
Figura 16 – Usos do <i>campus</i>	60
Figura 17 – Usos do <i>campus</i>	61
Figura 18 – Usos do <i>campus</i>	61
Figura 19 – Usos do <i>campus</i>	62
Figura 20 – Usos do <i>campus</i>	62
Figura 21 – Usos do <i>campus</i>	63
Figura 22 – Usos do <i>campus</i>	63
Figura 23 – Usos do <i>campus</i>	64
Figura 24 – Usos do <i>campus</i>	64
Figura 25 – Categorias interpretativas.....	66
Figura 26 – Quadro de identificação das categorias interpretativas.....	66
Figura 27 – Mapas vivenciais: locais de elaboração.....	68
Figura 28 – Sujeito 1.....	70
Figura 29 – Sujeito 2.....	71
Figura 30 – Sujeito 3.....	72

Figura 31 – Sujeito 4.....	73
Figura 32 – Sujeito 5.....	74
Figura 33 – Sujeito 6.....	75
Figura 34 – Sujeito 7.....	76
Figura 35 – Sujeito 8.....	77
Figura 36 – Sujeito 9.....	78
Figura 37 – Sujeito 10.....	79
Figura 38 – RU – Sujeito 2.....	81
Figura 39 – ICH – Sujeito 1.....	83
Figura 40 – Ponto de ônibus – Sujeito 7.....	90
Figura 41 – Praça Cívica – Sujeito 8.....	91
Figura 42 – FALE – Sujeito 2	94
Figura 43 – Anel viário – Sujeito 2.....	98
Figura 44 – IAD – Sujeito 2.....	100
Figura 45 – IAD – Sujeito 3.....	100
Figura 46 – Submundo – Auditório Abandonado – Sujeito 3.....	100
Figura 47 – Anel viário – Sujeito 4.....	102
Figura 48 – Anel viário: subidas e descidas – Sujeito 5.....	103
Figura 49 – Odontologia – Sujeito 8.....	105

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
1.1. APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DO ESPAÇO DO <i>CAMPUS</i>	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	17
2.1. A TRAJETÓRIA DAS IDEIAS DE VIGOTSKI E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	26
3. A CIDADE DE JUIZ DE FORA E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO <i>CAMPUS</i> UNIVERSITÁRIO	39
3.1 A UFJF COMO <i>LÓCUS</i> PARA O DESENVOLVIMENTO DO HOMEM	45
4. A PESQUISA COMO ACONTECIMENTO: O QUE REVELAM OS MAPAS VIVENCIAIS DO <i>CAMPUS</i> DA UFJF	65
4.1 METODOLOGIA DE ABORDAGEM.....	65
4.2. CADERNO DE MAPAS.....	69
4.2.1 DETALHAMENTO.....	80
CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	118

1. APRESENTAÇÃO

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Eduardo Galeano

Imerso na educação desde os meus primeiros dias, sou filho de professora de história e afilhado de pedagoga. No ano de 1990, as duas – até então colegas de trabalho na rede estadual de educação do Rio de Janeiro, no município hoje de Paty do Alferes (RJ) – resolvem abrir uma escola onde meu irmão mais velho, hoje jornalista, também formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pudesse estudar e ter contato no processo de ensino e aprendizagem com aquilo que as duas acreditavam. Ambas deixam a rede pública de ensino para se aventurarem no projeto da escola que, neste ano, completou 29 anos. Lembro-me da rotina de acordar todos os dias cedo, não por obrigação, mas para brincar, afinal, nada melhor que ter uma escola com muitas crianças para passar o dia. Assim, me levantava todos os dias junto de minha mãe e passava o turno da manhã na escola, até chegar a hora de voltar para casa, me arrumar e almoçar, porque era a minha vez de ir para a escola de maneira formalizada.

Convivi com meninos e meninas de diferentes faixas etárias na minha infância. Jogava futebol, queimada, pique-bandeira. Guardo a memória com muito saudosismo. Desse modo, ainda sem perceber, fui crescendo em um ambiente da cultura escolar, participando das atividades escolares ao lado de minha mãe e minha madrinha na direção da escola.

Sempre ouvi de minha mãe, dentro e fora da escola, que só existe um caminho no mundo, e ele é através da educação. Este simples dizer de minha mãe pode ser percebido rapidamente em um bate-papo e em sua certeza ao acordar todos os dias para abrir o portão e recepcionar cada aluno na entrada da escola. Essa atitude me fez entender a educação como a porta que devemos atravessar. É esperançoso.

Juiz de Fora, portanto, sempre se fez presente. Com a dinda (assim carinhosamente chamada), irmã de minha mãe, morando na cidade há anos, nós sempre vínhamos com a família para visitá-la. Sobre ela é difícil falar; feliz aquele que um dia puder ter uma prosa e se contagiar com sua energia. Sempre presente

numa sintonia muito forte, apresentou-me a Juiz de Fora ainda muito jovem. Atravessar a Avenida Rio Branco a noite de ponta a ponta para ver as luzes da cidade era um dos meus programas prediletos. Lembro-me de suas explicações sobre o lugar e sobre onde se localizavam as suas principais avenidas. Desse relato descrito, trago Vigotski sobre a reelaboração do mundo ligado a memória:

A primeira forma entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. (VIGOTSKI, 2009, p. 20)

Assim comecei compreender a dimensão espacial da cidade. Hoje, a dinda também tem a sala de aula como atuação, partilhando todo seu conhecimento sobre a arte da fotografia com seus alunos.

Também nessas muitas vindas para Juiz de Fora, ouvia meus pais demonstrarem o interesse de se mudarem para a cidade. Mas minha mãe sabia que a sua escola precisava dela e, assim, deveria continuar na nossa cidade. O desejo então foi posto nos filhos para que ingressassem na UFJF. Essa vontade era expressa sempre que possível. E assim foi feito, primeiro meu irmão e, alguns anos depois, eu. O desejo dos meus pais foi concretizado.

No decorrer da graduação, ingressei no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) no quinto período do curso e, por mais três períodos, esse programa contribuiu para reafirmar minha certeza pela docência e me apresentou diferentes contextos em que as escolas estão inseridas.

Fui estudante da rede particular de ensino durante a escola básica. A rede pública estava em mim apenas pelas palavras de minha mãe, que fora professora do estado no Rio de Janeiro, e através das muitas discussões em sala de aula durante minha formação no ensino superior.

A oportunidade de ter um experiente professor lhe acompanhando nas salas de aula contribui para a segurança de todos que farão isso pela primeira vez. A metodologia de inserção do estudante de licenciatura adotada pelo PIBID ameniza diferentes incertezas que são criadas ao longo do curso de formação de professores. Ao invés de alimentar estas, o programa possibilita o futuro professor inserir-se de maneira gradual e ser acompanhado diariamente no seu processo de ensino, colaborando para uma formação completa em que diferentes falhas e dúvidas

possam ser sanadas através do acompanhamento minucioso de sua prática em sala de aula.

Fora da escola básica, tínhamos o momento de reflexão dentro da Faculdade de Educação. Esses momentos garantiam voz a todos que nesse processo estavam inseridos, desde o coordenador do projeto, os professores responsáveis nas escolas pelos “pibidianos”, até os estudantes que buscavam complementar sua formação. Sem criar distâncias entre os sujeitos do programa, podíamos discutir e buscar inúmeros caminhos de maneira coletiva e pensar projetos a serem desenvolvidos com os alunos das escolas.

Concomitante, o PIBID oferecia uma formação complementar dentro da UFJF para o estudante de licenciatura, assim como oferecia formação continuada para os professores responsáveis da escola básica. “Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1983, p. 79). Nessas palavras de nosso patrono da educação, fica evidente a necessidade da comunicação entre indivíduos e a percepção de nosso inacabamento enquanto sujeitos históricos atuantes no mundo.

Assim, pude me formar e, ao me inserir no mercado de trabalho, contar com a experiência adquirida durante dois anos de acompanhamentos e orientações oportunizadas pelo programa. Lecionei por um ano na minha cidade de origem, Paty do Alferes (RJ), até ingressar no Colégio de Aplicação João XXIII, vinculado à UFJF, em 2017. Também por um ano pude desenvolver na escola metodologias junto aos alunos, aproveitando a estrutura oferecida pela escola. Diversas formas de linguagens durante as atividades, assim como os diálogos constantes com as turmas foram marcantes e muito construtivos.

Além do PIBID, outra oportunidade surgiu ao final do ano de 2015. Iniciei meu contato com os estudos de Vigotski junto ao GRUPEGI, (Grupo de Pesquisa e Estudo de Geografia da Infância). Nos muitos encontros, passei a compreender de maneira outra como se dá o processo de desenvolvimento dos sujeitos no mundo.

Enquanto estudante do ensino superior da UFJF, cursando a licenciatura em Geografia, tive oportunidades de vivenciar o *campus* da UFJF de diversas maneiras. A primeira observação foi seu fluxo diário, diferentes sujeitos se reunindo num espaço buscando pelo menos algo em comum, a conclusão em algum curso superior. Mais tarde, as oportunidades de transitar entre os cursos, e então passei a cursar algumas disciplinas em outras faculdades, como o Direito e a Ciências

Biológicas. Com o passar dos períodos da licenciatura, comecei a participar de discussões fora das salas de aula sobre diferentes temáticas que aguçavam meu interesse. Pude perceber como o conhecimento está espalhado por todos os sujeitos que pela UFJF circulam e como o *campus* é na verdade uma grande sala de aula.

O *campus* me saltava aos olhos. A quantidade de pessoas, os eventos, suas diferentes paisagens, sua organização, suas áreas livres e verdes. Pus-me na posição de refletir entre o menino que ingressara há quatro anos para dar início à graduação e como eu saíra, com novas ideias, grandes expectativas e uma visão de mundo outra. Nesse momento a vivência proporcionada no dia-a-dia no *campus* universitário se mostra a mim como crucial.

A vivência no *campus* universitário modificou minha maneira de ser e estar no mundo. Passei a pensar a potência desse espaço na vida das pessoas. Surge nesse momento uma inquietação de pesquisa. Aguçava-me a ideia de compreender a capacidade desse *campus* em contribuir na formação dos sujeitos que o vivenciam. Passo a pensar as aproximações dos conceitos trabalhados na ciência geográfica com os processos educativos discutidos por autores do campo da educação. Nesse momento, busco associar meus estudos junto ao GRUPEGI, em destaque os estudos de Vigotski e Milton Santos com seu conceito de território usado que se mostra adequado para ajudar a responder os anseios da pesquisa proposta.

A partir desse percurso de reflexão sobre o *campus* universitário com as ideias desses autores, surge a questão de pesquisa que orienta esse trabalho: *como os mapas vivenciais revelam os diferentes usos do campus da UFJF?*

1.1. APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DO ESPAÇO DO *CAMPUS*

A UFJF apresenta um grande *campus* na cidade de Juiz de Fora, foco desta pesquisa, onde se reúnem os institutos e cursos oferecidos pela instituição. Esta hoje possui noventa e três cursos de graduação, trinta e seis de mestrado e dezessete de doutorado. Assim, é importante salientar o grande fluxo dentro do *campus* da UFJF, cerca de vinte mil alunos por dia. A ampliação dos números dos cursos permitiu que mais estudantes pudessem recorrer à universidade para a formação em nível superior.

A instituição apresenta duas entradas, o pátio sul e o pátio norte, permitindo o acesso vinte e quatro horas por dia, sem a necessidade de identificação para adentrar os espaços da universidade. O *campus* também liga a região do município conhecida como “cidade alta”. Essa denominação vem sendo utilizada nos últimos anos devido a este bairro possuir a maior altitude da cidade. Portanto, o *campus* universitário é também uma importante rota de veículos¹, uma vez que faz ligação viária entre áreas populosas do município de Juiz de Fora em constante expansão urbana e demográfica.

Os institutos estão dispostos por todo o terreno do *campus* que se apresenta com morros e de maneira irregular. Assim, na área central, há um anel viário que circunda toda a praça cívica – onde são realizados eventos por parte da UFJF – e o prédio da reitoria. Este anel, além das pistas de automóvel, também possui pistas para corrida e bicicleta.

Ademais, há outros espaços para atividades, como pista de *skate* e um espaço com aparelhos para exercícios físicos. Além desses ambientes voltados para essas práticas, existem diversos outros que podem ser usadas das mais variadas formas. O bosque central, em frente ao prédio da reitoria, é sempre usado por conta da sombra de suas árvores, assim como um imenso espaço gramado ao lado da praça cívica. Estes são ocupados diariamente, em todos os turnos do dia, por diferentes sujeitos.

Recentemente, com a inauguração do Planetário da UFJF, visitas guiadas voltadas à população acontecem semanalmente, assim como atendimentos na área da saúde ofertados pela Faculdade de Medicina e Odontologia.

A Escola Municipal Santana-Itatiaia, da rede municipal de Juiz de Fora, está localizada na UFJF, dentro do *campus*, próxima à entrada norte, o que facilita o deslocamento dos responsáveis uma vez que atende principalmente crianças do bairro limítrofe ao *campus*.

Para o deslocamento de alunos e funcionários, a instituição disponibiliza ônibus gratuito que circula por todos os institutos.

Assim, para atingir os propósitos deste estudo, organizamos esta dissertação da seguinte forma: seguido do capítulo de apresentação, no capítulo 2, são

¹ Inaugurado durante o regime militar no Brasil, o *campus* da UFJF possuía restrições para o tráfego de veículos no anel viário. Após o processo de redemocratização do país nos anos 1980, a rota interna da universidade, que liga bairros da zona sul à região oeste onde está localizada a cidade alta, passou a ser aberta aos veículos – exceto caminhões – 24 horas.

apresentados e discutidos os referenciais teórico-metodológicos que embasam a pesquisa; no capítulo 3, é demonstrada a relação da cidade de Juiz de Fora com a UFJF; adiante, no capítulo 4, é apresentado o papel do *campus* universitário na vida de seus usuários e, por fim, no capítulo 5, são relatadas as interpretações do material de campo colhido. A conclusão desta pesquisa discorre sobre as dificuldades encontradas nesse percurso, assim como as contribuições da análise para os campos da educação e ensino de geografia.

A imagem a seguir conjuga o mapa disponibilizado pela UFJF com fotografias de seus principais espaço descritos na apresentação do *campus* acima.

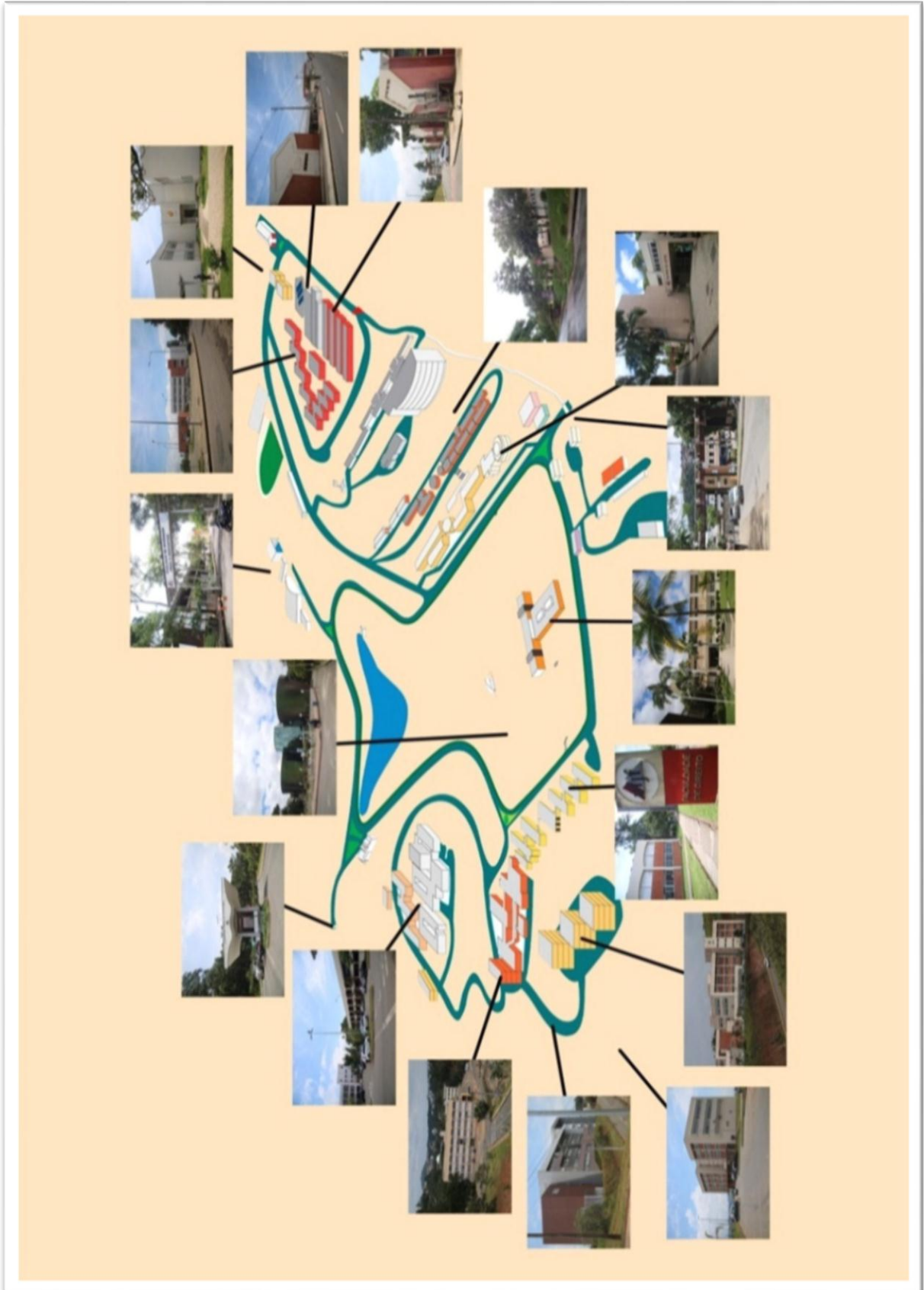


Figura 1 – UFJF e seus principais espaços

Fonte: site da UFJF. Fotos: Gleice Lisboa. Arte: Luiz Henrique Vieira de Souza

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A mudança do meio, longe de ser uma ilusão do ser humano, é um fato histórico que define a história humana.

Angel Pino

Para a realização dessa pesquisa – que busca dentro do campo da ciência geográfica, assim como no campo da educação, caminhos que possam auxiliar o debate teórico-metodológico –, o conceito de território, mais especificamente o de território usado em Santos (2011), guia as reflexões teóricas e empíricas juntamente com outro conceito vital para essa produção, a vivência definida por Vigotski (2010).

Dentro das ciências sociais, por longo tempo, o espaço como categoria analítica fora esquecido, privilegiando apenas estudos com narrativas temporais. O espaço retoma aos campos de reflexão quando se percebe mudanças nas relações sociais e a necessidade de outros objetos para constituir as análises. A partir de seu reaparecimento, o conceito volta a ser discutido, sendo apropriado ainda por outras áreas dentro das ciências humanas, e passa a ser amplamente debatido na ciência geográfica.

A partir de então, diversos autores se preocuparam com a questão do espaço em análises posteriores. Vigotski (2010) e Bakhtin (2014), ao refletirem sobre o processo de desenvolvimento humano, já apontavam a questão do meio como categoria importante nas ciências humanas. Assim, outros autores se dispuseram posteriormente a pensar o espaço colocando-o em relevância científica para as pesquisas, tal como Foucault (1986[1967]), que fez defesa de uma análise que levasse em consideração o peso do espaço geográfico na constituição da sociedade. Para o autor, o espaço possibilitaria análises diferenciadas no desenvolvimento societário, atribuindo uma mudança analítica do século XX, rompendo com estudos estritamente temporais. Com a chegada da modernidade, definitivamente a narrativa temporal assumia a maneira de conceber os eventos do mundo, fundamentando o método dentro das ciências humanas.

A grande obsessão do século XIX foi, sabe-se, a história: temas do desenvolvimento e da estagnação, temas da crise e do ciclo, da acumulação do passado, do grande excesso de mortos, do resfriamento ameaçador do mundo. Foi no segundo princípio da

termodinâmica que o século XIX encontrou a essência de seus recursos mitológicos. A época atual seria talvez, sobretudo a época do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo é experimentado, creio, menos como uma grande vida que se desenvolveria através do tempo, do que como uma rede que liga pontos e entrecruza seu emaranhado. Talvez seja possível afirmar que alguns dos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desenrolam entre os devotos descendentes do tempo e os aferrados habitantes do espaço. (FOUCAULT, 1986[1967], p. 22).

Falar sobre o conceito de território implica uma discussão prévia também sobre a própria palavra “território”, para então chegarmos a esse termo enquanto uma conceituação estudada e redefinida diversas vezes por estudiosos. Inúmeros autores buscam suas próprias definições para aquilo que se debruçam a estudar. Nesse trabalho, não temos a intenção de fazermos um levantamento das mais variadas definições possíveis e encontradas sobre o que é o território enquanto conceito, mas sim entender como a palavra, como um campo de disputa, modifica-se a partir das intencionalidades existentes, e logo novas definições vão surgindo. Ainda, é importante que esteja claro, que para a teoria histórico-cultural, um autor ao definir certa palavra/conceito o faz a partir da consciência de um coletivo no mundo. Esse coletivo representa a unidade entre o meio e o acontecimento da comunicação entre estes sujeitos no uso de qualquer palavra. De acordo com Volóchinov, “a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99).

Uma palavra, assim como qualquer objeto no mundo, pode transformar-se em um signo. Para que a palavra tome essa dimensão é imprescindível que haja um movimento social em seu entorno. Esse processo ocorreu com a palavra “território” dentro das ciências humanas, hoje amplamente discutidas pela geografia como um dos seus principais conceitos. Atribuindo a relevância do espaço geográfico para os estudos e análises, outras expressões do espaço geográfico ganharão força dentro do campo da geografia. Assume-se aqui a expressão do espaço como sinônimo de conceito – como já fora dito, diferentes autores se preocupam com essas definições não havendo, portanto, uma única definição ou consenso. Assim, assumo o território

como uma das possíveis expressões que o espaço geográfico pode exibir como tantos outros, como lugar, paisagem, região e redes.

Nessa incessante busca para definir o conceito, junto a essa definição é atribuído um aspecto ideológico a palavra. A transformação da palavra em um signo é oriundo do movimento que não acontece de maneira isolada ou por predileções individuais, mas ocorre em um tempo e espaço para um grupo social. Mesmo que somente um único indivíduo faça soar sua voz, ela é representativa de um coletivo que tem origem a comunicação e representação da palavra. Sobre a palavra, Volóchinov (2017, p. 95) reitera “enquanto signo, ela só consegue expressar sua ideologia, através do diálogo com outro signo já existente, e de fato esse acontecimento ocorre no processo de construção social entre os indivíduos.”

Mediante tal afirmação, vejamos a palavra território, que a partir de sua definição mais clássica – um conceito que entremeia uma porção do espaço geográfico atrelado a algum tipo de poder –, é o ponto de partida para as outras definições possíveis encontradas hoje dentro da ciência geográfica. Santos e Silveira (2011) ao afirmarem e atribuir outra palavra junto ao clássico conceito de território, a palavra “uso”, para seu “território usado”, demonstra essa necessidade das referências de um signo anteriormente construído para a criação de um novo. O autor então redefine, a partir de sua ótica para o território, lançando mais uma interpretação acerca desse conceito. Para os autores, o território usado é sinônimo de espaço geográfico amplamente disputado pelos agentes produtores do espaço e suas intencionalidades. Ainda ressaltam que os conceitos de território, isolados das apropriações que são feitas, por si só, não falam do território, é preciso entender seus usos e finalidades para se tornar um objeto social. O território sem o uso seria apenas uma forma dada ao espaço geográfico, enquanto no território usado apareceriam os “objetos e ações sinônimas de espaço humano”. (SANTOS, 1996, p. 16 *apud* HASBAERT, 2004, p. 59).

Santos buscou diferenciar território de espaço geográfico, compreendendo seu uso, que no território é empregado por diferentes atores. Corroborando com o pensamento do autor, Souza et al. (2003) contribuem com a discussão afirmando que “o território usado, modernamente, é entendido não apenas como limite político administrativo. Senão também como espaço efetivamente usado pela sociedade e pelas empresas”. Esta percepção expõe com clareza e distinção o entendimento de território usado para outras noções de território existente, distanciando de um

território puramente conotado por um poder de Estado para assegurar seus limites. Através dessa mesma percepção, também se distancia de um conceito de espaço geográfico como mero palco para as atividades humanas e o coloca em poder de decisão.

Pensar o território para além de um simples palco, como Santos foi enfático em suas análises acerca de um território usado, é demonstrar como o uso do território é a imanência para as ações humanas (SOUZA et al., 2003), não podendo ser então, mais uma vez ressaltando, um simples palco de atuação, mas sim um diferencial e atuante nas escolhas dos lugares para as ações do homem.

Sack (2011) demonstra também uma utilização da palavra território para o campo da ciência geográfica narrando um simples acontecimento cotidiano:

Considere um pai norte-americano dos século XX [...]. Ele está em casa fazendo suas atividades domésticas e pensando em seus dois filhos pequenos. Enquanto aspira o pó, ele sabe que seus filhos estão na cozinha ajudando a lavar a louça. A dificuldade é que os bem intencionados ajudantes estão perto de derrubar perigosamente os pratos. [...]. Geograficamente falando, o pai norte americano [...] tem somente duas estratégias para evitar o desastre. Ele pode ter uma conversa cara a cara, coração a coração com seus filhos, agradecendo pelos seus esforços, mas explicando que poderá haver dificuldades se eles continuarem. Ele também pode remover as louças do seu alcance [...]. Em ambos os acontecimentos, o pai é tentado a controlar as ações de seus filhos e o acesso deste ao espaço, focando em objetos específicos de ações, como as louças [...] A intenção é alterar o acesso das crianças às coisas no espaço, mas ali territorialidade não está sendo invocada. Territorialidade [...] é aceita quando o pai decide simplesmente restringir o acesso da criança as coisas no espaço, dizendo-lhe que elas não podem entrar na cozinha sem permissão [...] Nesse caso, o pai está a limitar o acesso das crianças às coisas declarando controle sobre uma área. (SACK, 2011, p. 72)

Como já mencionado acerca do território, distintas definições podem ser encontradas. Para a geografia, a relação de poder relacionado diretamente ao espaço geográfico é importante para a exatidão que essa expressão do espaço geográfico assume, demarcando a diferença entre os dois conceitos, assim como outras relações para a definição de outras expressões do espaço precisam ser estabelecidas. Analisando o território a partir uma relação de poder posta – digo uma, pois o poder se dá em diferentes escalas, dimensões e muitos agentes –,

estabelece-se uma distinção para o espaço geográfico, sendo esse definido de maneira mais abstrata.

Haesbaert (2004) faz uma síntese baseada em Haesbaert (1995; 1997) e Haesbaert e Limonad (1999) das principais definições para o território, são elas:

- Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico político (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado.
- Cultural (muitas das vezes culturalistas) ou simbólicos-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
- Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital- trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2004, p. 40).

A dimensão de análise a partir dessas definições será assumida pelo pesquisador de acordo com o método adotado. Ainda é importante salientar a existência daqueles que consideram o território para além de sua materialidade, adicionando, assim, ao conceito de território uma subjetivação. Essa dimensão subjetiva relacionada ao espaço geográfico, na geografia, usualmente aparece quando discutimos outra expressão do espaço geográfico, o lugar. Por isso insisto no conceito de território usado, pois no uso não há só a materialidade em seu aspecto econômico, mas na sua dimensão social (SANTOS, 2005) envolvendo a própria vida em si: o material, o imaterial, o simbólico e o devir. Elementos importantíssimos a serem ressaltados para o que essa pesquisa propõe: compreender os usos do *campus* da UFJF acessando as vivências dos sujeitos.

Outra dimensão do conceito de território que os geógrafos também ressaltaram diz respeito a um território de cunho biológico muito forte, fazendo praticamente uma transposição do território do mundo animal para atividade humana no espaço geográfico. Assumindo a teoria histórico-cultural neste trabalho, não compreendemos o território de maneira naturalizada em que as atuações humanas, portanto ações culturais, são desconsideradas. É de considerar-se o aspecto geográfico que devemos revelar também nessa teoria, uma vez que assumimos o meio como instância fundamental no desenvolvimento humano, também estamos

assumindo o espaço geográfico onde as relações humanas acontecem. Desse modo, trago para a conversa Lopes (2013) ao expressar-se:

Se a história humana produz o espaço geográfico, as paisagens, os territórios, os lugares, são esses que possibilitam os próprios processos humanos. As novas gerações ao nascerem encontram uma história da humanidade a partir dos espaços erguidos na superfície terrestre, estão entre os primeiros processos de mediação. As “formas” erguidas (entendidas aqui em seu caráter material e simbólico) são frutos da história humana, mas ao mesmo tempo são locais de onde a história humana constantemente se inicia; é fim, é começo, é gênese, formam as relações espaciais humanas, não são vazios. Se o espaço geográfico é produzido e produz a história humana, constitui também o humano. Existe, assim, uma dimensão geo-histórica nesse processo. (LOPES, 2013, p. 130)

Retomando a discussão acerca da palavra, esta tem a capacidade de assumir qualquer atribuição, pois é uma possibilidade única que as palavras possuem, diferente de qualquer outro signo, justamente por estar no movimento de mundo no tempo presente, mas que se altera com os novos processos estabelecidos na cultura dos sujeitos, de acordo com os espaços que estão inseridos. Percebemos, portanto, claramente, a flexibilidade que as palavras assumem no diálogo social. Não é diferente para os conceitos dentro das diversas áreas do conhecimento científico que se modificam a partir de redefinições conforme a necessidade que o grupo social apresenta.

Retomando a discussão da palavra assumindo quaisquer funções ideológicas (VOLÓCHINOV, 2017), é importante destacar que a consciência individual humana possui a capacidade de generalizar o objeto, gerando um signo ideológico. Para refletir a questão relativa a essa discussão, voltemos ao conceito de território e analisemos o uso verbal pelas pessoas de maneira corriqueira. Assim como muitas outras palavras, a palavra território é usada com as mais diversas atribuições que os interlocutores julgam caber. Vamos exemplificar com uma simples frase: “A internet hoje é um território em disputa”. A noção de território de maneira generalista explica bem essa concepção ideológica. Se não fosse a vivência ocorrida e a apropriação cultural pelos sujeitos, o território não seria ideológico, mas apenas parte do mundo, assim como um simples objeto físico que não tem atribuição de valor. Essa apropriação pelos indivíduos e sua disseminação generalizada acontece pelo

entendimento de que basta julgar possível a palavra em determinada colocação que o uso é feito socialmente. Isso é possível que aconteça uma vez que a palavra território já recebeu a qualidade de signo no entendimento dos sujeitos que a usam.

Justificando essa posição da palavra no mundo, Volóchinov diz:

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na consciência ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é um aparte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação social e suas formas de base material. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110)

Destrinchando os elementos acima apontados pelo autor, faço as análises a partir do objeto de estudo, o território que é comumente usado pelos sujeitos. A generalização das palavras é capaz de mascarar as escolhas feitas por eles, logo a ideologia por trás posta, construída e disseminada socialmente, é o principal atributo na sua escolha, mesmo que possa parecer inconsciente o uso.

O território fora do meio social e distante dos sujeitos que constituem os grupos sociais não carregaria uma ideologia, podendo aparecer como uma simples palavra e talvez não fosse sequer tão utilizada no cotidiano. Nos campos dos conhecimentos científicos, como a geografia, se não fosse a ideologia atribuída a esse conceito, outras definições poderiam ser utilizadas para definir o que chamamos de território. Ou até mesmo não existiria uma definição como território, pois o que conhecemos só existe a partir da necessidade de ressignificar suas ideias e, de maneira coletiva, cientificamente há a necessidade de busca por uma palavra enquanto conceito.

A palavra simboliza e faz parte do mundo, portanto, qualquer análise que esteja separada das bases materiais é ferir a produção das palavras dos grupos sociais constituídas no meio. A ideia de meio, da mesma forma que o conceito de território tem implicações e desdobramentos em nossos estudos. Dialogando com essa ideia junto à palavra/conceito território, compreendemos a necessidade de uma explanação mais aprofundada que dialogue com conceitos fundamentais para esse trabalho. Assim sendo, trago a definição de meio segundo a teoria histórico-cultural, que em russo é escrito “*sredá*”. Segundo Vinha, (in Vigotski, 2010) ao

traduzir a “Quarta aula” de Vigotski (2010, p. 681) onde Lopes menciona:

No Pequeno Dicionário Enciclopédico Brockhaus e Efron, o termo *sredá* refere-se tanto ao “meio ambiente em que se dá determinado processo” como ao “ambiente psíquico ou cultural e mental no qual o homem se insere. (LOPES, 2013b, p. 129)

É com essa concepção de meio que essa pesquisa dialoga. Meio esse que, através das ações e usos dos espaços pelos sujeitos, se relaciona com a criação de uma cultura que os atinge, contribuindo para os processos de desenvolvimento de acordo com as vivências que cada um constitui. Tal conceito, de grande importância na teoria histórico-cultural de Vigotski, é fundamental para o desdobramento desse estudo. Essa compreensão aborda o desenvolvimento humano como a unidade entre o ser e o meio, onde a existência se constitui nos movimentos do indivíduo no espaço sociocultural. (JEREBTSOV, 2014).

Ao tratar do conceito de vivência, Vigotski destaca a unidade entre o “interno” e o “externo” na situação social de desenvolvimento. Nesse sentido, as vivências podem ser compreendidas como indicadores de etapas da tomada de consciência do mundo interno relacionadas às etapas de vida, envolvendo “a existência em geral com base nas formas e valores simbólicos transformados pela atividade interna, emprestados da cultura e devolvido a ela” (JEREBTSOV, p. 19, 2014).

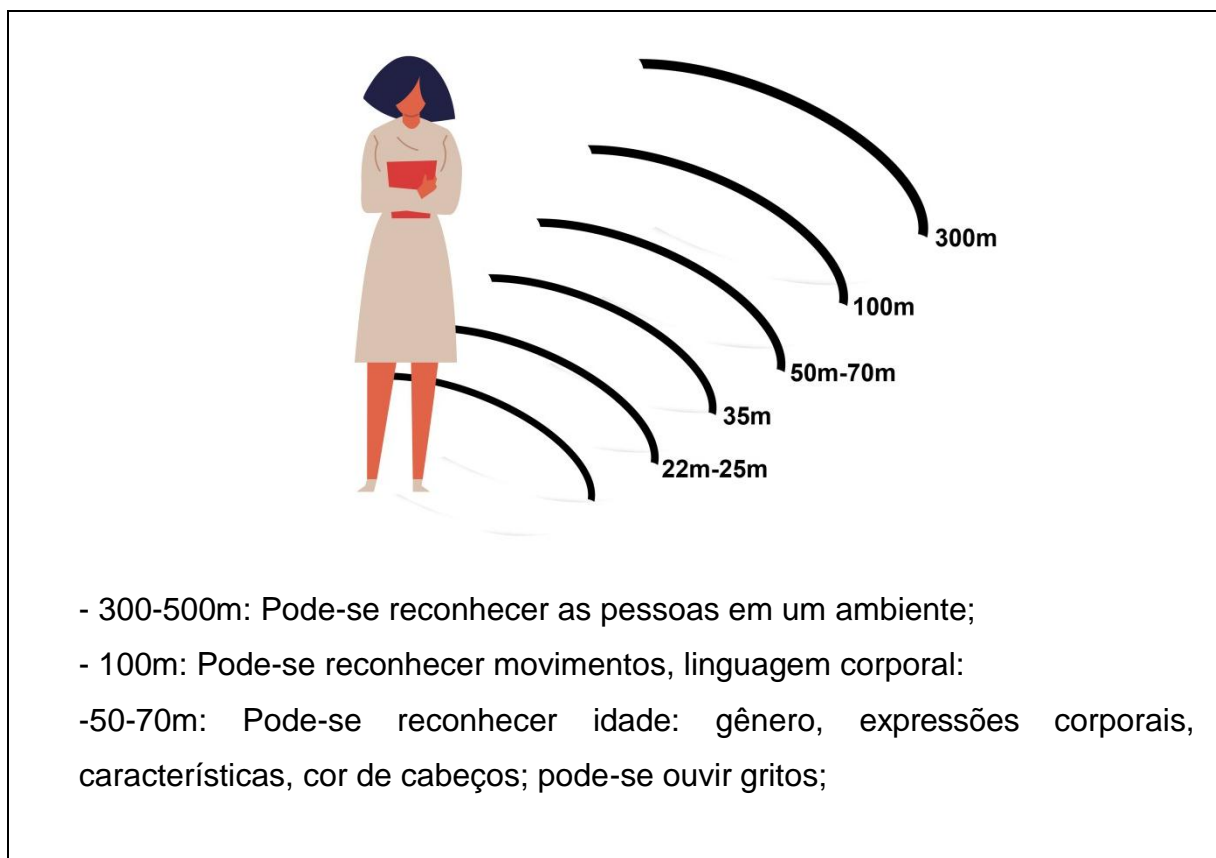
Santos e Silveira (2011), em seu conceito de território usado, atribuem ao território uma dimensão não somente de base econômica como comumente é referenciado. Mais uma vez, as definições parecem não dar conta dos conceitos que se entrelaçam muitas vezes. Digo isso porque é preciso lembrar que para o autor, o território usado é compreendido como o próprio espaço geográfico, numa dimensão aberta e que pode variar em diferentes escalas, desde a global a mais próxima do sujeito, a local. Portanto, nesse trabalho ainda é preciso adequar o que chamamos de “território usado” para a escala do recorte espacial estabelecido pela pesquisa, o *campus* da UFJF. Nesse movimento, os estudos de Gehl (2015) nos ajudam a entender a dimensão humana em relação ao espaço geográfico e, conseqüentemente, as contribuições trazidas por Vigotski (2006; 2010) sobre meio, unidade e vivência.

Gehl (2015) afirma que o advento da modernidade trouxe para as cidades traços que as distanciaram do homem. Com enormes prédios, vias extremamente

largas, priorizando o uso dos automóveis, em detrimento da locomoção a pé, assim como espaço privados sobrepondo os públicos, as relações estabelecidas pelas pessoas na cidade mudou. “A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada” (GEHL, 2015, p. 03). Aludindo ao pensamento desse autor, podemos pensar então na função social exercida pela UFJF e da necessidade de aparelhos urbanos como o *campus* universitário. Nesse espaço urbano, as relações com o espaço e entre os sujeitos que usam o *campus* são fortalecidas. Dessa forma, podemos então atribuir um território usado pelos sujeitos numa escala totalmente humana.

De acordo com Gehl, os sentidos humanos estão diretamente associados à escala humana. Lopes² propõe um breve quadro relacionando as distâncias e os sentidos:

OS SENTIDOS HUMANOS, RELAÇÕES DE DISTÂNCIA E PROXIMIDADES



² LOPES, J. J. M. **As formigas também saem para passear**: por uma escala das crianças e suas vivências espaciais. In: ____ CHAIGAR, Vânia A.M. et all. **As cidades, as crianças e os animais**. Ed. Appris. 2018. Quadro adaptado do texto.

- 35m: Pode-se comunicar em voz alta (de forma unilateral, como em palcos);
- 7m (e distâncias menores): Pode-se ocorrer uma conversa (quanto menor a distância mais detalhada e articulada); compreende-se os sentimentos e há uma percepção detalhada dos sentidos do outro;
- 0-45cm: considera-se uma distância íntima (fortes emoções são compartilhadas);
- 45cm-1,20m: considera-se uma distância pessoal (entre amigos próximos, familiares...);
- 1,20-3,70m: considera-se uma distância social (partilhas de conversas sobre trabalhos, por exemplo)
- mais de 3,70m: considera-se uma distância pública (conversa mais formais).

Essas análises minuciosas demonstram a necessidade de produção de espaços urbanos que se adequem aos sentidos e escalas humanos, favorecendo a comunicabilidade entre as pessoas. Nessa relação de unidade entre a pessoa e o meio, que tanto para Gehl quanto para Vigotski é realizada a partir do uso do território como apontado por Santos, podemos compreender os usos do *campus* da UFJF pelos sujeitos neste espaço a partir de suas vivências.

Sobre Vigotski, autor que sustenta o aporte teórico junto com outros já mencionados nessa pesquisa, torna-se imprescindível que apresentemos as perspectivas na qual nos debruçamos a compreender suas ideias.

2.1 A TRAJETÓRIA DAS IDEIAS DE VIGOTSKI E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO

A obra de Vigotski, ainda não conhecida por completa, foi produzida com muito empenho principalmente nos seus últimos anos de vida. Vigotski viveu apenas 37 anos e conseguiu, nesse curto espaço de tempo, contribuir com ideias e ampliar a fundamentação teórica que nos surpreendem e ao mesmo tempo nos empolgam por sua atualidade.

Comumente é referenciado em duas áreas do conhecimento, a psicologia e a pedagogia, que por vezes se entrelaçam na compressão de suas teorias. Porém, ao estudarmos sua história, percebemos sua trajetória acadêmica nunca separada da

vida, deparamo-nos com um Vigotski que se interessava por diversas áreas do conhecimento e percebia um mundo histórico almejando dentro de suas possibilidades um mundo novo para um homem novo.

Vigotski participou intensamente do processo de revolução na Rússia. Assim como outros pensadores das mais diferentes áreas, sofreu com a censura imposta quando Stalin chega ao poder. A censura refletiu em suas obras com inúmeros termos originais retirados de seus textos, provocando grandes equívocos de sentido em suas teorias para seus leitores.

Nascido em Orcha, logo teve que deixar sua terra natal. Ainda muito jovem, ao mudar-se para cidade de Gomel para cursar o ginásio, uma importante marca de seu estilo, enquanto pesquisador, já começava a desapontar e então monta um clube para estudos sobre História. Jerebtsov realça essa preocupação na personalidade do autor ao dizer:

a abordagem histórica referente a qualquer problema era característica do seu pensamento. Nas atividades do clube isso se revelava de forma clara. A abordagem dialética e histórica que manteve durante toda a vida já se manifestava brilhantemente naquela época. (JEREBTSOV, 2014, p. 10)

Seu ingresso na Universidade Imperial de Moscou se deu através das cotas para judeus, com destaque no ginásio, e no ano de 1913 teve início então sua vida acadêmica. Cursou concomitantemente duas faculdades e ainda exercia outras atividades. Durante parte de sua vida conviveu com a tuberculose, doença que na época levou muitas pessoas a óbito. Os anos finais de sua vida foram de intensa produção. Percebendo a seriedade da doença e o estágio de sua saúde, Vigotski buscou sistematizar ao máximo sua obra e conseguiu estabelecer uma nova teoria para os estudos do desenvolvimento da psique humana, que entendemos hoje como teoria histórico-cultural.

Brevemente com relatos do seu trajeto histórico acima, podemos ter ideia da genialidade deste autor. Seus escritos chegaram ao Brasil através da pedagogia no final da década de 1970. A entrada de suas obras se deu a partir de traduções de variadas línguas, e muitas delas, sabemos hoje com novas pesquisas acerca de sua autenticidade, tiveram traduções equivocadas e até grandes partes retiradas. Antes mesmo de chegar ao ocidente, suas ideias foram censuradas ainda no regime Stalinista. A censura e perseguição se espalharam por todo o território russo.

Diversos termos foram proibidos de serem usados sob a acusação de fugir ao marxismo, qualquer campo do conhecimento deveria está diretamente vinculado aos ideais marxistas preconizados por Stalin. Por exemplo, a palavra pedologia³ fora retirada na publicação original “Pedologia Infantil”, na União Soviética, e a palavra psicologia tomou seu lugar. (PRESTES, 2012). A pedologia enquanto ciência sofreu grande censura e seus estudos, que se diferenciam da pedagogia e da psicologia, foram abandonados em muitos países.

Vigotski, inclusive enquanto pedólogo enxergava nessa ciência a possibilidade dos estudos do homem, na tentativa de traçar um caminho na formação de uma nova sociedade que poderia ser formada como nunca antes em qualquer outro lugar. A pedologia concebe o desenvolvimento da criança como objeto direto e imediato da nossa ciência (VIGOTSKI, 2015, p. 02 *apud* SANTANA, 2016, p. 128).

Quanto às suas publicações fora da União Soviética, um bom exemplo dos cortes feitos nas obras do autor está na primeira edição de “Pensamento e linguagem” que chegou ao Brasil em 1987, cuja tradução é feita de uma versão norte-americana. Esta primeira tradução apresenta-se resumida, com uma diferença de trezentas páginas para a mais recente tradução feita diretamente do russo, em que o título da obra é “A construção do pensamento e da linguagem”.

Prestes é enfática ao criticar a forma como o pensamento de Vigotski circula pelo mundo. Segundo ela, “os organizadores e tradutores não disfarçam a atitude violenta e prepotente e apresentam seus argumentos para os cortes feitos” (PRESTES, 2012, p. 06). A pesquisadora apresenta os argumentos dos tradutores das obras de Vigotski, quais sejam:

A primeira edição de Pensamento e Linguagem apareceu alguns meses após a morte de seu autor. Ao preparar o livro para publicação, Vigotski tentou juntar ensaios avulsos num todo coerente. Muitos deles haviam sido escritos anteriormente, e alguns haviam sido publicados; outros foram ditados durante a fase final da doença. O livro não é muito bem organizado – talvez por ter sido preparado as pressas – o que torna um tanto difícil a apreensão imediata de sua unidade interna essencial. Algumas discussões são repetidas quase que palavra em capítulos diferentes, quando não no mesmo capítulo; numerosas digressões polêmicas fazem com que o desenvolvimento das ideias seja um tanto obscuro.

³ Do grego: estudo sistemático da vida e do desenvolvimento das crianças (Dicionário Houaiss).

[...] Ao traduzir o livro, simplificamos e tornamos mais claro o estilo de Vigotski, ao mesmo tempo em que nos esforçamos para produzir com exatidão o seu sentido. A organização interna dos capítulos foi preservada, exceto no Capítulo 2, onde omissões externas resultaram em uma reestruturação do texto e em um número extremamente reduzido de subdivisões.

Embora nossa tradução mais compacta pudesse ser considerada uma versão simplificada do original sentiu que a condensação aumentou a clareza e legibilidade do texto, sem qualquer perdão quanto ao conteúdo do pensamento ou à informação factual. (VIGOTSKI, 2005a, *apud* PRESTES, 2012, p. 06).

A interferência sofrida em seus textos pelos tradutores criou um Vigotski diferente do autor dono de suas ideias e teorias. A omissão arbitrária de capítulos na busca por uma determinada clareza criou um hiato na obra que aquele que se debruça a estudá-lo deve sentir-se, no mínimo, incomodado.

Portanto, o Vigotski e seus conceitos que trago para essa pesquisa, pode ser considerado um novo Vigotski, a partir das novas traduções diretas do russo para o português. A apreensão de novas ideias e o entendimento de alguns conceitos de maneira outra passaram a auxiliar as pesquisas dando maior coerência a sua teoria.

Entre os variados conceitos elaborados por ele, destaco o conceito de unidade, fundamental no caminho teórico-metodológico que a pesquisa toma. Unidade é um conceito chave no pensamento do autor. Vigotski apresenta suas ideias sem dissociar os processos que ocorrem concomitantemente. Por exemplo, em seu artigo “A crise dos sete anos, 2006”, faz duras críticas aos métodos utilizados para estudar a criança enquanto ser social. O autor diz:

Reconhecemos em palavras que deve estudar-se conjuntamente a personalidade da criança e seu meio, mas não cabe supor que a influência da personalidade está de um lado e de outro a influência do meio e que tanto um como o outro atuam como forças externas. De fato, entretanto, é assim como ocorre de se proceder: em seu desejo de estudar a unidade, a fracionam previamente e tentam, depois, relacionar um com o outro. (VIGOTSKI, 2006 p. 05).

Essa crítica é proferida pelo autor em defesa de um estudo que leve em consideração a personalidade dos sujeitos, e como ao longo do desenvolvimento – mesmo sem grandes alterações do meio –, as novas vivências ali elaboradas contribuem no processo de compreensão do mundo e de si mesmo. Portanto, seria um equívoco um estudo do meio de maneira absoluta, em um entendimento

generalizado sobre a influência do meio da mesma maneira para todos os sujeitos. Em nova passagem, o autor roga pelo conceito que guia o estudo do desenvolvimento humano, a unidade, ao declarar “se a criança é um ser social e seu meio é o meio social, se deduz, portanto, que a própria criança é parte de seu entorno social” (VIGOTSKI, 2006, p. 05).

Para a teoria histórico-cultural – que acredita no processo de desenvolvimento humano vinculado ao seu meio social, a historicidade e a cultura gerada –,

o processo de enraizamento da criança na cultura não pode, por um lado, ser identificado com o processo de maturação orgânica, e por outro, não pode ser reduzido à simples assimilação mecânica de hábitos externos conhecidos. (PRESTES, 2012, p. 14).

Esse método encontrado pela teoria histórico-cultural rompe com o aspecto puramente biológico, constantemente empregado nas ciências duras e transplantando às ciências humanas no início do século passado, e muito forte até hoje. Ainda segundo Prestes,

Vigotski não negava a importância do biológico no desenvolvimento humano, mas afirmava que é ao longo do processo de assimilação dos sistemas de signos que as funções psíquicas biológicas se transformam em novas funções, em funções psíquicas superiores. (PRESTES, 2012, p. 21)

Ao trabalharmos com a unidade de modo indivisível nos estudos da personalidade e do meio, chegamos ao conceito fundamental que perpassa as obras de Vigotski, o conceito de vivência. *Perejivanie* é palavra original no russo usada por Vigotski. A tradução direta para o português sugere como melhor definição, segundo Prestes (2012), vivência.

O conceito de vivência definido por Vigotski seria:

Uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da

personalidade e das particularidades da situação representada na vivência. (VIGOTSKI, 2010, p. 686)

É acessando as vivências dos sujeitos que fazem uso do *campus* da UFJF que pretendemos encontrar os indícios que nos respondam à pergunta que orienta a pesquisa. A vivência modifica a compreensão de mundo dos sujeitos pelos acontecimentos no meio, sendo assim, é possível, a partir da vivência em qualquer faixa etária do homem, estudá-lo a fim de atingir o quão significativo o meio é. As mudanças ocorrem sucessivamente a partir da internalização dos eventos no mundo, emergindo a possibilidade de novas contribuições junto à cultura existente, desta forma, modifica tanto a influência do meio quanto a sua própria personalidade.

Assim, pode-se dizer que, para Vigotski, existe uma relação entre o sujeito e o meio que os une. Não há para ele uma separação entre os dois que pudesse gerar uma interação, como muitos autores interpretam o conceito. Os indivíduos a todo instante são interpelados por uma série de eventos, proporcionando diferentes vivências que colaboram para seu desenvolvimento psíquico. Por isso a importância de não fragmentar o estudo do desenvolvimento humano analisando os indivíduos fora do meio em questão, quebrando a unidade que concede esse processo. A leitura e os estudos de suas obras permitem entender que Vigotski fala em processos, logo, a interação que em algum momento gera um distanciamento entre sujeito e o meio não é capaz de dar coesão ao seu pensamento.

Vale destacar o entendimento de Walter Benjamin para seu conceito de experiência comumente comparado ao conceito de vivência de Vigotski. Segundo Serpa (2007), para Benjamin, “a experiência está relacionada à memória, individual e coletiva, ao inconsciente, à tradição” (p. 18). A diferenciação entre esses conceitos está na compreensão justamente da ideia de unidade. Esse entendimento de Vigotski distancia seu conceito a uma simples interação do homem com o meio, visto que a reeleaboração do que é vivido ocorre a partir da internalização fatos acontecidos.

Enquanto ser cultural, o homem devolve para o meio suas ideias e sentidos de mundo por uma nova criação a partir do que foi vivido. Existe um processo nesse percurso, do evento que ocorre no meio, a internalização junto à sua personalidade, até o retorno para o meio a partir das novas concepções criadas. É nesse processo que a cultura é fundada.

Nesse caminho teórico metodológico, é imprescindível atingir o quão significativo pode ser o uso de um território para os sujeitos que constroem sua própria aprendizagem como sujeitos ativos no mundo, e criam a cada momento sua própria pedagogia.

Para Vigotski, um evento da vida humana nunca é isolado, ele está na unidade do mundo, na vida. Diversos eventos acontecem ao mesmo tempo, portanto, a maneira como cada sujeito reelabora o evento em que participa constrói junto a ele o que chamamos de vivência, que é totalmente singular. Entendemos a ideia de evento como qualquer situação rotineira, situações que pertencem à cultura e à organização social do espaço em que os indivíduos se situam, e podem oferecer os indícios de aprendizado com esse acontecimento.

Um acontecimento pode ser visto e experimentado por muitas pessoas, porém a maneira como cada um participa e recria essa experiência em sua personalidade, a partir do evento ao qual está posto no meio, é o que chamamos de vivência. Portanto, podemos afirmar que não há uma internalização dos eventos e fenômenos ocorridos no exterior do homem, mas sim uma reelaboração daquilo que é vivenciado.

Para a realização da pesquisa, o uso dos mapas vivenciais é a metodologia adotada. Mapas vivenciais é outra maneira de cartografar os espaços, porque, diferentemente de outras metodologias de produção cartográfica, o sujeito se vê representado ao final da produção (COSTA e AMORIM, 2015; LOPES e LIMA, 2015). As maneiras como o espaço é vivenciado por diferentes sujeitos em todas as partes do globo não condiz com que apenas uma forma seja suficiente para registrar como estes espaços são usados e vivenciados pelas pessoas.

Fundamentado no que foi dito, a partir de algumas contestações sobre a produção cartográfica tradicional, questões foram levantadas pelo grupo responsável pela elaboração da metodologia adotada, como por exemplo, se essas produções cartográficas são capazes de registrar os espaços e as vivências que sejam significativos para os sujeitos. Dentro do nosso recorte espacial de pesquisa, num *campus* como a UFJF, inúmeros usos são feitos através das múltiplas funções que esse espaço exerce, emergindo dessa maneira um território usado pelas pessoas. Os mapas a serem produzidos é uma forma alternativa à maneira positivista empregada nas cartografias tradicionais, buscando cópias reduzidas dos espaços e a intenção da normatização da maneira de se cartografar. Por outro lado, difere-se

de metodologias de mapas mentais ou mapas narrativos, porque coloca na centralidade o conceito vigotskiano de vivência. Segue abaixo um quadro⁴ de diferenciações entre as distintas formas de produção de mapas acima citados.

⁴ Quadro desenvolvido em um trabalho colaborativo ao professor Jader Janer Moreira Lopes.

	MAPA MENTAL	MAPA NARRATIVO	MAPA VIVENCIAL
DEFINIÇÃO	De uma forma geral todos os três são estratégias teórico-metodológicas que buscam cartografar o mundo humano para além das relações racionalistas que se sistematizaram nos diversos campos de conhecimentos no final do século XIX e Século XX.		
BASES TEÓRICAS	<p>Conceitos-Chave: <i>Espace vécu</i> (Espaço Vivido)</p> <p>Livros básicos: “A Imagem da Cidade” de Kevin Lynch “La région, espace vécu” de Armand Frémont</p> <p>Movimentos epistemológicos e princípios: Movimentos do Humanismo que buscam romper com as perspectivas racionalistas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Internalização. Subjetivismo. - Internalização do real. 	<p>Conceitos-Chave: <i>Lebenswelt</i> (Mundo vivido)</p> <p>Livros básicos: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1997. SCHÜTZ, Alfred. LUCKMANN, Thomas. Strukturen der Lebenswelt. Neuwied/Darmstadt. 1975. SCHÜTZ, Fritz. Das narrative Interview in Interaktionsfeldstudien I. Studienbrief der Fernuniversität Gesamthochschule Hagen. Kurseinheit I. Hagen. 1987</p> <p>Movimentos epistemológicos e princípios: Tradição fenomenológica (Shütz, Luckman, Edmund Husserl) - Etnografia Visual- Internalização e Subjetivismo.</p>	<p>Conceitos-Chave: <i>Perejivanie</i> (Vivência) <i>Tvorcheskaja Pererabotka</i> (Reelaboração Criadora)</p> <p>Livros básicos: Obras diversas de Lev S. Vigotski e colaboradores</p> <p>Movimentos epistemológicos e princípios: Não situa-se nem nos racionalismo cartesiano nem no subjetivismo fenomenológico, mas na unidade da vivência (pessoa-meto como unidade)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produção do novo, do inexistente - Criação da Cultura a partir do social. - Unicidade entre teoria e método
PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DE PRODUÇÃO	A partir de desenhos solicitados pelo pesquisador. A produção é feita de forma individual, busca-se mapear a experiências de cada sujeito com determinado espaço, narrações sobre o que foi desenhado são coletadas em formas de entrevistas do desenho feito ou registros escritos para depois serem interpretadas.	Trata-se de uma etnografia Visual e como tal, utiliza os procedimentos da narração e desenhos de forma simultânea pelo do sujeito que produz. Há uma pergunta de partida padrão: “Desenhe os espaços que fazem parte de sua vida, que você trabalha, circula, vive”. Após o primeiro desenho, o pesquisador traz perguntas ao pesquisado que buscam ampliar a representação.	A produção das pessoas se dá a partir de espaços e paisagens emergidos na história humana. Os espaços ofertados pelas gerações anteriores são os pontos de partida e são escolhidos a partir da questão que orienta a pesquisa. Há uma conversa inicial (sempre registrada) sobre esses espaços ofertados e a partir de uma folha vegetal os pesquisados produzem suas vivências, que também são narradas.
POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO	Interpretação a partir do que foi mapeado como pontos principais do espaço escolhido, agrupamento por categorias interpretativas das pessoas que participaram da pesquisa.	Interpretação a partir da produção realizada e sobre a narrativa do sujeito, a fim de compreender o seu mundo. Agrupamento por categorias interpretativa da pessoa que participou da pesquisa e possibilidades de triangulação com outros participantes.	- reconhece-se a produção individual e coletiva como os princípios da vivência - reconhece-se que o contexto onde foi produzido o mapa pode interferir na sua produção.
RESULTADOS ESPERADOS	É obtido um mapa de cunho pessoal que ao ser dialogado com os demais trazem uma visão subjetiva (mental) do espaço cartografado e o que de mais importante existe para os indivíduos. Fugindo da lógica cartesiana e racionalista do espaço	É obtido um mapa em que o subjetivismo e o mundo vivido pelos sujeitos em determinado tempo e espaço estão presentes.	- Dialogia entre pesquisador e pesquisados sobre a produção final. - Não busca interpretação mas a autoria dos pesquisados. - Não busca agrupamentos interpretativos, mas a singularidade e a condição irrepitível do acontecimento humano.

Figura 2 – “Diferenciações entre cartografias”. Fonte: Bernardo Werneck e Jader Janer Moreira Lopes

O mapa é compreendido nessa pesquisa como um processo para entendermos como os espaços do *campus* são usados e os seus significados. Logo, acessando as vivências dos sujeitos de pesquisa, é entendido como um livre registro de quem o produz, sem que haja rigidez para a produção, podendo aparecer as mais variadas expressões dos fenômenos inerentes aos sujeitos e sem o rigor técnico acostumado aos mapas. Lopes⁵ salienta a metodologia ao explicar:

Se a vivência é a unidade e a interpretação dos sujeitos se dá a partir de espaços erguidos na história humana, constituindo as geografias individuais, o trabalho com os mapas vivenciais situa-se em desvelar esse entre-lugar (BHABHA, 1998), em cartografar os liames entre o mundo pensando e presentificado e o mundo dos sujeitos. Assumindo a condição históricogeográfica de se tornar humano e tendo os locais vividos como gênese, é esse “entre” que interessa nessa proposta metodológica.

A metodologia empregada para a produção do mapa vivencial consiste em uma orientação a fim de esclarecer as concepções da teoria histórico-cultural para os envolvidos na pesquisa, uma vez que a produção cartográfica está atrelada ao contexto sociocultural – porque um mapa, à medida em que é produzido com suas decisões, apresenta uma ideologia. Enquanto documento, nenhum mapa é neutro, todos possuem bases ideológicas mesmo que isso não seja claro para as pessoas. Após essa conversa os sujeitos são convidados a pensar a sua autoria na produção cartográfica do espaço do *campus*, de modo que se reconheçam no mapa. Para a elaboração dos mapas vivenciais, há uma conversa inicial sobre o espaço a ser cartografado. Uma base do recorte espacial de pesquisa é entregue aos pesquisados dando início aos trabalhos práticos. Após isso, munidos de uma folha vegetal, que é posta sobre a base anteriormente entregue, as perguntas são feitas aos sujeitos. Em um primeiro momento, dos trabalhos de campo ainda no ano de 2017, estabelecemos a seguinte pergunta orientadora para a produção dos mapas: o que você faz nesses espaços?

No segundo ano de realização da pesquisa, em 2018, sentimos a necessidade de ampliar a pergunta orientadora para a produção dos mapas, de modo a podermos ampliar nosso entendimento daquilo que buscamos compreender

⁵ No prelo.

com esse trabalho. Portanto, no segundo momento da produção dos mapas pelos sujeitos, duas perguntas foram feitas: 1- Demarque os lugares que você faz uso no *campus* da UFJF. 2- Como você acha que o *campus* da UFJF promove educação?

Abaixo, apresento os mapas de localização do *campus* universitário da UFJF e a base utilizada para a produção dos mapas vivenciais pelos sujeitos desta pesquisa.

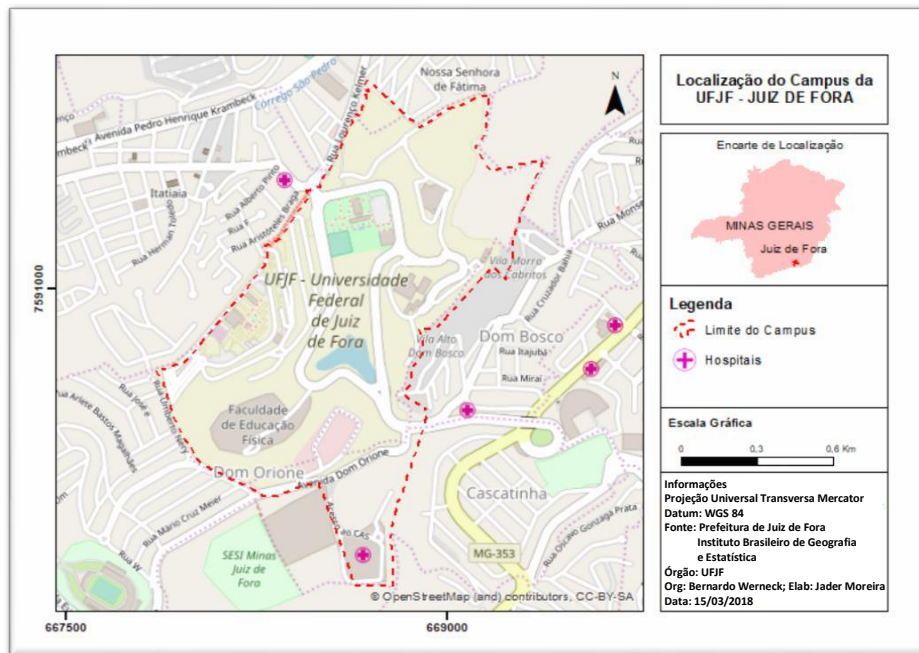


Figura 3 – Mapa com as delimitações do *campus* universitário da UFJF em Juiz de Fora.
 Fonte: Jader Moreira, 2018.



Figura 4 - Base do mapa vivencial. *Campus da UFJF.*
Fonte: UFJF.

Enquanto produzem seus mapas, também é feita uma narrativa pelos sujeitos que é transcrita pelo pesquisador, de modo auxiliar as interpretações dos mapas produzidos e assegurar a autoria dos usos e vivências dos pesquisados.

Queremos aqui apontar a importância de todas as formas de produção cartográfica existente. Mesmo defendendo uma possibilidade outra de produção de mapas que fuja as convencionais, como já explicado, utilizamos para localizar o recorte espacial onde ocorreu nosso trabalho um mapa com todo rigor técnico. Essa escolha afirma nosso posicionamento enquanto pesquisadores de acreditar que outros olhares são necessários e possíveis para as cartografias. Desse modo, não renegamos a historicidade de outras metodologias cartográficas, que são utilizadas e nos ajudam a entender o espaçamento e localização de nossos recortes e objetos de estudos, tanto nas pesquisas quanto com nossos alunos nas salas de aula.

Outras perguntas ao longo da produção dos mapas podem ser feitas pelo pesquisador, a fim de esclarecer alguma fala que ele julgue não estar clara ou que veja maior importância em aprofundar na pesquisa.

Todos aqueles que usam o *campus* da UFJF puderam participar da pesquisa, desde os alunos da graduação, pós-graduação, os professores e funcionários, assim como pessoas das comunidades do entorno do *campus*, como qualquer sujeito que faça uso deste. É importante ressaltar que esta é uma pesquisa de cunho qualitativo,

de acordo com Bogdan e Biklen (1991), e que lida com um conceito singular a cada sujeito, sendo assim, desdobramo-nos a compreender o que cada mapa nos demonstrou, a fim de responder nossa questão de pesquisa sem preocupação quantitativa. Para a abordagem dos sujeitos, despus-me a observar a atividade realizada, para que no momento oportuno fizesse a aproximação aos sujeitos participantes. Essa aproximação por decisão metodológica aconteceu durante o uso do *campus*, e nesse momento foram produzidos os mapas para a pesquisa.

Para a interpretação dos mapas vivenciais produzidos trabalhamos com os espaços delimitados e as narrativas transcritas. A partir das narrativas obtidas, estabelecemos categorias que ora se aproximaram entre as falas dos sujeitos da pesquisa, ora se distanciaram realçando sua singularidade. Assim, sete categorias foram definidas e aparecem com destaque em cores ao longo do capítulo onde a interpretação acontece. São essas categorias:

1. Processos de educação: quais são as rotinas que as promovem? Quais são os locais que promovem?
2. Problemas no uso do espaço ou problemas na divulgação das atividades da UFJF
3. Locais de uso
4. Como usa o espaço
5. Divulgação
7. Comparação
8. “Espaço livre”

Para assegurar a autoria dos sujeitos nos mapas vivenciais, a interpretação é feita e em seguida sua narrativa é mencionada – ou o espaço discutido é demonstrado no próprio texto, garantindo a veracidade do que é exposto. A interpretação dialoga com os referenciais teóricos da pesquisa dando o embasamento necessário ao material de campo.

Corroborando com o caminho teórico metodológico, realizamos uma discussão acerca da produção do espaço urbano a partir da modernidade e suas influências no modo de produzir e pensar a cidade. Dito isto, pudemos pensar a cidade de Juiz de Fora, na qual o *campus* está inserido, para contextualizar o espaço onde a pesquisa acontece. Para a teoria histórico-cultural, algumas categorias do método precisam ser consideradas no método de ação. Portanto,

acreditamos ser necessária a discussão acima mencionada para entendermos de que *campus* universitário estamos falando, dentro de qual cidade está situado e com quais sujeitos estamos trabalhando e todas as suas imbricações existentes. A pesquisa também é entendida como um acontecimento, porque a vivência – conceito base da pesquisa com os mapas – sucede-se a todo instante. Isto posto, a realização da pesquisa noutro momento com os mesmos sujeitos poderiam nos indicar outros usos e novas vivências no fluxo da vida dos mesmos.

O capítulo a seguir traz a dimensão histórica do processo de desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora, a qual nos ajuda a compreender suas imbricações com o recorte desta pesquisa.

3. A CIDADE DE JUIZ DE FORA E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO *CAMPUS* UNIVERSITÁRIO

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Carlos Drummond de Andrade, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 20/ 07/74

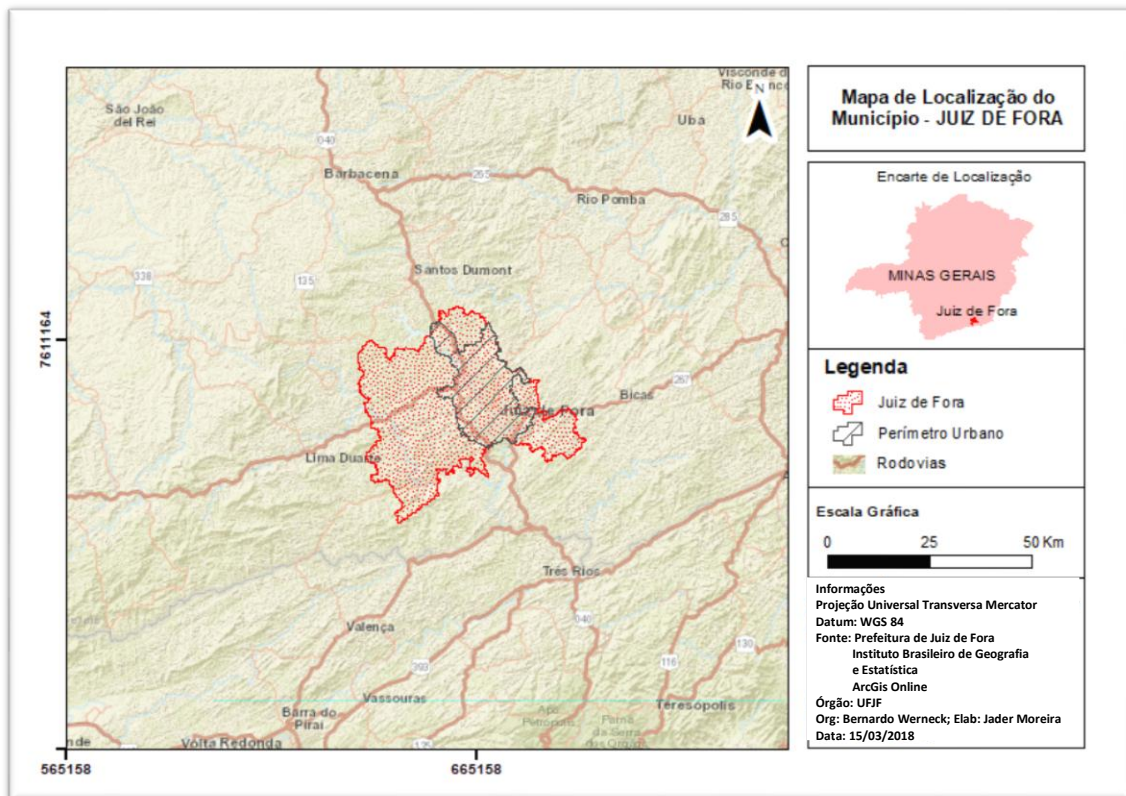


Figura 5 – Mapa de localização do município de Juiz de Fora.
Fonte: Jader Moreira, 2018.

Situada no estado de Minas Gerais, a cidade de Juiz de Fora se encontra incluída na mesorregião da Zona da Mata mineira. Datada do início do século XIX, surge com a abertura do Caminho Novo dos Campos das Gerais, durante o extrativismo do ouro em vilarejos na região central do estado, como Ouro Preto e Mariana. Serviu de apoio aos que por ela passavam, com um incipiente comércio, criação de gado e produção de leite.

A cidade registra em sua história um desenvolvimento no setor secundário de produção, ainda no século XIX até os anos de 1930, acompanhando o início do processo de industrialização tardio ocorrido no Brasil e na América Latina. Este desenvolvimento só foi capaz de acontecer graças ao café, largamente cultivado na cidade no período pré-industrial. No ano de 1861, é aberta a Rodovia União e Indústria, garantindo a entrada da cidade de Juiz de Fora no processo de industrialização, ligando-a à capital do Império – a cidade do Rio de Janeiro –, o que possibilitou receber, nesse momento, grande influência do centro político do país.

Outro grande marco para a cidade neste período de desenvolvimento urbano-industrial foi a instalação da primeira usina hidrelétrica da América do Sul. Construída no ano de 1889 em Juiz de Fora, tal feito garantiu a entrada definitiva da cidade no processo industrial da época, alavancando assim sua economia e se distanciando da produção cafeeira, aumentando também a espacialização de sua malha urbana.

Nesse período de grande crescimento urbano e, conseqüentemente, populacional, os imigrantes fazem parte desse contingente, assim como em outras cidades e regiões do país. Estes que chegaram a Juiz de Fora foram principalmente alemães e italianos, ainda durante a construção da Rodovia União e Indústria, e mais tarde se dedicaram ao trabalho operário e ao comércio. Mas cabe ressaltar que os brasileiros locais de Juiz de Fora e outras regiões tiveram papel importante na modernização da cidade, sendo responsáveis pela maior parte dos investimentos industriais do período.

Embora não existam dados confiáveis sobre o aumento das populações urbana e rural de Juiz de Fora até o censo municipal de 1893, que registra 10.200 habitantes urbanos houve, por certo, um grande crescimento demográfico rural e urbano a partir de 1855, quando o povoado possuía apenas 600 moradores (YAZBECK, 1999 *apud* GIROLLETTI, 1988).

Até o final da década de 1930, o processo de industrialização da cidade de Juiz de Fora pode ser dividido em dois períodos, como aponta Yazbeck:

O primeiro caracteriza-se pelo predomínio de pequenas fábricas e oficinas de produção limitada, pelo uso da tecnologia elementar, com baixo índice de capital investido, e pela absorção de pequena quantidade de mão de obra. [...] Após 1890, e, sobretudo, no início do século XX, tem início uma segunda fase, durante a qual, ao lado das pequenas indústrias existentes, organizam-se as sociedades anônimas de grande produção, emprega-se um número maior de operários, importa-se tecnologia moderna e torna-se corrente o uso de energia elétrica. (YAZBECK, 1999, p. 28)

Nesse momento, já é importante ressaltar o vínculo que o processo de modernização da cidade criará com a educação, como cita o autor:

As melhorias urbanas requeridas pela modernização em meados dos anos 1880, muitas delas atribuídas aos “empresários autóctones”, vão se consolidando ao longo do tempo, com a criação de

instituições de ensino primário e secundário, com a implementação de serviços de bondes, de telefonia, de energia elétrica, de iluminação pública, de água de encanada para servir aos domicílios do centro urbano, e a fundação de bancos, teatros e hospitais. (YAZBECK, 1999, p. 27 *apud* GIROLETTI, 1988)

Percebe-se nesse momento já o fomento a espaços públicos informais a serem usados pelas pessoas, como os teatros, mesmo que por um estrato de uma sociedade bastante hierarquizada, também como fala Yazbeck (1999), ao surgimento do ensino primário e secundário na cidade. Espaços criados para o progresso da produção do conhecimento moderno a ser disseminado pela sociedade na busca da contínua pelo desenvolvimento da época.

Mesmo com grande avanço nestas décadas, entre o fim de um século e início do outro, perto do crescimento da cidade de São Paulo, o desenvolvimento de Juiz de Fora foi limitado. A falta de planejamento e má administração podem ser apontados como algumas das causas para a derrocada do setor industrial da cidade. Junto a estas hipóteses, a falta de tecnologia empregada no processo de produção, a mudança da produção cafeeira para o estado de São Paulo e poucos capitais disponíveis – além da mudança da capital do estado para Belo Horizonte, deslocando grande parte dos recursos destinados ao estado – fez com que outras regiões de Minas Gerais ganhassem maior importância em detrimento da Zona da Mata mineira. Com o aumento produtivo, a energia gerada passou a não ser suficiente, assim como a comunicação com outros lugares se mostrava deficiente, prejudicando a produção local, além dos altos encargos cobrados pelo transporte para o destino final de muitos dos produtos. Com estes entraves, durante as décadas de 1940 e 1950, muitas fábricas da cidade fecharam.

É então, na década posterior, 1960, que ocorre o surgimento do *campus* universitário, unificando os cursos de ensino superior. Surge a Universidade Federal de Juiz de Fora, despontando agora a cidade para outra função; o início de uma cidade universitária, que ao longo das décadas vai ser consolidar. A cidade passa a exercer outras atividades, e a sociedade passa a enxergar os cursos de formação em nível superior como necessários ao progresso material e imaterial que se iniciara décadas atrás.

Remetemos ao surgimento das cidades com o advento da modernidade para entendermos a imbricação destas com as universidades. Dentre as instituições, que ao longo do tempo surgem com a modernidade, e posteriormente com o

pensamento republicano, com certeza a universidade é a que melhor deve representar o ideal de uma sociedade democrática, diversa e plural. Para essa compreensão, De Paula faz essa relação ao afirmar:

[...] assume-se que é a cidade, em seu sentido básico e fundante, como espaço da liberdade, a matriz essencial da universidade. Isto é, que a liberdade que a cidade reivindica, que a pluralidade cultural que a cidade permite, que são o compartilhamento e as múltiplas interações que a cidade possibilita, são elementos da constituição da universidade como dos instrumentos da construção da sociedade humana livre e solidária. (DE PAULA, 2006, p. 35)

Sobre o caráter republicano em todas as conjunturas políticas, é necessário retomar esses valores para que conquistas não sejam retiradas. Portanto, assegurar uma universidade laica, pública e universal, é possibilitar uma mudança daquilo que somente através dela foi possível a criação da universidade ainda nos seus primórdios, a própria cidade. “A universidade, na medida em que se consolidou como espaço do livre pensar, é uma criação da cidade, resultado do conjunto de liberdades, que as cidades reclamavam e construíam” (DE PAULA, 2006, p. 38)

Pensar a cidade de Juiz de Fora na atualidade, é pensar a cidade em conjunto com a UFJF contextualizada na globalização do século XXI. A cidade do atual momento humano é impactada a todo instante pela ação do global, como nos alerta Santos (2011), após a chegada do meio técnico científico informacional. É o lugar onde o acontecimento chega e se espalha pelo território, através da rápida comunicação e disseminação de ideias e ordens transmitidas entre os lugares. Assim aponta Souza et al.: “o território da rapidez reflete o mandar e o da lentidão o fazer. O primeiro comanda o território como um todo. O segundo obedece.” (2003, p. 21). Nessas palavras, os autores esclarecem a hierarquia existente entre os lugares a partir do uso do território, de acordo com as predileções de seus agentes.

As megalópoles, muitas delas cidades globais, são responsáveis por manifestar os interesses de organismos internacionais. Essas decisões chegam às cidades de menor escala, tendendo a homogeneizar as relações nas cidades pequenas, de acordo com a necessidade destes grandes centros. Não se pode permitir que somente o que chega de forma vertical impacte a vida das pessoas no atual momento de globalização, mas pensar como a ação do global – fugindo de

uma lógica imperialista – pode permitir novas aprendizagens, partindo do que os sujeitos do/no lugar considerem como coerentes e satisfatórios a suas vidas.

No momento atual, a cidade de Juiz de Fora é rodeada por diversos municípios de porte menor, exercendo atração populacional pela oferta de serviços, polarizando a região e ganhando maior notoriedade. Passou a ser atrativa pela oferta de empregos no setor terciário, e vista com grandes possibilidades formativas pela existência de muitas faculdades privadas, e principalmente da UFJF, fazendo com que muitos estudantes migrem para a cidade ou façam o movimento pendular para os estudos. Como já mencionado, oriunda de 1960 – assim como o surgimento das outras instituições brasileiras que datam o século XX –, a UFJF hoje possui um tamanho médio entre as Universidades Federais brasileiras, com 93 cursos de graduação com 20 mil alunos, e 64 cursos de pós-graduação com 2 mil e oitocentos alunos. Houve um aumento do número de vagas tanto em instituições privadas quanto públicas nas últimas décadas em Juiz de Fora, como aponta os estudos de Amorim “[...] o total de outras IES também cresceu exponencialmente: 882, em 1980; 918 em 1990; 1097 em 1999; 2488, em 2008.” (AMORIM, 2010, p. 79). Essa expansão permitiu a consolidação da cidade de Juiz de Fora como uma cidade universitária, distanciando daquelas atividades econômicas incipientes que ajudaram a constituir a cidade nos séculos passados.

Interligadas, cidade e universidade são pares que refletem um ao outro. Uma cidade segregada e desigual resultará em uma universidade que seja realidade para poucos sujeitos, portanto, torna-se necessária a “[...] superação do caráter fechado, autoritário, excludente, elitista, privatista, particularista, tanto da cidade quanto da universidade” (DE PAULA, 2006, p. 37).

Ao longo dessas últimas décadas pudemos perceber a expansão do *campus* de Juiz de Fora, onde essa pesquisa é realizada, tanto em ofertas de cursos e números de vagas, quanto na ampliação de infraestrutura. Esse presente trabalho acredita no uso dos espaços urbanos, como o *campus* da UFJF, como formador dos sujeitos. Desse modo, assume a necessidade de fomento para que este espaço esteja inserido no uso cotidiano dos mais variados sujeitos, para que, através de um espaço democrático e representativo, distancie-se daquilo que muitas universidades ainda são ou já foram num passado bastante recente, um espaço de exclusão, sem uso – além do formal, dentro das salas de aula – e sem representatividade.

Torna-se importante compreender a UFJF como um importante aparelho urbano da cidade de Juiz de Fora. O *campus* UFJF exerce uma função que supera o tripé da universidade pública, do ensino, pesquisa e extensão. Apontar os diferentes usos existentes dentro do *campus* da UFJF é o que pretendemos demonstrar para entendermos esse espaço na contribuição do processo de ensino e aprendizagem das pessoas ali inseridas. É o que faremos a seguir.

3.1 A UFJF COMO *LÓCUS* PARA O DESENVOLVIMENTO DO HOMEM

*A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.*

Alberto Caeiro

A produção do espaço urbano nas cidades modernas incentivou o distanciamento entre os sujeitos e seus objetos. Entendem-se objetos a partir da definição de Santos (2005) para o espaço geográfico, numa dialética entre os sujeitos e suas ações com o espaço geográfico. Podemos assim refletir sobre os objetos constituintes de uma grande cidade do século XXI. Imensas avenidas, grandes prédios, objetos projetados em uma escala que dificultam as relações entre as pessoas uma vez que esse espaço/meio, que é produto e produtor do homem, não favorece as relações entre seus pares e com o próprio espaço erguido. É importante também pensar a intencionalidade da constituição dessas cidades, com sua malha urbana em pleno crescimento, onde os espaços não permitem os encontros e o “permanecer” nestes.

Assim sendo, uma definição do entendimento dessa pesquisa para o que conceituamos como encontro é precisa. Ao longo do texto tecido, fica evidente a ideia de encontro pelo qual fazemos nossas análises acerca do espaço urbano especificamente do *campus* da UFJF. Para a realização dessa tarefa, faz-se imprescindível caracterizar o espaço urbano no qual a possibilidade do encontro entre sujeitos como cidadãos possa ser assegurada.

Conforme Gehl (2015, “outro fator importante é a qualidade física do espaço urbano. Planejamento e projetos podem ser usados para influenciar o alcance e o caráter de nossas atividades ao ar livre.” (GEHL, 2015 p. 21). Para a cidade de Juiz de Fora, o *campus* universitário funciona para além de um espaço onde se reúnem

cursos de ensino superior e de pós-graduação. Seus usos, principalmente ao ar livre, revelam uma dimensão de um espaço público semelhante a um parque urbano. Como relatado sobre o espaço físico do *campus* da UFJF e os demais espaços – como as pistas de corridas e bicicletas, entre outros – e principalmente o que os mapas vivenciais nos revelam, as atividades ao ar livres são intensas, emergindo a oportunidade do encontro entre os sujeitos. É importante nessas análises sempre rogar por um espaço urbano democrático, que estimule as vivências daqueles que estão nesse espaço presente. De acordo com Gehl, “é significativo que todos os grupos sociais, independentemente da idade, renda, status, religião ou etnia, possam se encontrar nesses espaços, ao se deslocarem para suas atividades diárias” (GEHL, 2015, p. 28).

A afirmação do autor acima caracteriza o que entendemos por um espaço democrático e acessível, possibilitando o uso por todos esses sujeitos que se diferenciam na sua singularidade. Esse espaço público precisa oferecer a acessibilidade e condições físicas para qualquer tipo de uso para as pessoas da cidade.

O espaço urbano de qualidade, democrático e seguro, deve permitir uma vivência diária, estando dentro da rotina de atividades das pessoas que pertencem à cidade. Assim, o encontro entre as pessoas que esses espaços, assim como a UFJF, devem oferecer é um momento de trocas entre sujeitos que se desenvolvem a partir do outro, da real necessidade do outro na sua constituição enquanto sujeito, como evidencia Volóchinov (2017). O espaço urbano é, nesse caso, condição de existência para o homem. Através de seu uso, surge a possibilidade de aproximação tão necessária entre as pessoas.

Pensando um espaço democrático e de qualidade, é imprescindível que a acessibilidade pelo transporte público eficiente esteja diretamente vinculada à produção desse espaço. Para que a diversidade de sujeitos pertencentes a uma grande cidade – com todas as desigualdades que as cidades apresentam – possam usufruir desse espaço e sejam capazes de deixar manifestar suas alteridades a partir daquilo que o meio oferece – seja uma atividade cultural, uma prática esportiva, um encontro com outros sujeitos –, o modelo de acessibilidade via transporte público é fundamental. Sem esse modelo de transporte eficiente e acessível, temos a produção e uso de um espaço urbano restrito a uma parcela de pessoas perdendo o valor dos encontros realizáveis.

Diversidade e diferenças precisam ser asseguradas para que a riqueza das relações estabelecidas se manifeste. Espaços urbanos como o *campus* da UFJF precisam garantir essa pluralidade e assim desempenhar o papel de um espaço de encontros e permanências, onde a trocas de saberes possam ser evidenciadas, contribuindo para o desenvolvimento singular de cada sujeito a partir de um coletivo que nesse espaço é permitido.

A noção de espaço público é um importante conceito a ser compreendido para desvelarmos os usos do *campus* universitário da UFJF. O entendimento do que é caracterizado neste trabalho como espaço público está de acordo com a dimensão de um território que é gestado pelo governo federal. Logo, é um espaço com suas particularidades assim como outros espaços públicos urbanos encontrados pelas cidades. Seguindo essa ideia, trazemos para a discussão Serpa com a seguinte afirmação sobre o público:

Dois fenômenos estão relacionados com o termo “público”: aquilo que pode ser visto e ouvido por todos e tem maior divulgação possível; ou o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. (SERPA, 2007, p. 139).

Diante da afirmativa, penso que o espaço público deve ser um meio para todas as formas de manifestações humanas, para tudo aquilo que seja necessário à propagação da cultura do homem no meio social, assegurando seu processo de desenvolvimento a partir das relações estabelecidas. Torna-se necessário o reconhecimento do espaço público como *lócus* de grandes possibilidades, ou seja, somente no uso desse espaço, pelos mais variados sujeitos, que emerge a possibilidade dos diálogos e a viabilidade de mobilizações para construção de uma sociedade mais justa e cada vez mais participativa. Portanto, reduzir os espaços públicos que sejam de encontros, é acabar também com os espaços democráticos de diálogos e plurais.

A redução dos espaços públicos está diretamente atrelada às forças do mercado que atuam sobre as cidades. Com o adensamento das cidades poucos são os espaços públicos permissivos ao contato entre os sujeitos. Desaparecem assim as relações pessoais e permanece a lógica do uso privado dos espaços na cidade. Poucos espaços públicos resistem as privatizações, como as universidades públicas, que ficam suscetíveis as conjunturas políticas, estando mais ou menos

expostas à mercantilização do ensino e de seus usos conseqüentemente. O relatório do Banco Mundial⁶ (2017) demonstra a orientação à cobrança nas Instituições públicas de ensino superior no Brasil. Tal pressão, no atual momento político de nosso país, retoma com força, mas já faz presente há mais tempo, como nos alerta João Antônio de Paula:

Estão em curso, no âmbito do GATS – General Agreement on Trade in Services, pressões no sentido de que o governo brasileiro assine tratados que considerem o ensino superior como “mercadoria”, permitindo não só a entrada do capital estrangeiro no sistema educacional brasileiro, como também sua definitiva privatização. (DE PAULA, 2006, p. 42).

Moreira (2004) salienta que até mesmo os bares e cafés, lugares das conversas e do contato entre sujeitos, perdem importância, se restringindo apenas a um espaço de consumo pertencente à vida guiada pela lógica acumulativa que a cidade passou a exercer, perdendo o papel dos encontros entre sujeitos.

Com a escassez dos espaços públicos, a discussão crítica sobre a sociedade se restringe com o processo de modernização das cidades e universidades públicas. O esvaziamento de outros espaços públicos com o mesmo potencial é cada vez mais nítido. Em vista disso, é preciso assumir a responsabilidade que um *campus* universitário adquire nesse contexto, sendo espaço de possibilidades dentro das cidades que prezam pelo uso privado. Percebe-se sua importância com as manifestações que ocorrem dentro dos *campus*, dos debates e palestras fomentados pelas instituições e movimentos sociais; pelos projetos sociais das universidades, juntamente com os projetos de extensão que buscam responder aos anseios da comunidade, e todo o diálogo tecido no uso diário de quem compõe as universidades.

Porém, não devemos cometer o equívoco ao pensar que somente o saber científico, construído dentro das universidades, seja o suficiente para responder às inquietações da vida dos sujeitos que compõem toda a sociedade. Esta forma de pensar desconsidera a voz dos outros sujeitos que constituem a cidade, por isso, a abertura e pertencimento a esse aparelho urbano chamado *campus* universitário é tão importante na construção do que chamamos cidadania. Gomes (2002) entende

⁶ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/banco-mundial-sugere-fim-do-ensino-superior-gratuito-no-brasil/>>. Acesso em: 21 nov. 2017 às 18:41.

que cidadão é uma derivação de certo contrato social estabelecido pelos sujeitos da cidade. Nesse sentido, o sujeito deve compreender a possibilidade existente de produção de uma sociedade mais justa e participativa.

É importante ressaltarmos que os espaços públicos possuem suas características sociais e culturais próprias, produzindo um pertencimento para aqueles que compreendem seu uso, pois é fruto de um processo de construção histórico-cultural dos sujeitos que fazem e são por estes espaços modificados.

Diversas linguagens são construídas e passíveis de serem observadas todos os dias em cada espaço da cidade. Isso porque a cidade é um território usado pelos sujeitos, onde a historicidade das cidades permite uma série de códigos, que são admitidos pelos sujeitos com base nos signos espalhados nela. Volóchinov (2017) compreende em seus estudos de Bakthin, que corrobora para o entendimento da questão do signo, para pensarmos este na cidade. Cada sujeito, ao vivenciar os diferentes lugares, com suas diversas paisagens, coloca-se de modo a aprender com o que essa materialização tem a oferecer. Além dessa aprendizagem, o sujeito é interpelado na cidade por outras informações, seja através do contato social, seja pelos signos como já citado. Todas essas alteridades ganham força nos espaços públicos das cidades.

Tal ideia pode ser confirmada pelas festas populares que invadem as ruas nas mais diferentes regiões do país, como a carnavalização, que provoca o encontro de diferentes classes num espaço sendo usado para a manifestação cultural, o que potencializa as alteridades por ser público, e assim se mostra um espaço de respeito e fomento a diversidade e diferença.

Se o espaço público é, sobretudo, social, ele contém antes de tudo as representações das relações de produção, que, por sua vez, enquadram as relações de poder, nos espaços públicos, mas também nos edifícios, nos monumentos e nas obras de arte. (SERPA, p. 19, 2007).

Mas claramente é percebido em diversos espaços um distanciamento entre classes no convívio público. O que ocorre nos espaços, que deveriam ser de encontros e compartilhados, é na verdade a criação de diferentes usos por diferentes classes: “O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos” (SERPA, 2007, p. 36). Tal passagem do autor demonstra a

segregação velada existente ainda no uso público. Portanto, percebe-se um simbolismo com o conceito de público, uma vez que o espaço não é acessível a todos e, quando travada uma luta de classes, a hierarquização social aparece no seu uso mesmo que denominado como público. A universidade pública tem como – uma de suas possibilidades educadoras – o papel de romper com essas hierarquias, não permitindo que o reflexo da cidade adentre seus espaços institucionais.

A valorização do uso coletivo dos espaços públicos ofertados pelas cidades não acontecem, e essa concepção reflete até mesmo a forma como a escola concebe o significado de público e repassa aos seus alunos.

Pensemos a discussão sobre o uso dos espaços públicos nas escolas. Com sua prática de se fechar para a própria cidade, perde a capacidade de ensinar a partir do que o homem construiu e aprender a enxergá-la como educativa, desvalorizando seus fluxos e sujeitos que a fazem. Percebemos muitas narrativas escolares distanciando os alunos da cidadania, através dos discursos que são escolhidos para caracterizar as cidades e seus espaços públicos principalmente, conforme Ferrara (1999), “o espaço público na escola passa a ser pensado através do medo”. A construção desse pensamento acaba por privilegiar os espaços privados, construindo a falsa sensação da segurança ao se distanciar do que são comuns: as ruas, as praças, os calçadões, os comércios e qualquer outra atividade que se manifeste em um ambiente público.

Espaços não ocupados criam a sensação do medo, da falta de segurança, pois é no outro que também ocupa e os usa que nos garantem a boa sensação. Pense em transitar por uma rua do centro de uma cidade em um horário de pico e refaça o mesmo caminho em outro horário agora sem movimento. São as pessoas em trânsito que garantem o bem-estar, rompendo com a ideia do uso dos espaços privados e sua falsa sensação de isolamento e segurança, que corrobora para um discurso para uma cidade segregada e amparada na individualidade.

Além do método adotado, que se funda na negação da cidade para o processo de ensino e aprendizagem na escola – e não com a cidade como forma de aprendizado como já foi mencionado –, também é preciso romper com a ideia de que o que é público não é de ninguém e criar um pertencimento junto aos espaços coletivos nas pessoas. Para isso, torna-se necessário que as pessoas se vejam representadas nos espaços urbanos, levando ao aumento do uso destes e tornando-os mais democráticos e plurais. Nessa direção, o tratamento dado ao espaço público

também muda, uma vez que agora existe o pertencimento no sujeito junto ao espaço, e ainda mais, passa-se a pensar esse espaço como também do outro, construindo respeito mútuo.

É dentro da escola que diferentes sujeitos se encontram na formalidade do processo de ensino e aprendizagem, mas estes sujeitos todos pertencem anteriormente à cidade, cada um com suas vivências permitidas pelos usos dos diferentes espaços. *Portanto, como desconsiderar a cidade e seus espaços públicos urbanos como locais de aprendizagem?*

Considerar as práticas dos sujeitos em seu cotidiano é um método de entender como a cidade se constrói, conhecer seus sujeitos e compreender que somos formadores do espaço e por ele somos afetados. Os inúmeros espaços onde os sujeitos atuam a favor de suas causas são os lugares de sua formação. Conferir o saber exclusivamente dentro das salas de aula, desconsiderando quem produz o conhecimento fora dos espaços formais de ensino, é uma grande perda. A legitimidade conferida pelo saber científico fundado na academia não é capaz de assegurar todas as formas do saber. Assegurada numa lógica vertical, coloca os olhos para qualquer outra forma de produção de conhecimento muita das vezes como inferior. O sujeito atuante tem voz, mas é preciso considerá-la como caminho de um processo de troca de aprendizagem, contribuinte para o desenvolvimento humano.

As relações sociais são impactadas por essa concepção de afastamento entre sujeito e os espaços públicos da cidade. Como já citado acima, esses espaços que são usados para a prática cidadã são extintos em detrimento da lógica privatista das cidades. Ao negligenciarem a cidade com políticas que a desvalorizam como lugar de aprendizado, tanto no âmbito educacional quanto em outras medidas políticas – como da própria escola em entender a cidade como “perigo” –, os sujeitos deixam de vivenciar múltiplas atividades realizadas pertencentes à diversidade do espaço urbano.

Retomemos então a potencialidade de um espaço público que é um *campus* universitário. A partir das críticas apresentadas acima – apontando para a negligência do uso dos espaços públicos urbanos em coletivo –, é preciso cada vez mais estimular, abrir, usar os *campi* universitários, tornando esses lugares um espaço que desponte seu potencial educativo e de trocas de saberes, prezando as

diversidades e diferenças. O contato com a diversidade só é possível no ambiente público, aberto e seguro para todos os cidadãos.

Corroborando para tal afirmativa sobre o uso do espaço público democrático, Serpa nos ajuda ao citar:

Se for certo que o adjetivo “público” diz respeito a uma acessibilidade generalizada e irrestrita, um espaço acessível a todos deve significar, por outro lado, algo mais do que simples acesso físico a espaços “abertos” de uso coletivo. (SERPA, 2007, p. 16).

Portanto, a existência de um *campus* universitário, encravado no meio de uma cidade média como Juiz de Fora, deve permitir aos seus cidadãos o acesso a esse equipamento urbano que é um espaço produtor e difusor de cultura, ciência, diferentes saberes, etc. Produtor porque são todos os sujeitos – estudantes, professores, funcionários e usuários sem vínculo universitário direto – envolvidos nesse espaço que ao se relacionarem nesse meio se reconstituem e retornam ao mundo com uma nova forma de agir sobre ele.

Os diversos usos do *campus* em distintos horários fazem com que este espaço torne-se educativo a partir do seu uso, que foge a sua primeira função (ensino e pesquisa). Como dito na descrição do *campus* no início deste trabalho, o livre acesso em qualquer horário é um fator determinante para seu uso. A partir disso, emerge a possibilidade das trocas entre os sujeitos que precisam ser fomentadas, pois não bastam somente políticas de acesso às universidades para que se avance na pluralidade daqueles que fazem uso das universidades e de um *campus* como da UFJF, estimulando todas as formas de uso.

Inúmeras atividades são desenvolvidas no *campus* universitário, desde a agenda da própria universidade – com seminários de pesquisas, eventos elaborados pelos departamentos dos institutos, atividades abertas a toda a comunidade, como o Som Aberto –, até as atividades que partem dos próprios estudantes, mostrando-se um espaço de lutas, resistência e reflexão.

A difusão das pesquisas, o diálogo aberto com a comunidade, a materialização do que é pensando no próprio *campus* universitário é um atrativo para que as pessoas conheçam e criem uma relação com o *campus*, construindo um pertencimento necessário junto a esse espaço. Essa maneira também se apresenta como uma forma de apresentação do que é feito com o dinheiro público investido

nas universidades. Mais uma vez, a possibilidade da cidadania aflora a partir das pesquisas divulgadas e o contato com a sociedade, que pode conhecer e participar da universidade ativamente.

Pensamos, nesse sentido, que a abertura cada vez maior dos *campi* universitários é repleta de possibilidades para contribuir com as vivências dos sujeitos e os transformarem em cidadãos mais participativos, atuantes e reflexivos, pois estar imerso nesse meio é transformador. O sujeito reelabora sua personalidade ao vivenciar um *campus* que garante a diversidade, tornando esse espaço em um território educativo e formador para quem o usa/vivencia.

Atualmente a UFJF realiza diversos projetos voltados para a comunidade. Os banners espalhados pelo anel viário do *campus* mostram como milhares de pessoas são atingidas e estimuladas a fazer o uso deste. As imagens abaixo são de produção da própria universidade, cedida para este trabalho.



Figura 6 – Banners dispostos no *campus* universitário.
Fonte: Design e Comunicação, UFJF.



Figura 7 – Banners dispostos no *campus* universitário.
 Fonte: Design e Comunicação, UFJF.

A iniciativa por parte da UFJF se mostra importante na medida em que estimula e dá visibilidade a diversidade, cuja a fomentação é fundamental dentro do *campus*. A representatividade aparece nesse momento de incentivo ao uso do espaço público do *campus* da UFJF.

Para ilustrar alguns dos usos do *campus*, seguem algumas fotografias⁷:

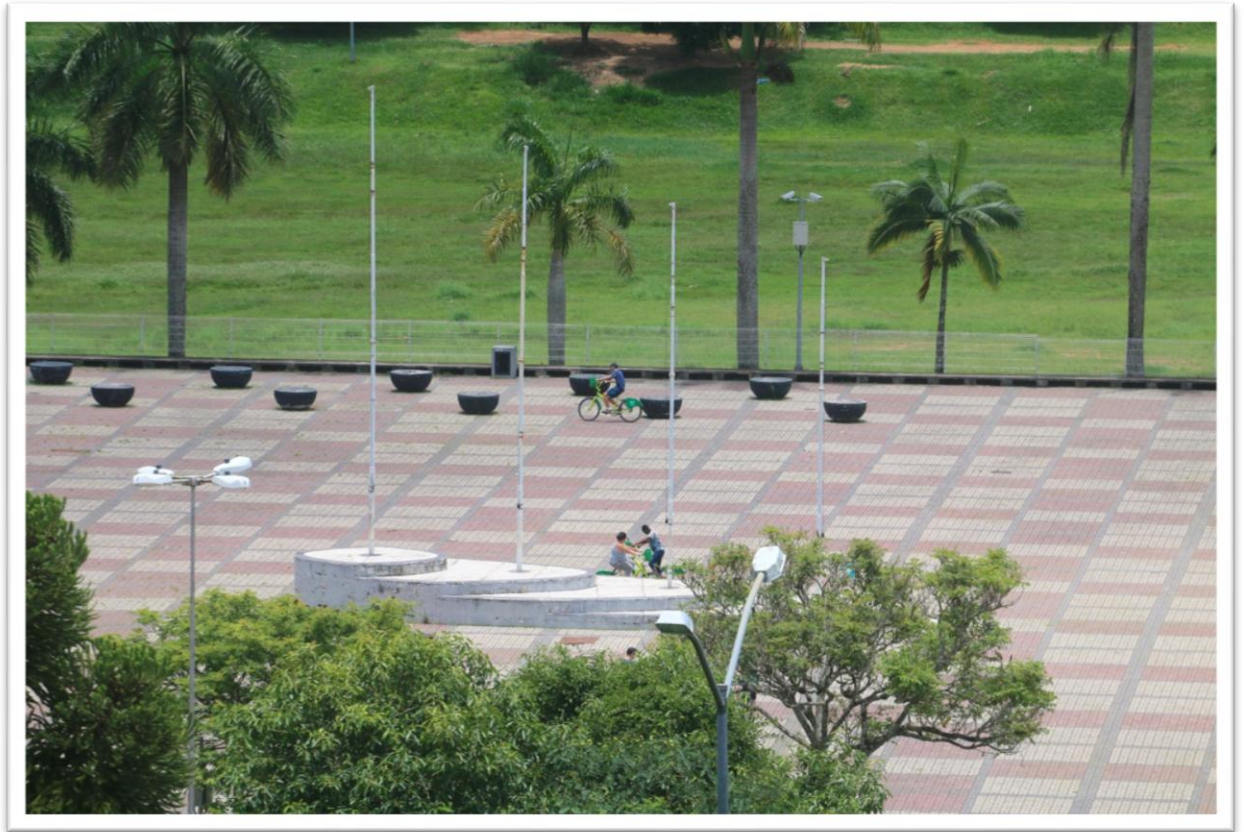


Figura 8 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa

⁷ Trabalho fotográfico produzido pela profissional Gleice Lisboa.



Figura 9 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 10 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa

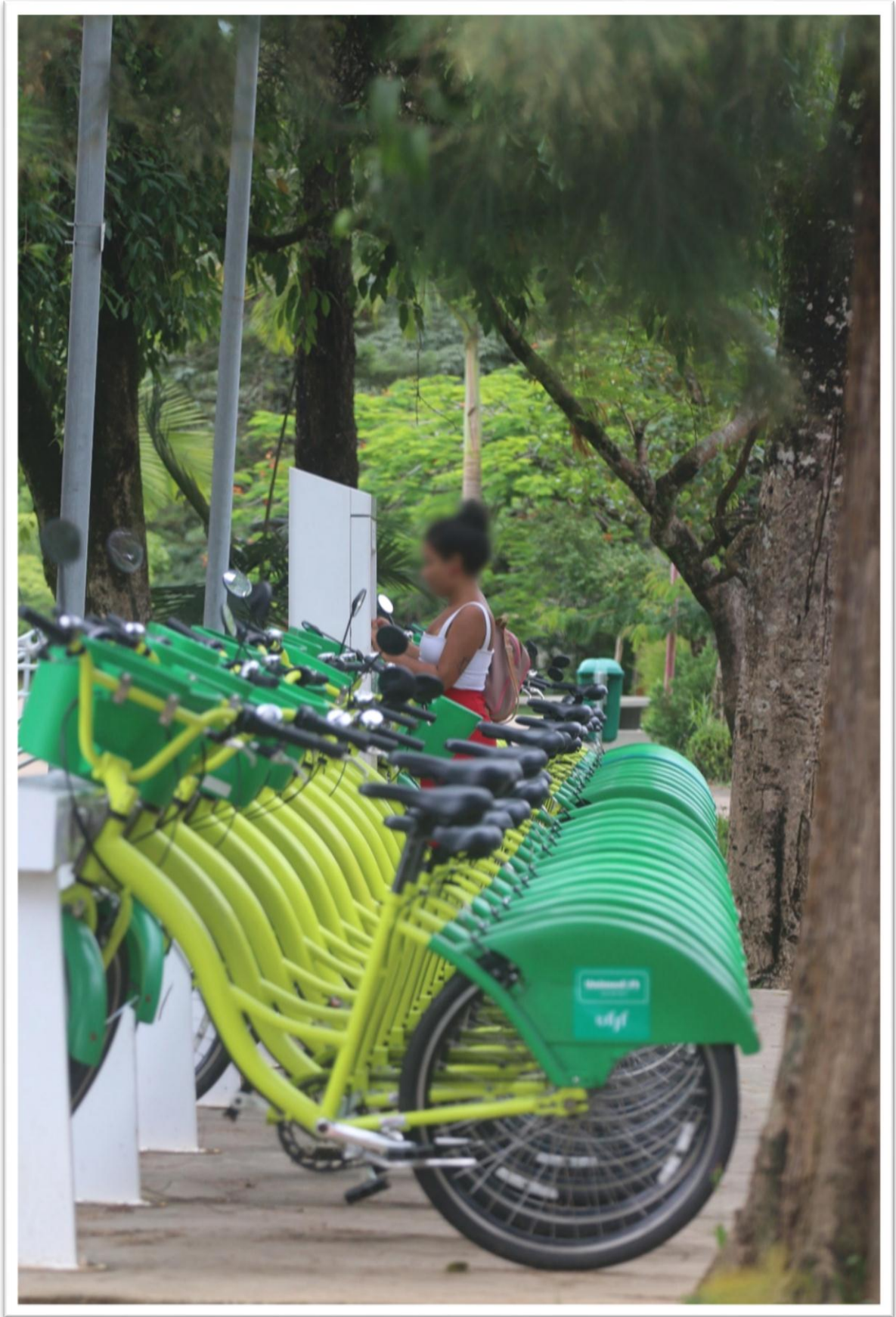


Figura 11 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 12 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 13 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa

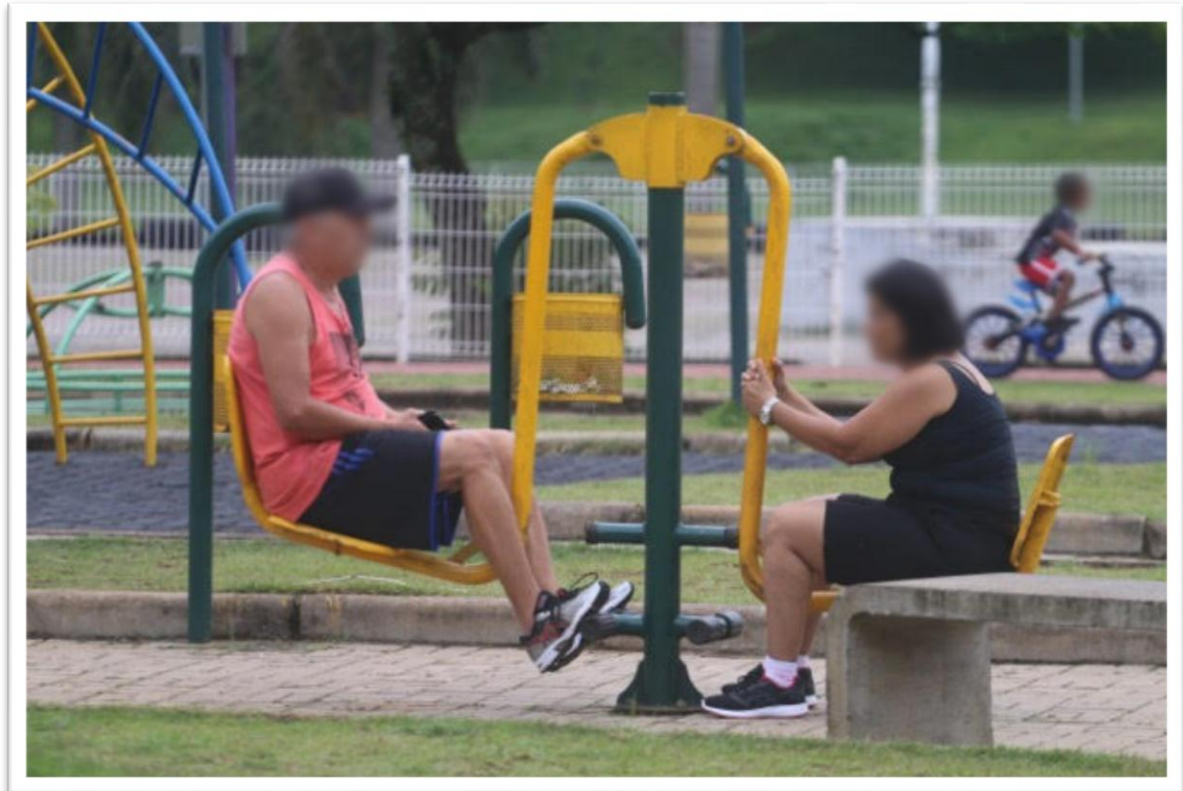


Figura 14 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 15 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 16 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 17 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 18 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 19 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa

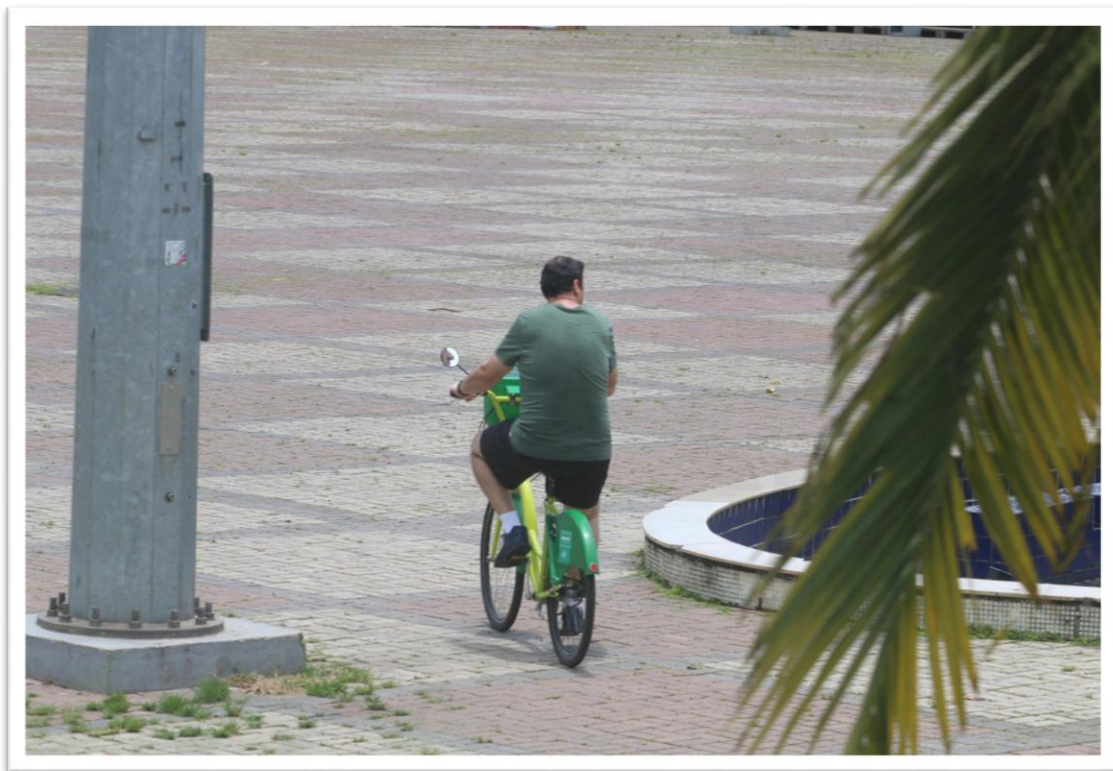


Figura 20 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 21 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 22 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa

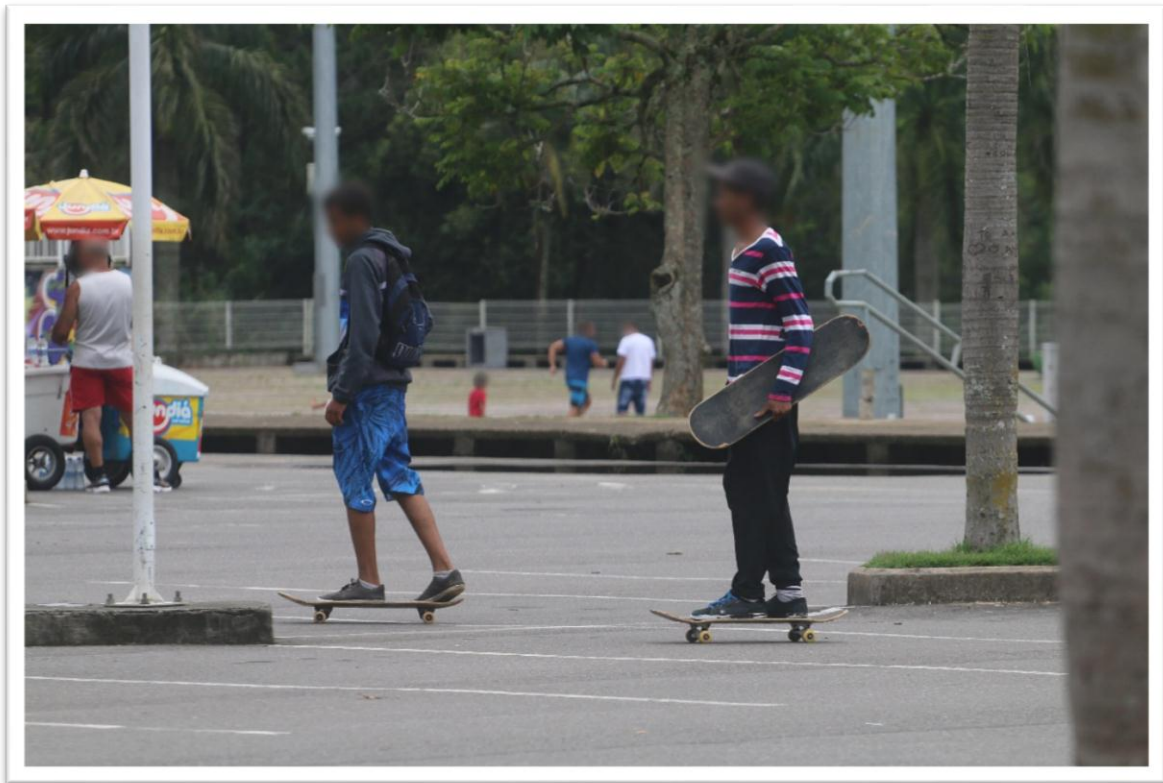


Figura 23 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa



Figura 24 – Usos do *campus*. Fonte: Gleice Lisboa

4. A PESQUISA COMO ACONTECIMENTO: O QUE REVELAM OS MAPAS VIVENCIAIS DO *CAMPUS* DA UFJF

Chamamos de atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo. Pouco importa que o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente e do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta.

Vigotski

Neste capítulo, criamos uma seção para uma breve retomada teórica metodológica. Posteriormente, os dez mapas vivenciais são apresentados – o que denominamos Cadernos de Mapas – para em seguida exibirmos as interpretações dos espaços delimitados no *campus* pelos sujeitos e suas narrativas.

4.1. METODOLOGIA DE ABORDAGEM

O caminho de interpretação dos mapas vivenciais segue um percurso teórico metodológico de diálogo, com a autoria da produção dos mapas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para esse rigor estabelecido na compreensão do material de campo, a interpretação é realizada e em seguida as narrativas e os recortes dos mapas são apresentados, demonstrando que há uma obediência na interpretação da fala. O aporte teórico aparece assegurando a cientificidade necessária ao trabalho acadêmico desenvolvido dentro da teoria histórico cultural com a qual essa pesquisa se propõe a trabalhar.

A partir do material de campo, foram estabelecidas sete categorias para a interpretação dos mapas vivenciais. Categorias estas pensadas de acordo com o material obtido. Após a confecção dos mapas pelos diferentes sujeitos, as falas foram transcritas e coordenadas com os registros. A partir das leituras emergiram alguns traços comuns entre os sujeitos entrevistados, e também situações singulares no uso do espaço. As falas foram arranjadas segundo essas situações e apresentadas em cores, de modo a facilitar a interpretação das narrativas à frente apresentadas, do modo a seguir.



Figura 25 – Categorias interpretativas.
Foto: Gleice Lisboa. Arte: Luiz Henrique Vieira Souza

Processos de educação: <i>quais são as rotinas que as promovem? Quais são os locais que promovem?</i>	Azul
Problemas no uso do espaço ou problemas na divulgação das atividades da UFJF	Vermelho
Locais de uso	Verde
Como usa o espaço	Laranja
Divulgação	Roxo
Comparação	Marrom
“Espaço livre”	Rosa

Figura 26 – Quadro de identificação das categorias interpretativas

Entendemos a pesquisa como um acontecimento de acordo com o método adotado na teoria histórico cultural. Vigotski, em suas reflexões sobre o desenvolvimento humano, o entendia como um processo ininterrupto de internalizações e releitura dos acontecimentos ocorridos no meio, que modificam a compreensão humana e atribui sobre o homem uma viável mudança. Dito isto, os

sujeitos participantes desse trabalho continuam em seu movimento no mundo, sendo a todo instante interpelados por diferentes situações do dia a dia que os fazem reelaborar suas ideias acerca do fato acontecido. Em um novo campo, certamente novos mapas seriam produzidos, uma vez que novas vivências a partir do uso feito do *campus* são realizadas. É com essa compreensão que entendemos a pesquisa como acontecimento, uma vez que se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo, com sujeitos num processo de desenvolvimento e aprendizagem constante. Podemos fazer certa analogia: seria um recorte espaço temporal da vida desses sujeitos participantes até aquele momento da produção de seus mapas que nos dispusemos a trabalhar. Ou seja, o que aqui será demonstrado diz respeito às vivências construídas por esses sujeitos, até aquele momento e naquele cronotopo (BAKHITIN, 2014) específico, pois acreditamos na ideia de processo e também de inacabamento do homem.

O trabalho de campo teve início ainda no ano de 2017, mais especificamente no mês de dezembro, após discussões teóricas e reflexões antes de sua execução. Um dia da semana foi escolhido para a produção dos primeiros mapas vivenciais. Durante o turno da tarde, como de costume, comecei a observar os usos feitos pelas pessoas no *campus* universitário. Seguindo o caminho metodológico discutido e adotado, aproximei-me munido de todo material de diferentes sujeitos. A escolha por essa aproximação se deu por acharmos mais significativa a produção dos mapas ser feita durante a realização do uso do *campus* pelas pessoas. Observava-as desenvolverem suas atividades e percebendo a abertura para aproximação, me apresentava. Nesse momento era elaborado o mapa vivencial.

Diante esse relato da metodologia adotada, podemos ressaltar algumas observações: alguns dos mapas produzidos fogem à norma escolarizada aprendidas nas escolas, com uma produção livre daquilo que julgaram ser necessário de ser cartografado. Outras pesquisas com os mapas vivenciais já demonstraram a importância do local de pesquisa para a elaboração dos mapas. Conforme a teoria histórico cultural e a metodologia adotada para os mapas vivenciais, estes devem ser produzidos nos locais de pesquisa, pois o espaço de produção influencia diretamente na produção final. Buscamos contemplar os diferentes sujeitos que usam o *campus* e obtivemos mapas claramente escolarizados⁸, assim como mapas que representam os sujeitos, mas que não se preocuparam em se ater um rigor em sua produção.



Figura 27 – Mapas vivenciais: locais de elaboração.
 Fonte: Google Earth. Elaboração: Jéssica Lana de Souza, 2019.

No ano de 2017, quatro sujeitos se dispuseram a participar. Após esse primeiro momento do trabalho de campo e reflexões, retornei a campo no segundo

⁸ Entende-se aqui o mapa escolarizado a partir do processo de ensino e aprendizagem da cartografia na escola atendo-se às normas técnicas asseguradas pela ciência geográfica.

semestre de 2018, sob a orientação de buscar sujeitos que não tivessem vínculo institucional com a UFJF. Além dessa orientação, novas perguntas orientadoras foram elaboradas: 1- *Demonstre no seu mapa os espaços do campus em que você usa e narre enquanto produz.* 2- *Que formas de educação você acredita que esse campus produz?*

Cabe ressaltar, como já mencionado na metodologia desta pesquisa, que buscamos aprofundar a compreensão dos mapas vivenciais elaborados, por isso trabalhamos com poucos sujeitos de pesquisa. Não seria possível quantificar as vivências de todos que por esse *campus* transitam e o usam de alguma forma, devido ao seu grande fluxo diário, mas é possível fazer aproximações, sem, contudo, abrir mão da singularidade de cada um. O entorno da praça cívica é escolhido neste trabalho para a aproximação dos sujeitos, por entendermos como um local não somente de passagem, mas também de encontro entre sujeitos no *campus*.

4.2 CADERNO DE MAPAS VIVENCIAIS

Os mapas vivenciais foram agrupados no que chamamos de “Caderno de mapas”. Abaixo, apresentamos os dez mapas confeccionados e suas narrativas. Na subseção seguinte, demonstraremos suas interpretações.



Figura 28 – Sujeito 1

Sujeito 1

Frequento o IAD, me identifico com o espaço. Ambiente transcende arte, é por essa razão. Não há restrição. As pessoas não te olham.

RU: Almoço e janto. É um espaço para socializar.

ICE: Estudos. Fiz uma disciplina que não era confortável.

FALE: Frequento para estudos.

Praça Cívica: Fazer piquenique, fumar e ir a festas. Encontros amorosos. Uso com os amigos.

Direito: Estudos.

ICH: Para ir às festas e aulas. Reuniões de movimentos sociais. Onde aconteceu minha primeira apresentação como *drag queen*.

FAC: Pertencço ao curso. Onde fico maior parte de meu tempo. Onde aconteceu minha primeira aparição como *drag queen* e também já se apresentou.

Odontologia: Tratamento dentário.

Anel viário: Atividade física.

Reitoria: Trabalho como bolsista.

Facom/FACED: Estudos.

Vida como *drag queen* nasce na UFJF.

Estacionamento: Festas; Chás de Quinta, EREGEO, festa da história. Fui como *drag queen* em algumas delas.

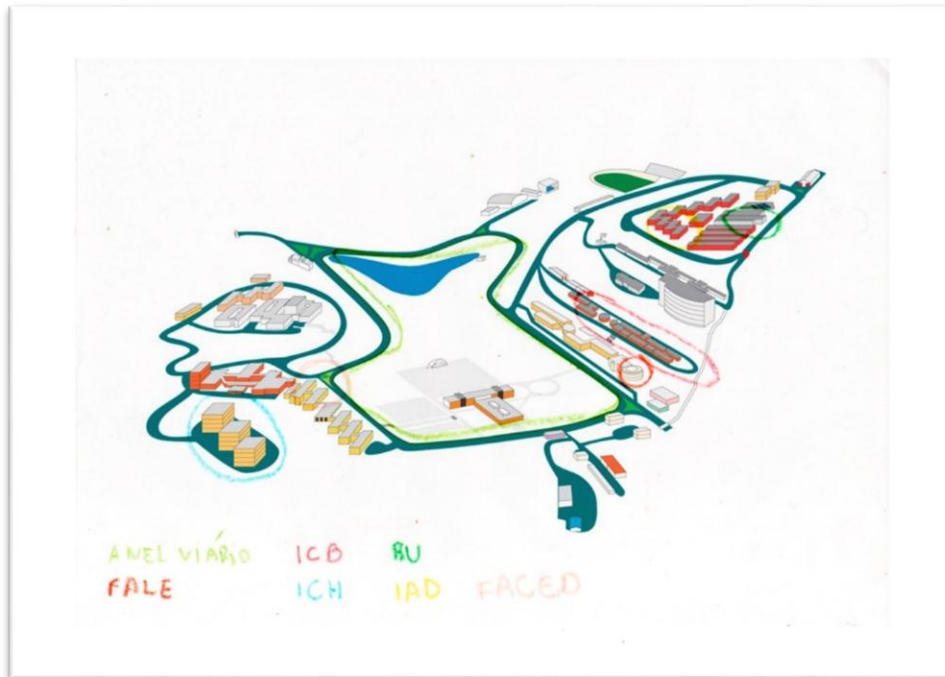


Figura 29 – Sujeito 2

Sujeito 2

FALE: Choro. Estudos. Grupos de pesquisa.

Ando pouco pelo *campus*. Vou ao Encontro de Mc's, Vender doces. Centro Acadêmico. Participo do C.A. Contemplação e encontro amigos.

ICB: Dar “rolezinho”, vender doces para arrecadar uma grana. Bolsa não é o suficiente.

ICH: Também vender doces. Estudos. Grupo de estudos África. Atividades culturais, festas e fumar.

RU: Refeições, mas não gosto da comida. É um local de encontro.

IAD: Contemplação no bosque. Empatia. Sinto liberdade e tenho amizades. Serve para sessão de fotos e ir às festas.

FACED: Inferno. Utopia. Desisti da licenciatura. Optei pelo bacharelado. Vou ao Chá de Quinta. Briguei com professores e alunos.



Figura 30 – Sujeito 3

Sujeito 3

ICE: Meu pai é professor. Encontro meu pai lá.

Submundo: Submundo: Auditório abandonado. Serve para sessões de fotografia e prática de lazer. Para fumar e encontrar pessoas.

Praça Cívica: Som Aberto, DCE, Festa Vermelha da UJC. Encontro meus amigos na praça. É um ponto de encontro. Já vinha com a família antes do ingresso na UFJF. Entrei em 2015. Vinha aos finais de semana para andar de bike e brincar ou passar meu aniversário.

Observatório: Contar histórias e SEMIC.

Reitoria: Movimentos sociais e estudantis, a ocupação. Local de cultura.

Direito: Discussões sobre o movimento estudantil e sociais. Assistir a banca de mestrado e vender doces.

Facom: Vender doces. Dei “rolezinho”. Tenho uma amiga que cuida do jardim da Facom.

FAEFID: Acompanho meu pai fazer exercícios.

Arquitetura: Socializar. Conheço pessoas

Creche: Projeto de contação de histórias uma vez por semana para crianças.

DCE: Festas e demandas do CA.

Praça Cívica: Vinha para a praça antes de pertencer a UFJF. Não é um espaço voltado para educação. Não é um espaço público para integrar a sociedade. Espaço que pode vislumbrar o futuro. A polícia militar não deveria estar no *campus*.



Figura 31 – Sujeito 4

Sujeito 4

Longboard: Uso para andar de *longboard* e *bike*.

Bola: Jogo bola com um amigo e brinco com minha filha.

Lazer: Sempre venho com minha filha e o cachorro para passear.

Frequento há mais de vinte anos. Sou morador próximo a UFJF.

Praça Cívica: Frequento as festas quando tem.

Transcrição de campo após qualificação



Figura 32 – Sujeito 5

Sujeito 5

Promove eventos, excursões das escolas, tem o Planetário.

Espaço para educação física. É um ótimo espaço para uso físico.

Sou professor de bicicleta. Uso o espaço com meus alunos. Todos esses caminhos eu uso para dar aula. Tem subidas e descidas que ajudam nas aulas também.

A ciclovia não é respeitada, usam como pista de corrida.



Figura 33 – Sujeito 6

Sujeito 6

Área central do campus e anel viário: Para realização de caminhada, beber um suco, ler um livro e fazer fotos.

Frequento os eventos da engenharia assistindo cursos e palestras. Minha irmã que faz o curso de engenharia, portanto sempre fica sabendo dos eventos.

Frequento o Planetário e Centro de Ciências.

Acredito que deveriam existir “faculdades” como a UFJF. Não precisa se identificar, qualquer um pode entrar, isso é bom, porque é pública.

UFF Volta Redonda (RJ) tem que ter cadastro, não se pode caminhar livremente, é preciso fazer um crachá para o lugar específico que a pessoa deseja ir. Já a UFJF é livre para as pessoas irem a qualquer lugar. Segurança em todos os lugares.

O *campus* é bem cuidado. Há um parque para cachorros.

Os eventos dos outros cursos deveriam ser mais divulgados e o que acontece no *campus*.

Acesso o Instagram da UFJF como fonte de informação do que acontece.



Figura 34 – Sujeito 7

Sujeito 7

Os outdoors com mensagens espalhados pelo *campus* como uma maneira de promoção da educação. Discussão sobre os direitos e deveres dos alunos. Campanhas sobre vacinação.

Eventos na Praça Cívica como Som Aberto, promovido pela UFJF. Evento que permite diversas bandas com elementos culturais diferentes terem seu espaço.

IAD: Movimentos culturais feitos pelos alunos de inclusão de minorias. Tudo isso é uma maneira de promoção de educação no *campus*.

ICH: Faço uma disciplina eletiva.

Ponto de ônibus da FALE: Pegar o circular. É um ponto de encontro entre as pessoas, daí pode surgir alguma coisa desse lugar.



Figura 35 – Sujeito 8

Sujeito 8

Praça Cívica: Faço ioga, meditação, alongamento e malho nos aparelhos próximos a pista de skate e ao Planetário.

FAEFID: Pratico esporte que são abertos à comunidade.

ICB: Andar pelos caminhos do Instituto.

Anel viário e Praça Cívica: Fazer caminhada.

Odontologia: Faz tratamento dentário oferecido pela instituição

Frequento o *campus* desde o “Domingo no *Campus*” que havia apresentação de shows, aulas de karatê para as crianças.

É um espaço para a galera andar de bike.

Aqui a comunicação rola. Encontrar pessoas que não conhece. Assim promove a educação.



Figura 36 – Sujeito 9

Sujeito 9

Engenharia: Assisto às aulas, uso a biblioteca do Itamar Franco.

ICE: Assisto às aulas.

RU: Para comer.

Reitoria e entorno: Andar de bike e ir à biblioteca central, passear com o cachorro e praticar corrida.

FALE: Uso para pegar ônibus.

Direito: Uso também para pegar ônibus.

Anel viário: Percorro com o ônibus circular.

Centro de Ciências: Já fui ao Centro de Ciências

Acho que o *campus* integra as pessoas com atividades culturais e para a família. O Centro de Ciências possibilita a vinda dos estudantes da UFJF e de fora. A vegetação do *campus* pode ser usada na pesquisa.

Sou de Petrópolis e não encontro espaços como o do *campus*. Vim pra cá. Aqui tem cultura, dança e diferentes artes. Não há outro espaço como esse na cidade. Em Petrópolis não tem isso.



Figura 37 – Sujeito 10

Sujeito 10

Reitoria e entorno: Namorar, sacar dinheiro, visitar as exposições do prédio e relaxar junto às plantas dos jardins.

FALE: Encontrar os amigos e professores. Continuar integrado para não perder o vínculo afetivo.

Anel viário: Área para caminha e relaxar.

Praça Cívica: para fumar e ficar sozinho.

A promoção da educação não acontece só no processo de troca na escola e na faculdade. Educação parte do ambiente de conhecimento, não somente do professor e aluno. Sozinho ele conhece novas coisas. Cada folha seca no chão são fenômenos diferentes para cada folha. Isso traz coisas novas, tem um conhecimento a ser conhecido. É a promoção do conhecimento.

Estar em um lugar que te oferece coisas novas a cada dia, traz conhecimento. A ideia da Universidade Federal oferece a ideia que sempre verá pessoas diferentes. É um universo com confluência de várias particularidades.

Conhecer os outros, pessoas diferentes e mudam sempre. Se há conhecimento, há educação. Educação das novidades, do que é inédito. Quem me

vê duas vezes, nunca me vê igual. Isso é conhecimento, porque promove impactos diferentes.

4.2.1 DETALHAMENTO

As interpretações se iniciam com os primeiros mapas produzidos no ano de 2017. As análises são feitas agrupando as fala dos sujeitos participantes a partir das categorias estabelecidas, sendo a primeira de processos educativos.

O sujeito 1 faz a seguinte afirmativa:

[...] **Frequento o IAD**, **me identifico com o espaço**. [...].

O IAD (Instituto de Artes e Design) não aparece em todos os mapas produzidos. Isso acontece porque os espaços tornam-se significativos para as pessoas por diferentes razões, logo, não temos a produção de mapas homogêneos. Cada sujeito usa os diferentes espaços existentes com alguma intencionalidade, e a ele atribui algum significado a partir da vivência possibilitada por esse uso. Mesmo estabelecendo a categoria “processos educativos” para início das análises, torna-se necessária, para que faça sentido o texto, a transcrição de toda oração da narrativa dos sujeitos em alguns momentos.

Agora com o sujeito 1 e o sujeito 2, seguimos com as interpretações. O sujeito 1 diz:

[...] **RU: Almoça e janta**. *É um espaço para socializar* [...]

Enquanto o sujeito 2 sobre o RU relata:

[...] *É um local de encontro* [...]

Nessa segunda fala em referência à socialização do espaço, duas subcategorias aparecem – “quais são as rotinas que promovem” e “quais são os locais que promovem educação”. Para a narrativa do sujeito 2, somente a segunda subcategoria aparece, em referência a um processo educativo ligado a rotina de usos dentro do *campus*. O restaurante universitário (RU) é um espaço que aparece

em quase todas as produções dos mapas, principalmente quando os sujeitos são estudantes e possuem, portanto, um vínculo institucional com a universidade.

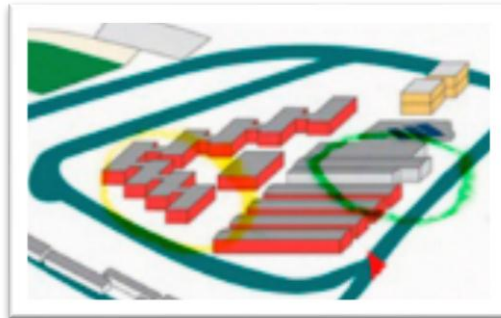


Figura 38 – RU – Sujeito 2

Interessante perceber que o uso é atribuído pelo sujeito ao espaço, rompendo com a sua primeira função, a alimentação da comunidade universitária. Quem caracteriza o espaço é o sujeito a partir de seu uso, por isso não se pode previamente atribuir uma única função para este espaço. Os sujeitos usam e ocupam os espaços da maneira que entendem condizer com suas necessidades. Desse modo, o restaurante universitário exerce uma função para a comunidade acadêmica de aproximação dos sujeitos que compõem a universidade. Novas funções são atribuídas.

Prosseguindo com as interpretações do mapa vivencial do sujeito 1, deparamo-nos com a FALE (Faculdade de Letras) e o Direito com colocações bastante próximas:

[...] **FALE e direito:** *Frequento para estudos.* [...]

O processo educativo aparece pelo uso rotineiro desse espaço, que pode superar os estudos formalizados dentro da faculdade, criando um ambiente propício para a realização de novos usos. Em seguida, ainda dentro da categoria de processos educativos, aparece a seguinte afirmação sobre a Praça Cívica:

[...] **Praça Cívica:** Fazer piquenique, fumar e ir a festas. Encontros amorosos. Uso com os amigos. [...]

A Praça Cívica e seus entornos aparecem em todas as delimitações de espaço nos mapas vivenciais produzidos. Não partimos do pressuposto de que a abordagem sendo feita nesse espaço faria com que ele fosse delimitado no mapa, uma vez que o sujeito poderia, em seus julgamentos, não considerar como um espaço significativo para ser mapeado. Mas o que os mapas revelaram foi um uso comum a todos esses sujeitos participantes (conferir seção 4.2).

A UFJF é caracterizada nessa narrativa como o principal aparelho urbano, assemelhando-se a um parque urbano público. A diversidade de afazeres apresentados, assim como a constância de seu aparecimento em todos os mapas, reafirma a necessidade de locais de encontro, do devir e de livre acesso aos diferentes sujeitos pertencentes à cidade. O pertencimento a esse espaço e a segurança em um ambiente plural rompe com o uso dos espaços privados e individuais – como pode ser ratificado por essa produção de mapa –, logo, conseguimos enxergar os processos educativos ocorrentes. O conceito de meio, tão importante na compreensão das ideias de Vigotski para o desenvolvimento humano, fica em maior evidência nesses mapas. É o espaço público, plural, acessível, democrático e seguro que proporciona esses encontros. Torna-se importante ressaltarmos o conceito de meio. O meio onde os sujeitos estabelecem contato entre si cria inúmeras alternativas de processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento dos envolvidos. A cultura já existente é atravessada por novas possibilidades quando se retorna ao mundo outros princípios e convicções. Fazer um piquenique, como aponta o sujeito 1, em um espaço diverso como esse, é completamente diferente de se recorrer a um espaço privado, onde os encontros ficam restritos. Em consequência disto, perde-se as diferentes personalidades de outros sujeitos, os quais possuem e podem contribuir para uma nova aprendizagem e elaboração de ideias pelas pessoas.

O sujeito 1 faz referências a outro espaço do *campus* em que podemos categorizar como processo educativo:

[...] ICH: [*Para ir às festas e aulas. Reuniões de movimentos sociais. É onde aconteceu minha primeira apresentação como drag queen.*](#) [...]



Figura 39 – ICH – Sujeito 1

Para a FACED (Faculdade de Educação), o sujeito 2 faz uma fala próxima a mencionada acima:

[...] [Vou ao Chá de Quinta](#)⁹ [...]

O uso desse espaço por esse sujeito desperta atenção em seu relato ao mencionar sua primeira aparição pública como *drag queen*. O espaço da festividade, do encontro de pessoas, da liberdade, como discutindo anteriormente nesse trabalho, ressurge, proporcionando mais uma vez uma nova função para um instituto. Ele não se restringe à produção do saber científico acadêmico, mas é também um espaço plural e de representatividade de minorias que enxergam no espaço público seu próprio espaço de atuação.

O sujeito diz ainda:

[...] [“minha vida como drag queen nasce na UFJF.”](#) [...]

Tais palavras ajudam a reafirmar a imprescindibilidade de um espaço público que seja de possibilidades para as manifestações humanas. Somente um espaço como esse permitiria tal aparição, transformando a vida desse sujeito e oportunizando o contato de outros que também usam esse espaço. Mais uma vez, um espaço público democrático, plural e seguro é fundamental para que as atividades humanas possam se expressar.

⁹ Chá de Quinta foi uma festa realizada semanalmente durante o ano de 2016.

Narrando mais um espaço de vivência em seu mapa, um espaço parece ter grande importância para o sujeito 2. Trata-se de um dos estacionamentos existente no *campus*, o estacionamento da FACED:

[...] **Estacionamento:** *Festas; Chás de Quinta, EREGEO¹⁰, festa da história. Fui como drag queen em algumas delas.* [...]

O estacionamento da FACED possui vista para a cidade de Juiz de Fora, e fica localizado no início do morro de acesso ao ICH (Instituto de Ciências Humanas) citado pelo sujeito 1, mesmo não sendo delimitado em seu mapa. Segundo sua narrativa, é notória a importância desse espaço na sua vida, uma vez que muitas de suas aparições como *drag queen* se deram nesse estacionamento. Porém, como mencionava as festas realizadas pelos cursos, pode não ter visto como necessário o aparecimento de tal espaço em seu mapa. Ou o simples fato de pensar o estacionamento para um uso literário e, portanto, também não julgar a necessidade de sua aparição delimitada no mapa, não compreendendo as maiores possibilidades existentes quando há o uso de qualquer espaço. São apenas indícios aqui levantados para essa escolha, para não correremos o risco de julgarmos a autoria da produção do sujeito de pesquisa, apenas apontarmos a possível motivação para não ser delimitado em seu mapa vivencial.

O sujeito 2, ao delimitar o IAD, ao mesmo tempo que faz sua narrativa menciona as amizades construídas nesse espaço do *campus* da universidade:

[...] *tenho amizades.* [...]

Sobre essa afirmação retomo às ideias de Bakhtin sobre a necessidade do outro em nossa própria constituição. O outro, pela sua posição de exterioridade, é capaz de enxergar além da nossa própria compreensão, e isso se torna fundamental em nossa constituição enquanto sujeitos. As amizades construídas dentro espaços da diversidade do *campus* promovem mudanças no posicionamento de mundo dos sujeitos, que também são afetados pelo outro a todo instante.

¹⁰ EREGEO – Encontro Regional dos Estudantes de Geografia.

O sujeito 3 participante dessa pesquisa faz um relato do espaço atrelado a uma temporalidade:

[...] *Já vinha com a família antes do ingresso na UFJF.* [...] *Vinha aos finais de semana para andar de bike e brincar ou passar meu aniversário* [...]

Essa narrativa retrata o uso do *campus* da universidade pela comunidade, e como o frequente uso desse espaço pode criar o pertencimento que os sujeitos precisam construir junto a ele, numa compreensão que ele é público e formativo. O pertencimento e cidadania que podemos inferir dessa narrativa fica evidente com os muitos afazeres relatados pelo sujeito 3, que demonstra um lastro histórico de uso. Participar da vida do *campus* universitário, antes mesmo de ingressar a UFJF, é o que de fato esse aparelho urbano enquanto espaço público precisa promover aos cidadãos de sua cidade, para que não fique no exclusivismo daqueles que estão formalmente vinculados à UFJF.

Apontando a Reitoria na sua produção do mapa, o sujeito 3 faz a seguinte afirmativa:

[...] *Reitoria: Movimentos sociais e estudantis, a ocupação.* *Local de cultura.*
[...]

Tal fala sobre cultura nos traz o entendimento de um espaço que produz um processo de educação para aqueles que o uso fazem do local. A cultura é um fenômeno social constituinte dos homens, logo, conhecer e se reconhecer na cultura em que vivemos é fundamental. Ao nascermos, encontramos um tempo e espaço presente formado por milhares de processos socioculturais que farão parte de nossa personalidade. Daí a existência de uma perspectiva outra daquilo que está enraizado como modo de agir e pensar no mundo. É no contato e reconhecimento da cultura posta que é moldado nossas atitudes e ações que afloram nossas inquietações para pensarmos como agir e viver no mundo.

[...] *Direito: Discussões sobre o movimento estudantil e sociais. Assistir a banca de mestrado* [...]

Sobre a Faculdade de Direito, são citados dois eventos que produzem um momento de aprendizagem – por isso categorizado nos processos de educação – mas que se diferenciam pela formalidade e não formalidade. Enquanto uma banca de mestrado e o movimento estudantil possuem todo caráter acadêmico institucional, os movimentos sociais muitas das vezes não estão interligados diretamente a nenhuma instituição. Portanto, merece destaque o papel importante do *campus* como espaço público, aproximando essas produções de diferentes saberes e oportunizando pra aqueles que fazem uso do *campus* vivenciar esses eventos. E assim, a partir das vivências constituídas, poder inferir novas concepções dos temas abordados e retornar ao mundo uma nova ideia do que foi construído.

O sujeito 3, ao demarcar em seu mapa a Faculdade de Arquitetura, faz a seguinte narrativa:

[...] **Arquitetura:** *Socializar. Conheço pessoas.* [...]

O verbo socializar apareceu de maneira recorrente para os usos dos espaços do *campus* da UFJF. Mais uma vez, apontamos para as práticas de ensino e aprendizagem ocorridas diariamente dentro do *campus*, fora das salas de aula. Pensamos o *campus* como uma grande sala de aula, e a viabilidade desses processos entre os sujeitos no *campus* e o meio em uma unidade de fundamental para o desenvolvimento do humano, como aponta a teoria de Vigotski para esse trabalho. O contato entre pessoas e conhecer outras novas é uma oportunidade que poucos espaços podem proporcionar. Uma universidade pública, com um processo de ingresso que abrange todo o território nacional, promove um encontro das culturas trazidas por esses sujeitos que se modificam a cada momento dentro da universidade.

Dando continuidade as análises do mapa vivencial do sujeito 3, chegamos a um espaço pouco lembrando dentro do *campus* universitário: a escola municipal ali presente:

[...] **Escola municipal:** *Projeto de contação de histórias uma vez por semana para crianças.* [...]

A rotina nesse local pouco apontado no *campus* é de grande contribuição formativa. É um espaço que foge ao ensino superior, estando no mesmo espaço da universidade, e talvez por isso pouco lembrado pelas pessoas. A escola atende as crianças do bairro limítrofe da UFJF, sendo assim, esse sujeito tem a oportunidade de romper com os limites físicos e simbólicos estabelecidos pelo território do *campus*, podendo relacionar-se com a comunidade do entorno.

Essas primeiras interpretações apresentadas dizem respeito ao trabalho de campo realizado no ano de 2017. As narrativas a seguir referem-se ao trabalho de campo realizado no ano de 2018, após reflexões sobre o primeiro material obtido. Como dito no capítulo teórico metodológico, as perguntas orientadoras foram modificadas a fim de dar maior clareza para os sujeitos de pesquisa.

Durante a execução de seu mapa, em que delimitava seus espaços de uso no *campus* universitário, o sujeito 5 já respondera a segunda questão que orientava os participantes naquele momento:

[...] [Promove eventos, excursões das escolas, tem o Planetário.](#) [...]

Em sua resposta sobre a promoção de educação, podemos perceber uma educação com viés escolarizado, em movimento de alunos da escola básica em direção ao *campus* para alguma prática educativa. Essa visão do ensino formal se apresenta bastante enraizada no pensamento quando tratamos de processos de ensino e aprendizagem. A dificuldade de se enxergar o espaço como produtor de conhecimento a partir de todas as relações ali estabelecidas impede um novo olhar para o modo de se promover educação. Mas ainda assim, nessa narrativa percebe-se o uso rotineiro do Planetário como espaço de difusão do conhecimento.

Sobre o uso do Planetário, o sujeito 6 também retrata tal rotina:

[...] [Frequento o Planetário e Centro de Ciências.](#) [...]

Em sua fala, diferentemente da ideia construída anteriormente pelo sujeito 5, percebe-se o uso por esse próprio sujeito sem relação a outros indivíduos que venham de fora do espaço do *campus*. Cabe destacar esse encontro, esta junção daqueles que estão vinculado a universidade com aqueles que creem nos espaços do *campus* como formativo. Esse encontro, mais uma vez, ajuda na construção do

pertencimento ao espaço público do *campus* e a disseminação do conhecimento construído.

O seguinte participante, o sujeito 6, faz uma narrativa categorizada dentro dos processos de educação da seguinte maneira:

[...] *Frequento os eventos da engenharia assistindo cursos e palestras.* [...]

Essa fala demonstra a necessidade cada vez maior de ampliação dos eventos acontecidos dentro do *campus* promovidos pela instituição. É preciso que o saber científico ultrapasse as barreiras existentes com os limites do *campus*, de modo que a comunidade sinta-se pertencente à vida universitária e ao mesmo tempo devolva, enquanto retorno, os investimentos governamentais postos nas universidades.

Esses eventos promovidos pelos institutos são um momento oportuno para no processo de ensino e aprendizagem. Vigotski destaca que, por mais que estejamos a todo instante no fluxo da vida, com diversos eventos acontecendo ao nosso redor recriando nossos posicionamentos e maneira de agir no mundo, há aqueles momentos que potencializam o desenvolvimento do homem. Isso acontece porque, anteriormente, fora pensada uma estratégia de ensino para o assunto abordado, logo é um momento de maior atenção e foco sobre aquilo que se quer construir junto aos estudantes em uma aula ou participantes de um evento.

A próxima narrativa apresentada é do sujeito 7, apontando as campanhas feitas pela UFJF ao longo do anel viário. Esse apontamento encaixa-se na categoria de processo de educação como uma forma de linguagem que atinge a todos que diariamente transitam pelo *campus*. Alguns desses outdoors foram mostrados no Capítulo 3.

[...] *Os outdoors com mensagens espalhados pelo campus é uma maneira de promoção da educação. Discussão sobre os direitos e deveres dos alunos. Campanhas sobre vacinação* [...]

Voltamos mais uma vez na questão do meio trazida nas discussões de Vigotski. O meio estabelece uma unidade com os sujeitos num processo indissociável para o desenvolvimento humano, logo, diferentes formas de linguagens

colaboram na internalização do que o meio pode oferecer. Essa linguagem visual alcança seu público alvo produzindo efeitos imediatos como aponta o sujeito em sua fala acima.

O sujeito 7 prossegue delimitando no papel seus espaços de uso enquanto narra:

[...] *IAD: Movimentos culturais feitos pelos alunos de inclusão a minorias. Tudo isso é uma maneira de promoção de educação no *campus*. [...]*

Na mesma direção, o sujeito 9 narra o que compreende como o papel do *campus*:

[...] *Acho que o *campus* integra as pessoas com atividades culturais e para a família. O centro de ciência possibilita a vinda dos estudantes da UFJF e de fora [...]*

O reconhecimento das atividades culturais, como importante fomento na busca pela promoção da educação a favor das visibilidades das minorias, chama atenção do sujeito 7. A cultura exerce esse papel de pôr em evidência pautas societárias que precisam ser debatidas e difundidas. O espaço público do *campus* permite essa discussão e, quanto maior o acesso por diferentes sujeitos da cidade a ele, mais a cidade é impactada com essas importantes demandas. Por isso, rogar pelo uso do espaço de forma democrática torna-se importante em tempos de retrocesso junto às universidades públicas do país. A cultura sempre se mostra presente, alertando as pessoas sobre os caminhos que a sociedade percorre. Por isso é tão importante atividades culturais que propiciem esses processos de educação.

O ponto de ônibus é demarcado no mapa do sujeito 7 e sua narrativa o caracteriza com um espaço de encontro:

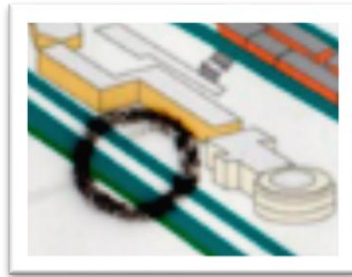


Figura 40 – Ponto de ônibus – Sujeito 7

[...] Ponto de ônibus da FALE: Pegar o circular. É um ponto de encontro entre as pessoas, daí pode surgir alguma coisa desse lugar. [...]

Diferentemente do sujeito 1, que faz uma expressiva narrativa para um estacionamento do *campus*, mas não o delimita em seu mapa, o sujeito 7 delimita o ponto de ônibus em seu mapa vivencial. Podemos fazer uma aproximação desses dois espaços: são espaços que pouco aparecem nos mapeamentos, provavelmente por não serem considerados por uma lógica do que fora construída como um espaço de possibilidades de ensino e aprendizagem. A teoria com a qual trabalhamos amplia a maneira de conceber os processos de desenvolvimento humano, atentando para cada evento que estamos participando, seja no diálogo entre pessoas no ponto de ônibus, seja assistindo a uma apresentação de *drag queen* em um estacionamento. Ou seja, todo espaço é repleto de oportunidades.

O *campus* da UFJF possui um histórico de fomento ao uso por parte da própria instituição. Essa afirmação pode ser confirmada na fala do Sujeito 8:

[...] *Frequento o campus desde o Domingo no Campus¹¹ que havia apresentação de shows, aulas de karatê para as crianças* [...]

Esse incentivo de uso do *campus* por parte da população da cidade, em um movimento de extensão universitária, estimula os processos de educação com atividades culturais. O pertencimento mais uma vez pode ser realçado aqui junto ao *campus*, onde há incitação a novas vivências pelos sujeitos, podendo acontecer a

¹¹ O Domingo no *Campus* é uma iniciativa que busca contemplar pessoas de todas as idades com lazer através de shows, aulas e brincadeira na praça cívica situada no centro do *campus*.

internalização daquilo que ali aprendem, trocam com os outros e vivem. Nesse instante, emerge uma universidade enquanto um território educativo.

Em nova passagem de sua narrativa em referência à promoção de educação no *campus*, o sujeito 8 diz:

[...] *Aqui a comunicação rola. Encontrar pessoas que não conhece. Assim promove a educação.* [...]

A primeira sentença dessa fala merece destaque para aproximação entre as pessoas. Como Gehl ressalta, só é possível que haja comunicação direta entre pessoas quando os espaços são pensando para o uso delas. Ou seja, a escala da produção dos espaços deve priorizar os sentidos humanos. Diversos espaços do *campus* foram pensados para uso coletivo, como a Praça Cívica e o anel viário, por exemplo. Isso pode ser afirmado pela sua dimensão que comporta inúmeras pessoas, mas que ao mesmo tempo facilita o contato e a comunicação.

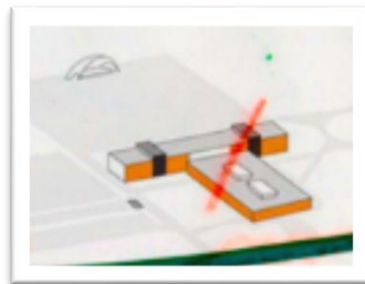


Figura 41 – Praça Cívica – Sujeito 8

A última narrativa dentro da categoria de processos de educação é do sujeito 10. Seguindo as perguntas orientadoras, ele relata seu entendimento sobre a promoção de educação que o *campus* pode oferecer da seguinte maneira:

[...] *A promoção da educação não acontece só no processo de troca na escola e na faculdade. Educação parte do ambiente de conhecimento, não somente do professor e aluno* [...]

Sua fala se inicia com uma crítica ao ensino formalizado, restrito aos espaços escolares e ao ensino superior. O ambiente de conhecimento, por ele relatado, pode ser entendido como meio a partir dessa unidade já debatida em

Vigotski, entre o meio e o sujeito no processo de aprendizagem. O sujeito 10 prossegue:

[...] *Sozinho ele conhece novas coisas. Cada folha seca no chão são fenômenos diferentes para cada folha. Isso traz coisas novas, tem um conhecimento a ser conhecido. É a promoção do conhecimento.* [...]

Possivelmente essa passagem acima seja a melhor exemplificação do conceito de vivência trazido nesse trabalho. Uma folha que cai com seu movimento único, movido pelo vento, propaga um fenômeno que não é o mesmo de outra folha que cai em instantes depois. Os fenômenos se iniciam e encerram a todo tempo, e a maneira como cada sujeito recria tudo o que vivencia de forma singular é o ato de contribuição do meio junto a sua personalidade. Por isso, rogamos com a ideia de processo e inacabamento, pois qualquer acontecimento, por mais singelo que possa parecer, tem o potencial de despertar no humano um novo entendimento sobre qualquer situação. Ainda sobre o sujeito 10, continuamos:

[...] *Estar em um lugar que te oferece coisas novas a cada dia, traz conhecimento. A ideia da Universidade Federal oferece a ideia que sempre verá pessoas diferentes. É um universo com confluência de várias particularidades.* [...]

Essa narrativa se aproxima de outras quando pensamos no *campus* como um espaço público que deve ser plural, atendendo aos diferentes sujeitos de sua cidade. Porém, destaco a “confluência de particularidades”: entendo essas particularidades como sinônimo das personalidades dos sujeitos inseridos do *campus*. Essa aproximação revela as trocas de conhecimento mediadas pelo meio, aqui o *campus*. Com um espaço aberto com livre acesso e políticas de ingresso abrangentes a todo país, essa “confluência de particularidades” cresce à medida que os sujeitos percebem a necessidade do outro em sua formação enquanto pessoas.

O último excerto dessa narrativa, referente à promoção de educação no *campus* pelo sujeito 10, é um fechamento de sua fala:

[...] *Conhecer os outros, pessoas diferentes e mudam sempre. Se há conhecimento, há educação. Educação das novidades, do que é inédito. Quem me*

vê duas vezes, nunca me vê igual. Isso é conhecimento, porque promove impactos diferentes. [...]

Ele atenta para a mudança nas pessoas, ou seja, encontrar as mesmas pessoas sempre é algo novo, pois estamos em constantes processos de reelaboração de nossas ideias. O *campus* roga por esses encontros rotineiros, mas que sempre nos trazem surpresas junto às pessoas que sempre contribuem na nossa formação com algo novo. Além disso, ainda nessa narrativa para o espaço do *campus*, associa conhecimento e educação, em um entendimento que, não é possível um sem o outro. É importante pensarmos esse conhecimento de maneira alargada, conhecimento que cada sujeito ao adentrar o *campus* carrega consigo mesmo e dissemina durante seu uso.

A segunda categoria a ser analisada diz respeito aos problemas encontrados no uso do espaço do *campus* universitário, ou na divulgação dos eventos por parte da UFJF.

Iniciamos essa categoria “problemas no uso do *campus*”, ou “problemas na divulgação das atividades da UFJF”, com a narrativa do sujeito 1:

[...] ICE: Estudos. Fiz uma disciplina que não era confortável. [...]

Esse relato caracteriza esse espaço em duas maneiras: reafirmando uma das três funções que a universidade pública deve exercer, sendo uma delas a de ensino, ao mesmo tempo em que realça as sensações humanas que vão também nos constituir. Em sua memória, para esse sujeito, o espaço é lembrado por um desconforto. Cabe aqui pensarmos a questão do desenvolvimento humano de maneira bastante ampla para não cairmos no evolucionismo. O desenvolvimento que trazemos aqui coloca o ser humano em processo, ou seja, em mudança. Mudança que ocorre na unidade do sujeito com o meio, mas que não necessariamente é um desenvolvimento em sentido linear, numa busca incessante pela perfeição humana, mas sim de mudanças comportamentais, de acepções de mundo. O que precisamos é promover situações, dentro das salas de aula das universidades e dos *campi* universitários, que potencializem essa mudança em um viés que possa contribuir na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. É nessa perspectiva que precisamos rogar.

Para o sujeito 2, a primeira palavra utilizada para definir a FALE foi também um verbo: “chorar”. É possível a analogia dessa narrativa com a já analisada no último parágrafo. Trata-se do surgimento de sentimentos oriundos das relações entre sujeitos mediados pelo espaço em comum em onde estão situadas.

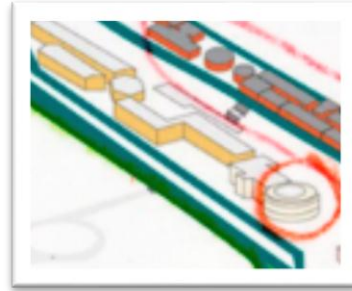


Figura 42 – FALE – Sujeito 2

Tais sensações afloradas são também internalizadas, e a maneira como retorna ao mundo é como demonstrado por essa narrativa que é também um relato de memória.

Seguindo as interpretações do sujeito 2, a seguinte fala demonstra as várias possibilidades para um espaço quando se lê:

[...] **RU: Refeições, mas não gosto da comida.** [...]

Do mesmo modo que esse espaço não traz boas recordações a esse sujeito, outros usos nesse espaço já foram relatados anteriormente, como um espaço de encontro, por exemplo. É importante romper com uma atribuição para os lugares de maneira estática e única, já que na verdade somente o uso pelas pessoas pode trazer o seu real significado. Ainda, essa atribuição é flexível na medida em que serão distintas, pois as vivências são pessoais. Prosseguindo com as interpretações, vejamos a descrição de um outro espaço, agora a FACED:

[...] **FACED: Inferno. Utopia. Desisti da licenciatura.** [...]. **Briguei com professores e alunos.** [...]

As “adjetivações” trazidas nesse relato demonstram todas as relações possíveis de serem construídas junto a determinado espaço. O relato é bastante enfático, proporcionando uma forte memória daquilo que foi vivido. Mais uma vez, as

relações entre os sujeitos mediadas por esse espaço aparecem e o qualificam de uma maneira que não pode parecer agradável, mas que faz parte do processo de constituição desse sujeito.

O sujeito 3 demonstra um descontentamento com a maneira que o espaço é pensado para a educação. Inicia seu relato mencionando a Praça Cívica, mas podemos estender a uma maneira mais ampla ao lermos a narrativa:

[...] **Praça Cívica: Venho para a Praça antes de pertencer à UFJF. Não é um espaço voltado para educação. Não é um espaço público para integrar a sociedade. Espaço que pode vislumbrar o futuro. A polícia militar não deveria estar no *campus*.**
[...]

Esse relato coloca duas temporalidades de uso para o mesmo espaço por um sujeito. Mesmo após ingresso à universidade, sua concepção sobre o espaço do *campus* parece não ter mudado. A crítica sobre o espaço público e integração da sociedade está de acordo com as discussões teóricas que embasam essa pesquisa, onde intercedemos por um espaço público, democrático, plural e seguro a todas as manifestações humanas, onde o direito de ser e o devir sejam respeitados. Ainda, a sua fala sobre “vislumbrar o futuro” demonstra o quão formativo é estar imerso nesse espaço, que pode torna-se um território educativo. Portanto, sua narrativa critica o *campus* como um espaço promotor de educação, mas não deixa de reconhecer suas possibilidades. Reconhecer como importante espaço público da cidade de Juiz de Fora é um ato de cidadania como discutido no capítulo 4.

O sujeito 5 atenta para os problemas de uso das áreas dentro do *campus*:

[...] **A ciclovia não é respeitada, usam como pista de corrida.** [...]

As observações durante o trabalho de campo demonstraram as pessoas usando a ciclovia como pista de corrida. As bicicletas existentes hoje no *campus* partem de uma parceria entre a UFJF e uma empresa privada. Durante anos a ciclovia existiu sem que as bicicletas fossem disponibilizadas no *campus*. Atrelado ao grande fluxo diário para atividades físicas, a ciclovia passou a ser usada também para a corrida e caminhada. Hoje com as bicicletas, há a necessidade de uma educação sobre o uso correto de cada parte do anel viário.

Para o sujeito 6, a UFJF deveria divulgar mais sua vida acadêmica

[...] **Os eventos dos outros cursos deveriam ser mais divulgados e o que acontece no *campus*** [...]

Esse sujeito diz frequentar os eventos promovidos pelas Engenharias, mas sente falta de saber o que acontece nos outros institutos. É importante pensarmos os meios utilizados para a divulgação das atividades da UFJF, e principalmente os espaços e os públicos que essa divulgação alcança dentro da cidade de Juiz de Fora. Se almejamos um *campus* democrático, a universidade precisa promover ações que atinjam toda sua comunidade, de modo que seja integrada à vida universitária e possa também participar dos eventos. Seja isso por parte dos institutos em suas pesquisas científicas, seja por parte da universidade ao estimular o seu uso com, por exemplo, o Som Aberto e o Domingo no *Campus*.

Avançando nas interpretações das categorias estabelecidas, chegamos à categoria “locais de uso”. Nesta categoria mostraremos todos os locais pelos dez sujeitos mapeados, buscando algumas aproximações entre eles.

Na produção realizada pelos dez sujeitos, grande parte do *campus* universitário foi contemplada. Todos os institutos apareceram nas produções cartográficas, assim como áreas mais específicas para o produtor do mapa, como por exemplo, o que é chamado de “Submundo”. IAD, RU, ICH, ICE (Instituto de Ciências Exatas), Praça Cívica e entornos, FALE, Direito, Facom (Faculdade de Comunicação), FACED, Reitoria, ICB (Instituto de Ciências Biológicas), IAD, Submundo, Observatório e Planetário, Arquitetura, Creche, FAEFID (Faculdade de Educação Física), ponto de ônibus, estacionamento, anel viário e Engenharias, todos esses locais demarcados participam ativamente do processo de desenvolvimento desses sujeitos.

Faz-se aqui uma defesa ao espaço público democrático, que acreditamos ser necessário e constitutivo às pessoas da cidade. Mas é importante realçar os espaços como os institutos usados nas rotinas daqueles vinculados à universidade. Compreender o *campus* de maneira integral, sem fragmentação, é necessário para intentarmos uma universidade interligada a cidade e a todas as pessoas que a fazem. Os espaços como institutos e seus conhecimentos produzidos devem dialogar com os espaços onde geralmente os sujeitos, sem vínculo institucional com

a universidade, fazem uso. A universidade precisa ser um espaço comum, entre produção de conhecimento e espaços de encontros, em uma unidade que almeja promover os processos de ensino e aprendizagem entre todos sujeitos presentes.

A próxima categoria a ser analisada, “como usa os espaços”, relata como esses espaços cartografado exercem diferentes funções para os sujeitos da pesquisa. Percebemos o mesmo espaço com distintas atribuições de uso, logo, contribuem de maneiras também diferente na formação de cada um.

O sujeito 1 delimita o anel viário e narra uma prática comum nesse espaço:

[...] Anel viário: **Atividade física**. [...]

Um dos principais usos encontrados e observados no trabalho de campo foi a prática física no *campus*. Em diferentes horários do dia, ao longo de todo o ano, percebe-se intensivamente a prática de exercício ao ar livre. Mas uma vez podemos fazer uma analogia à função que o *campus* passa a servir como um parque urbano da cidade de Juiz de Fora. O mesmo sujeito, sobre outro espaço, agora a reitoria, refere-se assim:

[...] Reitoria: **Trabalho como bolsista**. [...]

O trabalho como bolsista é mais uma das funções que aqueles que possuem vínculo direto com a universidade podem exercer dentro do *campus* universitário. Certamente, permite o contato com milhares de outros sujeitos que precisam dos serviços e circulam diariamente pela reitoria e seus entornos. Essa aproximação pode gerar todos os dias oportunidades de diálogos com novas pessoas.

Ainda com o sujeito 1, outras faculdades são mapeadas enquanto narra de forma breve:

[...] Facom/FACED: **Estudos**. [...]

O ensino formal mais uma vez aqui aparece. Diferente de outras narrativas, em que foram atribuídos sentimentos de não pertencimento e distanciamento, gerando uma memória desagradável sobre o local, essa narrativa traz um simples

relato de uma das três funções basilares da universidade pública, entre elas, o ensino.

O sujeito 2 logo no início de sua produção do mapa, delimita um espaço do *campus*, e faz uma narrativa aberta sobre ele:



Figura 43 – Anel viário– Sujeito 2

[...] Ando pouco pelo *campus*. Vou ao Encontro de Mc's, vendo doces. Centro Acadêmico. Participo do CA. Contemplação e encontro amigos [...]

A interpretação sobre essa narrativa demonstra que o entendimento sobre andar pouco pelo *campus* é bastante aberto. Por mais que a circulação a pé possa parecer insuficiente como relatada, o uso demonstra-se bastante intenso com diversas atividades. A participação no CA (Centro Acadêmico) é um momento que aguça o conhecimento dos estudantes. Este é um espaço com bastante rotatividade, assim, são interpeladas por novos estudantes novas reflexões, colaborando na formação individual desse sujeito a partir das discussões desse grupo social que forma o CA. A constituição de nossas ideias é sempre a representação da produção do saber de um grupo social situado num tempo e espaço.

O Encontro de Mc's dentro do *campus* da UFJF invoca por essa busca democrática e participativa de uso do *campus*. Com um gênero musical oriundo das periferias das cidades do Brasil, é altamente relevante que esteja inserido na vida da UFJF. De fato, esse Encontro de Mc's transpõe os limites entre aqueles de espaços subalternos da cidade com aqueles pertencentes à universidade. Erguem-se os momentos de alteridade (BAKTHIN, 2014) cruciais em nossa constituição como humanos, da necessidade real do outro em nosso processo de desenvolvimento. Os

sujeitos da cidade criam sua própria pedagogia de resistência ao falarem sobre seus lugares e vidas. No *campus* da UFJF, o Encontro de Mc's pode disseminar as lógicas de vidas existentes pelas diferentes regiões da cidade. Esses processos de aprendizagem também servem como ensinamento aos outros grupos da cidade quando se estabelecem as trocas mediadas por este espaço público.

O ICH é demarcado e para esse espaço a seguinte narrativa é feita:

[...] ICH: Também vendo doces. Estudo. Grupo de estudos África. Atividades culturais, festas e fumar. [...]

Destaco a participação nos grupos de estudos que os cursos de ensino superior oferecem. É um momento de contato com os demais estudantes e docentes, mas ainda, muita das vezes, com pessoas de fora da universidade que vivenciam tal realidade discutida por esses grupos – como é o caso do grupo de estudos África. Há uma aproximação entre os sujeitos que debatem seus objetos de estudos e aqueles que possuem a empiria do que é discutido. Com certeza é um dos momentos mais potentes em termos de formação que um estudante do ensino superior pode participar. É um movimento de abertura da sala de aula para realidade do mundo.

Outra atividade mencionada é a venda de doces pelo *campus*. Tanto o sujeito 2 quanto o sujeito 3 fazem tal prática. Em diversos espaços, como a faculdade de Direito e a Facom, essa atuação aparece. Os estudantes demonstram suas necessidades de se manter na universidade. Um espaço com tantas pessoas diariamente é um espaço também de consumo, logo, enxergam como uma maneira de custear suas despesas para manutenção em seus cursos. O *campus* universitário possui uma dinâmica enorme, e apenas esmiuçando a maneira como estes espaços são usados que conseguimos enxergar todos seus numerosos usos.

O IAD se mostrou um dos espaços mais atraentes para aqueles com vínculo com a universidade, principalmente os estudantes:

[...] IAD: Contemplação no bosque. Empatia. Serve para sessão de fotos e ir às festas. [...]

Um dos espaços mais flexíveis, podemos assim dizer, de acordo com as narrativas dos mapas vivenciais. Uma série de atividades é encontrada nesse espaço. De fato, esses múltiplos usos ocorrem na simultaneidade e de maneira harmoniosa. Isso ressalta a inexistência de uma hierarquia durante esses muitos usos, diferentemente do que acontece em diversos outros espaços público das cidades, como já relatado no capítulo 3. A empatia entre os usuários desse espaço é fundamental, ao reconhecer o outro como usuário de direito, constrói-se um ambiente de respeito, seguro e plural. Essa narrativa fomenta um espaço para encontro entre amigos e realização de festas tão típicas dos ambientes universitários mencionadas pelos sujeitos 2 e 3

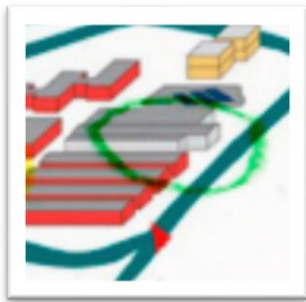


Figura 44 – IAD – Sujeito 2



Figura 45 – IAD – Sujeito 3

O *campus* possui muitas áreas verdes. Uma das áreas mais ocupadas encontra-se em frente ao IAD (conferir figuras 10 e 11). Além do uso feito pelos estudantes, sessões de fotografias são realizadas aproveitando a paisagem do local. Essa prática de fotografia também se encontra presente no bosque central do *campus*, onde a arborização é maior.

O sujeito 3 faz uma narrativa muito próxima do espaço intitulado “Submundo” com o IAD:

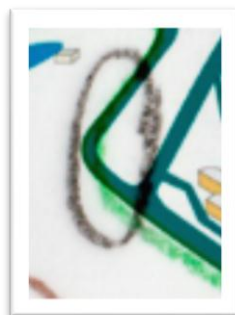


Figura 46 – Submundo: Auditório abandonado – Sujeito 3

[...] **Submundo: Auditório abandonado.** Serve para sessões de fotografia e prática de lazer. Para fumar e encontrar pessoas. [...]

Particularidades à parte, principalmente por não ser um espaço oficial e mapeado pela própria instituição, o submundo apresenta usos similares em sua maneira de conceber esse espaço com o IAD de acordo com a narrativa acima. A diferença no uso está nessa possível falta de permissão para o uso desse espaço do *campus* que, burlada por esses sujeitos, estabelece com o espaço um vínculo. Sua importância aparece ao ser delimitado no mapa mesmo não estando presente no mapa base (conferir figura 3) utilizado na metodologia.

Um relato pessoal de como usa a UFJF para o sujeito 3 aparece no momento de sua fala sobre o ICE:

[...] **ICE: Meu pai é professor. Encontro meu pai lá.**

FAEFID: Acompanho meu pai fazer exercícios [...]

Esse dado pessoal torna-se específico no uso para esse sujeito. Por ser um local de trabalho do próprio pai, frequentar o *campus* sempre fez parte da rotina do sujeito 3, logo, pôde se relacionar com o esse espaço público e criar suas ideias e memórias sobre o *campus* antes de ingressar na universidade. Sobre a Praça Cívica, continua:

[...] **Praça Cívica: Som Aberto, DCE, Festa Vermelha da UJC. Encontro meus amigos na praça. É um ponto de encontro.** [...]

Espaço delimitado em todas as produções cartográficas, a Praça Cívica reúne característica para atrair seus usuários. Localizada no centro do *campus* universitário, é palco de diversas festas e manifestações. Serve também como local de encontro pelo fácil acesso e por grande parte dos demais institutos estarem localizados em partes elevadas do *campus*. Ao lado da Praça Cívica, encontra-se a reitoria:

[...] **Reitoria: Movimentos sociais e estudantis, a ocupação.** [...]

No ano de 2015, por descontentamentos com as políticas proferidas pela gestão responsável da universidade naquele momento, os estudantes ocuparam o prédio da reitoria como forma de serem ouvidos e assim assegurarem seus direitos. É certo que quem pôde participar desse movimento obteve um momento de muito potencial para aprendizagem. Os dias vividos, os debates tecidos, as estratégias traçadas e o diálogo feito, modificam os sujeitos envolvidos nesses processos. Um momento único como esse deixa um lastro de cidadania e entendimento da necessidade do diálogo na sociedade pela luta por direitos.

A produção do mapa vivencial do sujeito 4 foge à maneira de produção dos outros sujeitos se compararmos. Esse mapa apresenta-se menos escolarizado que os outros. Uma quantidade menor de espaços do *campus* foi delimitada e a narrativa também aparece de forma diferenciada. Ao delimitar o espaço, logo narra como o usa, nomeando-o de acordo com a prática exercida. Por exemplo, ao delimitar o que sabemos que é o anel viário, a reitoria e seus entornos, o sujeito 4 não nomeia esses espaços com seu nome oficiais, mas o faz da seguinte maneira:

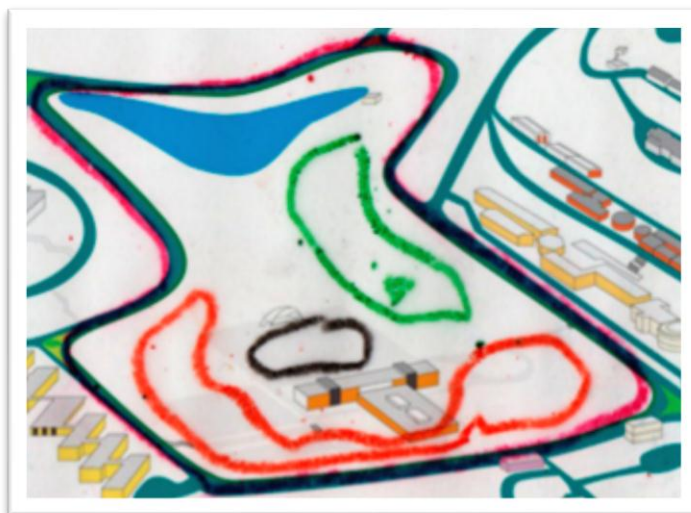


Figura 47 – Anel viário – Sujeito 4

[...] *Longboard: Uso para andar de longboard e bike.*

Bola: Jogo bola com um amigo e brinco com minha filha

Lazer: Sempre venho com minha filha e o cachorro para passear. [...]

Diferentemente dos outros, esse sujeito não possui vínculo formal com a UFJF. Os locais de uso se encontram na área central do *campus*. Nenhum momento

foi delimitado em seu mapa um espaço que seja um instituto. As práticas exercidas contemplam, em sua maioria, o lazer.

Merece destaque nessa produção o distanciamento de determinados espaços do *campus* quando não se há um vínculo institucional com a UFJF. Poderia para os outros espaços não haver muitos usos rotineiros, mas nenhum outro espaço fora a área central fora mencionado. Ainda, é interessante a atribuição dos nomes dado a esses espaços delimitados. Isso demonstra que aquele espaço é visto por esse sujeito apenas para essa função, diferente de como outros sujeitos se referem aos mesmos lugares na área central. Esse mapeamento aponta indícios que, os usos são distintos para os sujeitos com e sem vínculo.

Já foram citados ao longo do texto iniciativas que aproximam os sujeitos do *campus*, como as atividades na praça cívica promovidas pela UFJF, os grupos de pesquisa que dialogam com pessoas que vivenciam o que é debatido, entre outros. Mas a produção desse sujeito 4 ainda revela a necessidade de maior aproximação e fomento da vida no *campus* universitário. Seu uso ainda é bastante restrito para o grande espaço que o *campus* oferece, com tantas pessoas nele inserido e atividades acontecendo.

O sujeito 5 faz um interessante uso do *campus* por causa de sua profissão:

[...] Sou professor de bicicleta. Uso o espaço com meus alunos. Todos esses caminhos eu uso para dar aula. Tem subidas e descidas que ajudam nas aulas também. [...]



Figura 48 – Anel viário: subidas e descidas – Sujeito 5

O entendimento desse profissional para o *campus* parece ser de um espaço seguro para aulas de bicicleta, aproveitando não só a área central plana do *campus*, mas todo o *campus* universitário com suas subidas e descidas. Apresenta um contentamento para aquilo que encontra no *campus* da UFJF.

De fato, a produção dos mapas atrelada às narrativas constata a área central do *campus* como área comum de uso para as pessoas. Novamente esse espaço é trazido pelo sujeito 6, sendo mencionado da seguinte maneira para o uso:

[...] **Área central do *campus* e anel viário:** Para realização de caminhada, beber um suco, ler um livro e fazer fotos. [...]

As narrativas que se sucedem vão ampliando os usos encontrados para esse mesmo espaço. A necessidade dos espaços públicos fica cada vez mais nítida, uma vez que um único espaço público reúne tantos afazeres. O que é preciso é assegurar a continuidade do que já é existente no *campus* e ampliar para maior quantidade de pessoas nesse espaço na direção de maior diversidade.

O sujeito 8 descreve suas atividades na área central do *campus* assim:

[...] **Praça Cívica:** Faço ioga, meditação, alongamento e malho nos aparelhos próximo a pista de skate e ao Planetário. [...] É um espaço para andar de bike. [...]

Além da atividade física, o exercício da concentração através de atividades voltadas para a mente aparece nessa narrativa. O grande espaço na área central do *campus* proporciona a simultaneidade de atividades, desde as mais movimentadas àquelas exigentes em concentração.

Sobre outro espaço, agora a FAEFID, o uso que é feito pelo sujeito 8 exemplifica uma abertura que a UFJF faz para a comunidade. Vários são os projetos para usos dos aparelhos do curso de educação física, como o campo de futebol, academias de ginásticas e a piscina:

[...] **FAEFID:** Pratico esportes que são abertos à comunidade. [...]

Essa abertura integra a comunidade com os alunos da UFJF, criando ambientes de trocas, e tornando acessível a um espaço de formação em nível superior àqueles que procuram lugares para prática de desportos.

Um importante serviço público oferecido e relatado através das narrativas para o uso do *campus* universitário diz respeito aos tratamentos de saúde, como comprova a fala do sujeito 8:

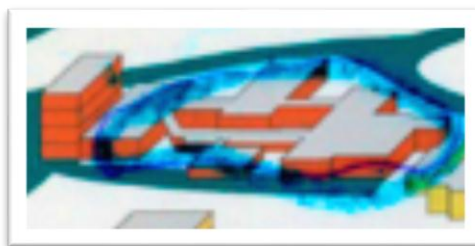


Figura 49 – Odontologia – Sujeito 8

[...] **Odontologia:** Faz tratamento dentário oferecido pela instituição. [...]

Uma maneira imediata de retornar à população os investimentos no ensino superior, é o oferecimento de serviços com os profissionais em formação orientados em seus departamentos. O reconhecimento da necessidade do ensino e pesquisa financiando através do poder público pela população pode emergir da disponibilidade desses tratamentos ofertados.

O sujeito 9 delimita muitos espaços do *campus* universitário. As Engenharias e o ICE aparecem brevemente relacionados aos estudos, tanto as salas de aula quanto a biblioteca do instituto.

[...] **Engenharia e ICE:** Assisto às aulas, uso a biblioteca do prédio Itamar Franco [...]

Sem prolongar sua fala sobre o RU, refere-se apenas ao uso para sua alimentação, parecendo ser rotineiro:

[...] **RU:** Para comer [...]

Os espaços aparecem da mesma forma como são relatados pelos outros sujeitos participantes da pesquisa, porém nos mostra uma maior formalidade no uso,

não havendo maiores descrições. Isto dito, não quer dizer que esse uso não contribua na sua formação.

Se para os espaços acima as atribuições de como se usa diferem de outros sujeitos que também os usam, por exemplo, para venda de doces e encontro de amigos, a área central não foge à narrativa comum na pesquisa encontrada. Vejamos:

[...] **Reitoria e entorno: Andar de bike e ir à biblioteca central, passear com o cachorro e praticar corrida** [...]

Esse uso, quando não é igual, se mostra muito similar aos de outros sujeitos. Infere-se uma quantidade significativa de pessoas buscando espaços públicos acessíveis na cidade de Juiz de Fora.

Outros dois espaços desacostumados no mapa do sujeito 9 são os pontos de ônibus:

[...] **FALE e Direito: Uso para pegar ônibus.** [...]

A rotina faz com que esse espaço torne-se significativo, portanto é demarcado em seu mapa. É uma confluência de sujeitos usuários do *campus* vinculados a variados cursos. Para o sujeito 9, a caracterização do anel viário aparece de forma bastante distinta em comparação às outras tantas narrativas feitas para esse espaço:

[...] **Anel viário: Percorro com o ônibus circular.** [...]

O sujeito parece não fazer um uso a pé pelo *campus*, e suas percepções acerca desse espaço se dão apenas no deslocamento diário pelo *campus* com o ônibus disponibilizado pela UFJF. Em contrapartida, em seguida faz um relato da seguinte maneira:

[...] **Centro de Ciências: Já fui ao centro de ciências.** [...]

O Centro de Ciências está localizado na área central do *campus*, no qual seu acesso só é permitido caminhando. O sujeito desconsidera essa atividade quando faz a narrativa mencionada acima, em que apenas percorre o anel viário de ônibus circular. Acredito que muitos usos, quando não estão claros no entendimento dos sujeitos, não conseguem ser cartografados.

Encerrando a categoria “locais de uso”, o sujeito 10 desta pesquisa faz a narrativa enquanto delimita a área central do *campus*:

[...] **Reitoria e entorno: Namorar, sacar dinheiro, visitar as exposições do prédio e relaxar junto às plantas dos jardins.** [...]

Muito próximo a outros usos encontrados nas produções dos mapas, destaco nessa fala o serviço oferecido dentro do *campus* com caixas eletrônicas. Esse tipo de serviço atrai um público para além daqueles vinculados à UFJF, que com certeza se beneficiam desse serviço oferecido. Logo, temos um contingente de uso fluxo além do imaginado no *campus* universitário. O prédio da reitoria possui um saguão de exposição, que durante todo o ano está ocupado por trabalhos de diferentes expositores. Muito bem pensando, o saguão interliga as três entradas e saídas do prédio, deste modo, todo aquele que pelo prédio adentra tem contato com o que está exposto. Diferentes temáticas vão sendo abordadas nas paredes internas do prédio da reitoria.

O sujeito 10 relata um uso bastante pessoal para a FALE:

[...] **FALE: Encontrar os amigos e professores. Continuar integrado para não perder o vínculo afetivo.** [...]

O uso constante de qualquer espaço cria um laço afetivo pelo sujeito. Certamente essa faculdade marcou de algum modo o sujeito que nos narra. Esse vínculo afetivo também cria a cidadania necessária para o sentimento de pertencimento junto ao espaço público a qual prezamos e defendemos neste trabalho.

A categoria que se sucede nas interpretações refere-se às maneiras como a UFJF divulga suas atividades no *campus* universitário: “divulgação”. Nessa categoria, as narrativas não aparecem na mesma quantidade das outras

estabelecidas, mas sua importância se faz presente, pois afeta diretamente o uso do *campus* universitário.

Começamos com a narrativa do sujeito 6 ao dizer:

[...] Minha irmã que faz o curso de engenharia, portanto sempre fica sabendo dos eventos. [...]

A relação familiar facilita o conhecimento das atividades do curso por parte do sujeito participante. Mas devemos pensar da seguinte maneira: uma universidade abrangente que alcance grande parte de sua população onde está inserida, é um caminho de propagação do conhecimento que somente será possível com uma divulgação eficaz. Se tivermos todas as classes de nossa sociedade presentes no ensino superior público, teremos também a produção do conhecimento sendo disseminado pelas regiões da cidade.

Ainda para o sujeito 8, as redes sociais são importante fonte de informação:

[...] Acesso o Instagram da UFJF como fonte de informação do que acontece. [...]

A conectividade se propagou rapidamente nos últimos anos pelo território nacional a partir do meio técnico científico informacional, inserindo o Brasil no mapa do acesso e uso da tecnologia no mundo. Porém, é preciso um grande cuidado com as generalizações de acesso à informação. Se ainda temos diferenças sociais graves na divisão societária, isso reflete também no acesso às tecnologias como fonte de informação do que é divulgado pela UFJF.

Passamos à interpretação da categoria denominada “comparação”. As delimitações e narrativas produzidas pelos sujeitos trazem algumas comparações com outros espaços e seus usos.

O sujeito 6, através de suas percepções a respeito do *campus*, o qualifica:

[...] Acredito que deveriam existir “faculdades” como a UFJF. Não precisa se identificar, qualquer um pode entrar. Isso é bom, porque é pública. [...]

Essa narrativa que abrange o *campus* universitário como um todo, relaciona-se à defesa por um espaço público democrático aqui já discutido e defendido, coloca em evidência o livre acesso sem a necessidade de identificação em seus pórticos de entrada (conferir figuras 2 e 3). Tal narrativa demonstra uma consciência cidadã por parte desse sujeito de como precisamos zelar por espaços como o *campus*, e da dificuldade existente de encontrá-los pelas cidades.

Fazendo também comparação, o sujeito 9 nos conta o seguinte:

[...] Sou de Petrópolis e não encontro espaços como o do *campus*. Vim pra cá. Aqui tem cultura, dança e diferentes artes. Não há outro espaço como esse na cidade. Em Petrópolis não tem isso [...]

Uma narrativa bastante ampla sobre o *campus* universitário traz a confluência de atividades, atentando para a grandiosidade desse espaço, visto que estão presente a dança e todas as outras formas de expressão artística que a cultura e arte tomam como forma de expressão. O espaço público deve ser ocupado com essas manifestações, produzindo uma linguagem que atente os sujeitos que assistem o que realizado. No relato, aparece uma antiga e conhecida cidade do país, Petrópolis no estado do Rio de Janeiro. Ainda assim, a falta de espaços públicos pela narrativa existe, por isso há dificuldade de encontrar o que chama de “cultura e diferentes artes” em sua cidade.

Outra interessante comparação entre *campi* diretos foi feita pelo sujeito 6:

[...] UFF Volta Redonda (RJ) tem que ter cadastro, não se pode caminhar livremente, é preciso fazer um crachá para o lugar específico que a pessoa deseja ir. Já a UFJF é livre para as pessoas irem a qualquer lugar. Segurança em todos os lugares. [...]

O sujeito coloca em evidência o que ressaltamos na UFJF: o livre acesso a todo tempo ao *campus*, e compara com seu *campus* onde cursa o ensino superior. O difícil acesso imposto pela outra instituição limita os encontros dos sujeitos, criando um ambiente meramente de estudos da maneira mais formalizada possível. Todos os passos daqueles que adentram esse *campus* são controlados. Ainda

demonstra sensação de segurança ao usar o *campus* da UFJF, o que é um importante fator para uso e ocupação dos espaços públicos da cidade.

Essa narrativa também dialoga com outra categoria, a de “espaço livre”, se repararmos a maneira como foi produzida. Portanto, usamos essa narrativa para fazer a transição para a próxima categoria que será interpretada a seguir.

Complementando as interpretações por categorias, fazemos as análises do que chamamos de “espaço livre”. O sujeito 1, sobre o IAD, traz uma característica em sua narrativa que nos coloca a pensar um espaço de muitas possibilidades:

[...] Ambiente transcende arte, é por essa razão. Não há restrição. As pessoas não te olham. [...]

A liberdade encontrada nesse instituto é uma liberdade que não é possível nos espaços privados das cidades. Ao mencionar que “não te olham”, refere-se a um julgamento não existente ao circular por esse espaço, ao mesmo tempo que é um espaço de encontros das liberdades humanas, das diversas maneiras ser no mundo. Pela narrativa, a segurança está presente, isso ocorre, pois é um espaço ocupado e usado e, como já dito nesta pesquisa, são as próprias pessoas, ao estarem nos espaços, que criam a atmosfera de segurança quando há a construção do respeito e entendimento que o espaço público é de todos, sendo possível que a pluralidade se manifeste.

O sujeito 4 relata um historicidade por trás do seu uso do *campus* universitário:

[...] Freqüente há mais de vinte anos. Sou morador próximo da UFJF. [...]

Esse sujeito é o mesmo que em sua produção cartográfica delimitou apenas áreas centrais do *campus*. Mesmo o uso do *campus* estando presente em seus hábitos há mais de 20 anos, os espaços permitidos a ele são restritos. Isso porque ele o usa como cidadão pertencente à cidade, e não como sujeito com vínculo à universidade. Transparece como o uso do *campus* ainda é limitado aos sujeitos de acordo com a função que existente.

Os usos do *campus* da UFJF pelos sujeitos participantes revelaram uma superação daqueles usos que poderíamos imaginar em um primeiro momento.

Somente acessando as vivências desses sujeitos participantes que podemos alcançar a dimensão formativa do *campus*, e enxergar a variedade de usos atribuídos a esse espaço.

CONCLUSÃO

Durante os dois anos de estudos no programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, como também a participação no grupo de pesquisa e estudos em geografia da infância (GRUPEGI), busquei sustentar as discussões levantadas ao longo da pesquisa e responder às inquietudes. Assim, cursei disciplinas que contribuíram com meu diálogo teórico metodológico.

A primeira dificuldade encontrada, e muito debatida para ser sanada, dizia respeito à abordagem para a realização dos trabalhos de campo. Tratando-se de um grande *campus* universitário, com um grandioso número de pessoas diariamente nele inserido, foi preciso pensar um caminho teórico metodológico que respondesse a questão levantada por essa pesquisa: como os mapas vivenciais revelam os diferentes usos do *campus* da UFJF? Após muitas conversas junto ao meu orientador e grupo de pesquisa, a decisão tomada não poderia ser outra. A abordagem deveria acontecer durante o uso do *campus* pelo sujeito. Essa conduta melhor responderia a questão que dá origem a esse trabalho.

Após essa resolução uma nova dificuldade apareceu: executar o que havíamos decidido. As pessoas, ao usarem o *campus*, se submetem a uma concentração da atividade realizada, de modo que foi preciso bastante observação para a aproximação até o sujeito, a fim de me apresentar como pesquisador e dar início à produção dos mapas vivenciais.

Produzir mapas fora do ambiente escolar se demonstrou um desafio. Foi necessário um minucioso diálogo com os participantes, de modo que estes se sentissem à vontade, e entendessem a produção dos mapas como uma livre representação do espaço geográfico dentro do recorte de pesquisa. Também houve a preocupação com as normas técnicas – outrora aprendidas na escola básica – por parte do sujeito produtor do mapa. Rompido com essa necessidade de uma cartografia única, alguns mapas ainda apresentaram maior rigor com as técnicas enquanto outros foram produzidos de maneira bastante livre. Todos conseguiram colocar no papel o que era necessário para a pesquisa.

Portanto, uma das contribuições deste trabalho é a imbricação de importantes conceitos das áreas da geografia e educação, uma vez que foram discutidas e trazidas de forma conjunta. Pensar o espaço geográfico por outro viés,

como a ideia de meio de Vigostki, é uma maneira ainda pouco debatida dentro da ciência geográfica. Percebo a necessidade de romper com o conhecimento científico ainda muito fragmentado. Dialogar entre as áreas do conhecimento é necessário, almejando outras leituras do mundo presente ancorados naquilo que fora produzido enquanto cultura, e demonstrado no espaço em outros tempos. Entre a geografia e a educação foi vital traçar a relação possível entre os referenciais, de modo que chegássemos a uma ideia comum nesse diálogo tecido, tão necessário pela proposta de pesquisa apresentada.

Outra importante contribuição dessa pesquisa diz respeito à metodologia utilizada. O caminho teórico metodológico escolhido foi inovador. Algumas pesquisas com mapas vivenciais já haviam sido realizadas, mas nenhuma ainda lidado com adultos e fora do espaço escolar. A produção de mapas vivenciais permite flexibilização diante do objetivo de pesquisa e com o público a ser trabalhado. Por isso, os trabalhos de campo foram realizados em dois momentos e com distintas perguntas de modo a contemplar os anseios do trabalho.

Pensar a representação do espaço geográfico de maneira outra, e assim permitir que os sujeitos – tanto nas pesquisas acadêmicas quanto na prática escolar –, possam se reconhecer em suas cartografias é uma nova proposta que pode sanar muitas perguntas nessas duas áreas do conhecimento. Saio da pesquisa com a certeza de pensar as referências destas duas áreas de maneira uma para que me auxilie e faça ampliar minhas práticas docentes e como pesquisador.

Seguindo com esse pensamento, reflito sobre a importância da geografia escolar ampliar sua maneira de conceber o ensino e aprendizagem com seus estudantes. A pesquisa demonstra uma intensa relação com o espaço por parte dos sujeitos pesquisados, e como a construção dessa unidade pessoa-meio é o fator importante no processo de desenvolvimento por toda a vida. Diante dessa constatação, percebo que o ensino de geografia dentro das escolas precisa considerar mais a atuação do próprio aluno na produção do seu espaço, a partir das vivências dele desenvolvidas.

Temos inúmeras novas metodologias que avançaram na construção do saber geográfico. Muitos docentes fazem essa reflexão e oferecem aos seus alunos novas possibilidades de se aprender a geografia. Porém, percebo ainda práticas pontuais por iniciativa destes professores, mas ainda descoladas dos currículos, o que sustentaria novas metodologias de ensino ao longo de todo o ano letivo.

A cultura produzida pelo homem como ser geo-histórico se faz presente por todo espaço geográfico. Essa afirmação debatida ao longo do texto é primordial na formação humana. Feito esse reconhecimento, o ensino de geografia escolar ainda fixa seus processos de ensino e aprendizagem distante de muitos espaços em potencial. Fazendo analogia ao recorte desta pesquisa, em que demonstramos o quão formativo é o *campus* universitário da UFJF, vários outros espaços fora dos limites da escola corroboram para o ensino e prática da geografia escolar precisando ser explorados.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Cassiano Caon. **O uso do território brasileiro e as instituições de ensino superior**. USP, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1991.

COSTA, B. M. F; AMORIM, C.C. **Geografia escolar e as experiências da cartografia com crianças: construindo mapas do colégio de aplicação João XXIII**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul/dez. 2015.

DE PAULA, João Antônio. **A cidade e a Universidade**. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.) *As cidades das cidades*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 197p. – (Coleção IEAT)

DIAS, Leila Christina et al. (Org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis: Insular, 2011. 264 p.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. 2. ed. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 218 p.

FOCAULT, M, 1986 (1967). **Of other Space**. *Diacritics*, v. 16, n 1.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição urbana: Ensaio de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

JEREBTSOV, Serguei. *Gomel - a cidade de L.S. Vigotski: Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria historicocultural de L.S. Vigotski*. **Veresk – Cadernos Acadêmicos Internacionais**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 07-28, 2014. Anual.

LOPES, J. J. M. **A “natureza” geográfica do desenvolvimento humano**: Diálogos com a teoria histórico cultural. In: TUNES, E. (Org.). O fio tenso que une a psicologia à educação. Brasília: UniCEUB, 2013b.

_____. **As formigas também saem para passear**: por uma escala das crianças e suas vivências espaciais in Chaigar, Vânia A.M. et al. As cidades, as crianças e os animais. Ed Appris, 2013.

_____; LIMA, R. J. **A cartografia nas mãos – e nas vozes – das crianças**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./dez. 2015.

MOREIRA, Ruy. **A Universidade e os espaços do pensamento crítico**. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo et al. (Org.). **Milton Santos e o Brasil**: território, lugares e saber. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 314 p.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**: Traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012. 255 p.

SACK, R. D. **O significado de territorialidade**. In: Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Leila Christina Dias Maristela Ferrari (organizadoras), Florianópolis: Insular, 2. ed. rev., 2011. 264 p.: il.

SANTANA, Claudia da Costa Guimarães. **A pedologia histórico-cultural de Vigotski**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 254 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª edição. São Paulo. EdUSP, 2005.

_____; SILVEIRA, María Laura da. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011. 480 p.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 205 p.

SOUZA, Maria Adélia de et al. (Org.). **Território brasileiro**: usos e abusos. Campinas: Edições Territoriais, 2003. 610 p.

OTTA, Lu Aiko; FERNANDES, Adriana. **Banco Mundial sugere fim do ensino superior gratuito no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/banco-mundial-sugere-fim-do-ensino-superior-gratuito-no-brasil/>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Quarta aula:** a questão do meio na Pedologia. PSICOLOGIA USP, São Paulo, 2010, 21(4), 681-701.

_____. A crise dos sete anos. Traduzido de: VIGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006. p. 377-386.

_____. **Imaginação e criação na infância:** ensino psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/ Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossários de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017 (1º edição). 376 p.

YAZBECK, Lola. **As origens da Universidade de Juiz de Fora.** 1999. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faced, Puc - Rj, Juiz de Fora, 1999. Cap. 5.

APÊNDICE 1

TRANSCRIÇÃO DO CORPUS

Sujeito 1

Frequento o IAD, me identifico com o espaço. Ambiente transcende arte, é por essa razão. Não há restrição. As pessoas não te olham.

RU: Almoço e janto. É um espaço para socializar.

ICE: Estudos. Fiz uma disciplina que não era confortável.

FALE: Frequento para estudos.

Praça Cívica: Fazer piquenique, fumar e ir a festas. Encontros amorosos. Uso com os amigos.

Direito: Estudos.

ICH: Para ir as festas e aulas. Reuniões de movimentos sociais. Onde aconteceu minha primeira apresentação como *drag queen*.

FAC: Pertença ao curso. Onde fico maior parte de Meu tempo. Onde aconteceu minha primeira aparição como *drag queen* e também já se apresentou.

Odontologia: Tratamento dentário.

Anel viário: Atividade física.

Reitoria: Trabalho como bolsista.

Facom/FACED: Estudos.

Vida como *drag queen* nasce na UFJF.

Estacionamento: Festas; Chás de Quinta, EREGEO, festa da história. Fui como *drag queen* em algumas delas.

Sujeito 2

FALE: Choro. Estudos. Grupos de pesquisa.

Ando pouco pelo *campus*. Vou ao Encontro de Mc's, vendo doces. Centro Acadêmico. Participo do CA. Contemplação e encontro amigos.

ICB: Dar "rolezinho", vender doces para arrecadar uma grana. Bolsa não é o suficiente.

ICH: Também vender doces. Estudos. Grupo de estudos África. Atividades culturais, festas e fumar.

RU: Refeições, mas não gosto da comida. É um local de encontro.

IAD: Contemplação no bosque. Empatia. Sinto liberdade e tenho amizades. Serve para sessão de fotos e ir às festas.

FACED: Inferno. Utopia. Desisti da licenciatura. Optei pelo bacharelado. Vou ao chá de quinta. Briguei com professores e alunos.

Sujeito 3

ICE: Meu pai é professor. Encontro meu pai lá.

Submundo: Auditório abandonado. Serve para sessões de fotografia e prática de lazer. Para fumar e encontrar pessoas.

Praça Cívica: Som Aberto, DCE, Festa Vermelha da UJC. Encontro meus amigos na praça. É um ponto de encontro. Já vinha com a família antes do ingresso na UFJF. Entrei em 2015. Vinha aos finais de semana para andar de bike e brincar ou passar meu aniversário.

Observatório: Contar histórias e SEMIC

Reitoria: Movimentos sociais e estudantis, a ocupação. Local de cultura.

Direito: Discussões sobre o movimento estudantil e sociais. Assistir a banca de mestrado e vender doces.

Facom: Vender doces. Dei “rolezinho”. Tenho uma amiga que cuida do jardim da Facom.

FAEFID: Acompanho meu pai fazer exercícios.

Arquitetura: Socializar. Conheço pessoas.

Creche: Projeto de contação de histórias uma vez por semana para crianças.

DCE: Festas e demandas do CA.

Praça Cívica: Vinha para a praça antes de pertencer a UFJF. Não é um espaço voltado para educação. Não é um espaço público para integrar a sociedade. Espaço que pode vislumbrar o futuro. A polícia militar não deveria estar no campus.

Sujeito 4

Longboard: Uso para andar de *longboard* e bike.

Bola: Jogo bola com um amigo e brinco com minha filha.

Lazer: Sempre venho com minha filha e o cachorro para passear.

Frequento há mais de vinte anos. Sou morador próximo a UFJF.

Praça Cívica: Frequento as festas quando tem.

Transcrição de campo após qualificação

Sujeito 5

Promove eventos, excursões das escolas, tem o Planetário.

Espaço para educação física. É um ótimo espaço para uso físico.

Sou professor de bicicleta. Uso o espaço com meus alunos. Todos esses caminhos eu uso para dar aula. Tem subidos e descidas que ajudam nas aulas também.

A ciclovia não é respeitada, usam como pista de corrida.

Sujeito 6

Área central do *campus* e anel viário: Para realização de caminhada, beber um suco, ler um livro e fazer fotos.

Frequento os eventos da engenharia assistindo cursos e palestras. Minha irmã que faz o curso de engenharia, portanto sempre fica sabendo dos eventos.

Frequento o Planetário e Centro de Ciências.

Acredito que deveriam existir “faculdades” como a UFJF. Não precisa se identificar, qualquer um pode entrar, isso é bom, porque é pública.

UFF Volta Redonda (RJ) tem que ter cadastro, não se pode caminhar livremente, é preciso fazer um crachá para o lugar específico que a pessoa deseja ir. Já a UFJF é livre para as pessoas irem a qualquer lugar. Segurança em todos os lugares.

O *campus* é bem cuidado. Há um parque para cachorros.

Os eventos dos outros cursos deveriam ser mais divulgados e o que acontece no *campus*.

Acesso o Instagram da UFJF como fonte de informação do que acontece.

Sujeito 7

Os outdoors com mensagens espalhados pelo *campus* como uma maneira de promoção da educação. Discussão sobre os direitos e deveres dos alunos. Campanhas sobre vacinação.

Eventos na Praça Cívica como Som Aberto, promovido pela UFJF. Evento que permite diversas bandas com elementos culturais diferentes terem seu espaço.

IAD: Movimentos culturais feitos pelos alunos de inclusão de minorias. Tudo isso é uma maneira de promoção de educação no *campus*.

ICH: Faço uma disciplina eletiva.

Ponto de ônibus da FALE: Pegar o circular. É um ponto de encontro entre as pessoas, daí pode surgir alguma coisa desse lugar.

Sujeito 8

Praça Cívica: Faço ioga, meditação, alongamento e malho nos aparelhos próximo a pista de skate e ao Planetário.

FAEFID: Pratico esporte que são abertos à comunidade.

ICB: Andar pelos caminhos do Instituto.

Anel viário e Praça Cívica: Fazer caminhada.

Odontologia: Faz tratamento dentário oferecido pela instituição.

Frequento o *campus* desde o “Domingo no *Campus*” que havia apresentação de shows, aulas de karatê para as crianças.

É um espaço para a galera andar de bike.

Aqui a comunicação rola. Encontrar pessoas que não conhece. Assim promove a educação.

Sujeito 9

Engenharia: Assisto às aulas, uso a biblioteca do Itamar Franco.

ICE: Assisto às aulas.

RU: Para comer.

Reitoria e entorno: Andar de bike e ir à biblioteca central, passear com o cachorro e praticar corrida.

FALE: Uso para pegar ônibus.

Direito: Uso também para pegar ônibus.

Anel viário: Percorro com o ônibus circular

Centro de Ciências: Já fui ao Centro de Ciências

Acho que o *campus* integra as pessoas com atividades culturais e para a família. O Centro de Ciências possibilita a vinda dos estudantes da UFJF e de fora. A vegetação do *campus* pode ser usada na pesquisa.

Sou de Petrópolis e não encontro espaços como o do *campus*. Vim pra cá. Aqui tem cultura, dança e diferentes artes. Não há outro espaço como esse na cidade. Em Petrópolis não tem isso.

Sujeito 10

Reitoria e entorno: Namorar, sacar dinheiro e visitar as exposições do prédio e relaxar junto às plantas dos jardins.

FALE: Encontrar os amigos e professores. Continuar integrado para não perder o vínculo afetivo.

Anel viário: Área para caminha e relaxar.

Praça Cívica: Para fumar e ficar sozinho.

A promoção da educação não acontece só no processo de troca na escola e na faculdade. Educação parte do ambiente de conhecimento, não somente do professor e aluno. Sozinho ele conhece novas coisas. Cada folha seca no chão são fenômenos diferentes para cada folha. Isso traz coisas novas, tem um conhecimento a ser conhecido. É a promoção do conhecimento.

Estar em um lugar que te oferece coisas novas a cada dia, traz conhecimento. A ideia da Universidade Federal oferece a ideia que sempre verá pessoas diferentes. É um universo com confluência de várias particularidades.

Conhecer os outros, pessoas diferentes e mudam sempre. Se há conhecimento, há educação. Educação das novidades, do que é inédito. Quem me vê duas vezes, nunca me vê igual. Isso é conhecimento, porque promove impactos diferentes.